



FEVEREIRO

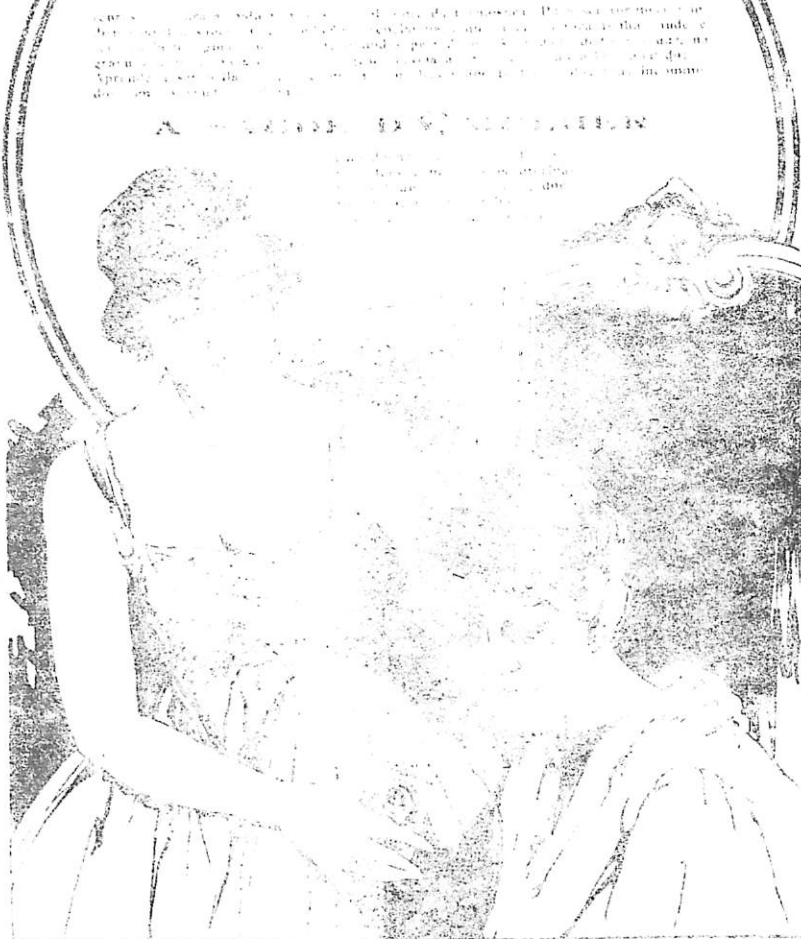
Revista Feminina



ANNO IX - N. 93

PREÇO: 1\$200

a Saude da Mulher



Assinatura annual para todo o Brasil 150000
Assinatura com registro 200000
Idem para o estrangeiro 300000

Revista Feminina

Redação
AVENIDA S. JOÃO N. 87
Primeiro andar
Telephone N. 6659 Cidade

FUNDADA POR VIRGILINA DE SOUZA SALLES

Secretaria: Avelina de Souza Salles

O 1.º Congresso Brasileiro de Jornalistas declarou que a "Revista Feminina" é um modelo digno de imitação.

Sua Eminência o Cardeal Arcoverde afirma que a "Revista Feminina" é redigida com elevação de sentimentos e largueza de vistas.

ANNO IX

SÃO PAULO, FEVEREIRO DE 1922

NUM. 93

FEVEREIRO



AO nos cansamos de repetir que o feminismo de que se fez paladina nossa penna, não é o feminismo anárquico, belicoso, ridículo e incoerente, que tanto se tem prestado à caricatura e à ironia; e sim o feminismo conservador da religião e da família, o feminismo defensor de nossas sagradas tradições raciais, feminismo que só pôde ser applaudido e louvado pelos espíritos que compreendem as leis inelutáveis da evolução, e com ellas trilharam conformes na doutrinação de suas crenças. Pois apesar disto, apesar de nossa insistência em defender corajosa e desassombradamente a religião e a moral de nossos avós, não nos faltam de vez em quando censuras descabidas de rigoristas intolerantes, para os quaes a função da mulher está deslocada porque ella nasceu para viver no capiteiro masculino, massa humana puramente material, incubadora da raça, que deve, apenas, conceber, procrear e dirigir a economia domestica... Mas pôde haver, sinceramente, quem ainda assim pense, em pleno século de transformações sociais absolutas, quando em todos os paizes da terra a mulher é offerecido o lugar que lhe compete na colaboração que se pede aos homens, às crenças, às tradições, às almas mortas e às almas vivas da raça, ao proprio ambiente dos lares, aos proprios pulmões humildes das choupanas palhaças, para a reconstrução material e moral do mundo após a devastação da guerra, e a todos elles se pede que façam ouvir suas vozes e exponham seus agravos?

Ora, o que nos entendemos por feminismo é, apenas, aquillo: o direito de collaborar na grande obra da reorganização do mundo, obra de amor, de religião e de piedade nos campos do odio, da intolerância, e da ambição em que se preparam as scaras de sangue fratricida. Este direito de collaboração tem sido requerido até mesmo pelas forças sociais que se achavam apartadas das correntes dirigentes, em insulamento que representava protesto contra ellas, e que entenderam necessário voltar a dar-lhes palavra, para evitar que males mais devastadores assolassem a terra. E entre essas forças nenhuma é maior do que a do papado. Desde a entrada das tropas italianas em Roma,

o Summo Pontífice da religião da maioria dos brasileiros considerou-se prisioneiro, e afastou-se por completo das correntes politicas que dirigiam o mundo. E entretanto, deante da calamidade que se desencadeou sobre a terra inteira, como justo castigo a seus desmandos, e ao desenfreamento crescente de suas ambições e de seus costumes, Benedicto XV, cuja morte toda a humanidade sentidamente lamenta, deu ao Vaticano orientação nova e segura e, destruindo os cordões de insulamento que, em precavida prophylaxia, preparando a religião e a politica, resolveu penetrar nos campos onde lavrava a tremenda epidemia, não para se deixar contaminar por ella, senão para salvar de sua destruição o pouco de patrimonio moral e religioso que restava à humanidade. E o resultado de sua obra colossal, que o presente ainda não pôde admirar em toda sua plenitude, foi, além dos effectos occultos que se derramaram nas almas, as victorias politicas da aproximação da Inglaterra, da Alemanha, da França e de outras potencias que voltaram a prestar reverencia e a enviar credenciaes a seu poder temporal.

Quantos e quantos espiritos, dos que se afeiram aos preconceitos, dos que se vendam os olhos com a faixa impenetravel da rotina, dos que empacam os ouvidos na mais dura das pedras multifarias da intolerancia, não se levantaram, então, contra o Summo Pontífice, e não pretenderam que o Vaticano se desinteressasse da reconstrução do mundo, e continuasse à margem da vida social como uma folha resequida que a corrente dos seculos havia esquecido numa pagina fechada da historia?

E não foram espiritos mediocres ou inferiores os que se atreveram com o poder supremo da religião na terra: foram grandes pensadores, foram espiritos cultivados, que á força de militarem nas mesmas idéas nas batalhas dos dias ou nas meditações das noites, velam por ellas com accendida e ciumenta chamma que não admite o evoluer dos dias possa altear o programma do passado.

Eis porque não nos magoam, e nem nos demovem as censuras que uma vez por outra, de envolta com milhares de applausos, nos chegam ás mãos. O exemplo que seguimos é

desta figura extraordinaria de sacerdote, de diplomata e de estadista que foi Benedicto XV. O que pedimos é o que elle pediu: a reconstrução da moral dentro da religião e das tradições. Se isso é crime, se isso é anarchismo, se isso é feminismo reprovavel: se acompanhar as correntes da evolução, e com ellas transigrir até onde não se encontrem com os princípios essenciaes da crença, para evitar que de vez se perca o barco por inadaptação das velas e dos remos aos ventos reinantes: se defender a família, e pedir para ella voto na assembléa politica, de modo que não continuem a correr á sua revelia as questões que mais de perto lhe dizem com a manutenção moral: se convidar as mulheres a não se desinteressarem dos assumptos que tocam lindas com os mais altos interesses da patria, nesta hora dolorosa e suprema em que a politica sem alma e sem consciencia mette as mãos no Erario publico, e despedaça a moral para justificar seu roubo: se pedir para a mulher um pouco mais de consideração e de attenção do que a que se dispensa aos cachorrinhos da Pomerania que nos leitos de luxo da infelicidade substituíram os filhos que deviam defender a honra da casa, e da patria, e a religião dos seus maiores: então, sim, arpelem-se contra nosso feminismo conservador, moralizador, mantenedor da familia, e defensor da religião e da moral!

Não creiam, porém, os intransigentes que com sua intransigencia possam forçar ás mãs as portas sociais, e obrigar as correntes modernas a se captivarem a seus preceitos absolutos. Não: a propria religião já o comprehendeu, pois todas suas regras, e notadamente as de jejum, de abstinencia e de penitencia se tem abrandado e dilatado para se adaptarem á vida hodierna; e ainda agora sua propria politica se modificou, de politica de intransigencia para politica de aproximação, com a figura inconfundivel de Bento XV, sobre cujo tumulo, esta chronica e esta revista depositam as flôres mais sinceras de sua admiração, de sua veneração, e de sua saudade...

ANNA RITA MALHEIROS.

(Para a "Revista Feminina" de S. Paulo)

15 de fevereiro de 1922

O QUE DIZEM DE NO'S

Continuamos a transcrever aqui alguns topicos das numerosas cartas que nos são dirigidas. Sirva isso de estímulo às patriotas que permanecem inertes, de braços cruzados, deante da luta em que as outras, mais corajosas, se empenham, recorrendo a esta revista como a um elemento seguro de triumpho.

Eis alguns trechos da carta que nos endereçou a exma. sra. d. Marianna F. Souto de Magalhães, do Rio de Janeiro:

"Quem leu a *"Revista Feminina"*, preferir-a a todas as demais, não apenas pela belleza do seu aspecto e pela excellencia da sua collaboração, mas pelo seu programma de combate, pelo qual se devem interessar todas as brasileiras adiantadas, e pela sua esmerada moral. As senhoras de larga visão intellectual, offerece ella os elementos para a luta da vida, a coragem para se libertar das peccas que as escravizam, o estímulo para se desembaraçar dos mil e um preconceitos dentro dos quaes vive a mulher encerrada; as que buscam de preferencia a leitura como entretenimento, offerece allia, mais que todas, o encanto irrealistico do seu texto, em forma de novellas e composições de phantasia; ás mezinhas, as agradáveis e lindas lições de moral, e a todos, conforme o gosto de cada um, as interessantes secções de sciencia, medicina domestica, moda, trabalhos femininos, arte applicada e arte pura, sports e curiosidades. A *"Revista Feminina"* basta para fazer a cultura de uma mulher, porque é uma verdadeira enciclopedia onde se enfeixam todos os conhecimentos humanos, tratados numa linguagem elegante, correcta e simples ao mesmo tempo. Creio bem que, se não fosse a *"Revista Feminina"*, a mulher brasileira ainda estaria desamparada e ainda não se teria interessado pelas questões feministas que hoje agitam todos os povos adiantados. As patriotas intelligentes, que se orientam por essa revista, deviam armar-se de coragem e dedicar-se a ella, fazendo d'ella o seu ideal, trabalhar por ella, dedicar-se a ella com enthusiasmo, porque da sua prosperidade, da sua accitação, da sua larga vulgarização é que fica dependente a futura segurança da mulher brasileira".

Da exma. sra. d. Judith Vianna, de Alfenas:

"Sou velha admiradora e leitora assidua da magnifica *"Revista Feminina"* e impuz-me a agradável tarefa da propagação".

Da exma. sra. d. Zilah Braga, de Niteroi:

"A maior propaganda dessa revista farei sempre, como a melhor no genero".

Da exma. sra. d. Cecilia Trompowsky, de Itajahy, Estado de Santa Catharina:

"Para escrever a *"Revista Feminina"* estou sempre em campo".

Da exma. sra. d. Maria Amelia de Andrade, de Caxambu, Estado de Minas:

"Envio-lhe minhas sinceras saudações pelas constantes victorias da revista".

Da exma. sra. d. Generina Valle, de Caicó, Rio Grande do Norte:

"E' com honra que exerço o cargo de agente da revista".

Da exma. sra. d. Maria do Carmo Buarque, Engenho Conceição, Estado de Alagoas:

"Aconselhada por minha distincta amiga Theresza Gomes Ferreira, resolvi assignar a *"Revista"*, que considero a primeira no genero.

Agora que a conheço, sinto immenso não ter a mais tempo sciencia dessa revista, tão util quanto deliciosa. Tudo nella é tão proveitoso, revelando em cada escripto uma elevação de idéas e nobreza de aspirações, multíssimo raras nas revistas de hoje. O que agrada sobretudo são os bellissimos artigos de d. Anna Rita Malheiros, de quem sou fervorosa admiradora, e posso dizer aliada no que diz respeito á conquista do que deve ser o ideal da mulher brasileira — a emancipação dos preconceitos que a tornam escrava do homem".

Da exma. sra. d. Carlota de Lima Brandão, de Aguas Virtuosas, Estado de Minas:

"Sou grande apreciadora e admiradora da *"Revista Feminina"*, e hei de empregar todos os meus esforços para servir para fazer a conhecida em todos os lares".

Da exma. sra. d. Stella P. Cotta, de Saude, Estado de Minas:

"Sinto-me lisonjeada pelo cargo de representante, nesta localidade, da *"Revista Feminina"*, pela qual tenho trabalhado e empenhado esforços para a tornar conhecida, pois é uma publicação optima e proveitosa".

Da exma. sra. d. Teresina S. Moscarelli, Pernambuco:

"E'-me grato manifestar publicamente que a *"Revista Feminina"*, da qual sou extremamente admiradora, é um verdadeiro palladio das sabias virtudes da mulher, que é a base da sociedade. Sinto-me deveras satisfeita todas as vezes que recebo a *"Revista"*, não obstante os meus affazeres domesticos, e procuro lê-la religiosamente e com a convicção que todas nós, donas de casa, devemos tê-la por companheira nas horas de descanso para poder bem apreciar-a, pois é uma escola de moral domestica e scientifica. Em toda parte onde estiver, mesmo na minha querida e bella Italia, jámais me esquecerei que, no glorioso, mimoso e hospitaleiro Brasil existe a *"Revista Feminina"*, que honra a literatura do Continente Sul Americano".

Da exma. sra. d. Aurelia L. Prado, de Usina Fortuna, Estado de Sergipe:

"A direcção da *"Revista Feminina"* pôde contar sempre com a minha boa vontade e com a minha dedicação, porque sou uma entusiasta da revista".

Da exma. sra. d. Honorina Candida Ribeiro, de S. Eduardo, Estado do Rio:

"Dedico-me á *"Revista Feminina"* com enthusiasmo e com ardor, e desempenho os meus encargos de representante com grande prazer".

Da exma. sra. d. Angelina Corrêa, Usina de Goyanna, de Monteiro, Pernambuco:

"Desde que tomei assignatura dessa revista que tenho sido sua grande admiradora e é com ansiedade que espero todos os mezes os numeros para ler. E' pois, com satisfação que tomei o encargo de propagar a revista, trabalhando com esforço por ella, fazendo tudo que estiver ao meu alcance. Todas as brasileiras se devem interessar pela *"Revista Feminina"*.

Do sr. Mario Ferreira, de Bomfim, Estado de Goyaz:

"Antigo leitor da *"Revista Feminina"*, tenho orgulho em poder demonstrar o meu enthusiasmo por ella. Tenho interesse em que ella seja divulgada entre as minhas conterraneas. Essa revista, fundada pela virtuosa e di-

REVISTA FEMININA

gnissima brasileira d. Virgínia de Souza Salles, merece os applausos e o apoio de todas as nossas patriotas".

Da exma. sra. d. Guiomar Lellis da Silva, de Montes Claros, Estado de Minas:

"Prometti a mim mesma, no interesse de servir a revista, fazer tudo o que em mim couber pela sua divulgação neste recanto do norte mineiro. Não ha alma feminina que não se sinta cheia de esperança ao ler o programma a que se propõe esse órgão; e por mais espinhosa que seja a estrada a percorrer, todas sentimoas que a victoria será nossa".

Da exma. sra. d. Gasparina Werneck, de Oriente, Estado de Minas:

"Sempre fiz propaganda da nossa revista; e até esta data nunca me esqueci della toda vez que palestro com minhas amigas, influindo-as para que se interessassem por ella. A "Revista Feminina" é o ideal do genero e de outra não sei que se lhe compare".

Da exma. sra. d. Carmen Junqueira Reis, de S. Gonzalo do Sapucahy, Minas:

"Nesta cidade, onde conto muito boas amigas, tenho sempre trabalhado com todo o prazer e dedicação pelo progresso e advancemento de tão apreciada revista, que, quanto mais leio mais aprecio. Trabalharei por ella com assiduidade, propagando-a o mais possivel, pois é uma revista que só traz beneficios aos nossos lares".

Da exma. sra. d. Celina Corrêa da Costa, de S. Salvador, Bahia:

"Maravilhada com as riquissimas joias de literatura que refulegem em as paginas da applaudida "Revista Feminina", da qual me orgulho ser obscura assignante, ouso, satisfazendo um desejo incoitido, patentear esta pallida guão sincera admiradora. A campanha pró-feminismo, arrogantemente sustentada e insospitavelmente discutida em todos os numeros dessa revista, está a merecer os mais calorosos encinhos por parte do sexo fragil. Fazia-se mister que todas as brasileiras, coheas, se irmanassem a este movimento, que tem tido como principal caudista a penna fulgurante de Anna Rita Malheiros, que embevece e arrebatada. A mulher, a meu ver, tem apenas de fragil a presumpção que o perpassar dos seculos lhe vem imprimindo. Quando de futuro se der, o que incontestavelmente succederá, a egualdade de funções por os dois sexos, se desvanecerá tal presumpção, e cita forte, tão forte quanto o homem. A educação da mulher moderna já se vae afastando dos dogmas de outrora e a sua transformação de "companheira", papel exclusivo que se tem adaptado ás irmãs de Eva até os presentes tempos, já se vae aorando embora a passos vagarosos. E para nosso conforto a concorrência feminina já se vae impondo".

Da exma. sra. d. Philomena Oliva de Almeida, de Monte Azul, Estado de S. Paulo.

"Tenho feito entre as minhas collegas a propaganda da "Revista Feminina". Minhas relações de amizade não são muitas porque ha pouco tempo que estou morando aqui; mas faço sempre o que posso no pequeno circulo em que me acho, em favor da nossa revista, que é a defensora dos nossos ideaes".

Da exma. sra. d. Priscilla Figueiredo Porto, de Castro Alves, Estado da Bahia:

"Sinto-me jubilosa pelo nobre encargo que exerceo de propagar a "Revista Feminina". Não pouparei esforços afim de que, nesta cidade, tenha a querida revista a mais ampla divulgação, porque sou a mais entusiasta das suas admiradoras".

Da exma. sra. d. Isaura Santos, de Itajubá, Estado de Minas:

"Preciso de algum modo cooperar na grande obra da "Revista Feminina", que ha tanto tempo merece na minha parte o maior enthusiasmo. Tenho esperanças de propagar a revista e, com essa leitura, diffundir em nossos lares os sãos principios da educação moral da mulher".

Da exma. sra. d. Noemia da Cruz Ribeiro, de Itabayana, Parahyba do Norte:

"Como embaixatriz que sou dessa boa revista, tenho agradecer desvanecida a honrosa acumbencia e testemunhar a minha franca collaboração na propaganda da boa causa, que tanto nos ennobrece. Faço votos para que a revista triumphe sempre, pois o seu programma é um estimulo para a intelligencia e desenvolvimento da mulher brasileira".

Da exma. sra. d. Francisca R. Silveira, de Gravata, Estado de Pernambuco:

"A despeito dos meus grandes affazeres domesticos e commerciaes, empregarei sempre o maximo esforço para maior engrandecimento de tão illustre revista, onde se encontram verdadeiras lições de moral, noticias scientificas e literarias de grande appreciamento para a sociedade pernambucana. Essa revista encontra sempre um entusiastico apoio onde quer que appareça".

Da exma. sra. d. Conceição Silveira, de Rio Pardo, Estado do Espirito Santo,

"Excusado é dizer o enthusiasmo que tenho pela "Revista Feminina". Tenho sempre empregado todos os esforços para maior gloria e exito da utilissima publicação".

Da exma. sra. d. Eulina Pereira Coelho, de Curraes Novos, Rio Grande do Norte:

"Fui sempre uma humilde admiradora dessa bella e luminosa revista. Queria ser util, na altura das minhas fracas posses, á intrepida defensora dos direitos e da pureza dos costumes da mulher brasileira, que é a "Revista Feminina", a unica em nosso paiz que tem tomado o encargo de tão importante desideratum".

Da exma. sra. d. Maria Puzza Fernandes de Mello, de Macau, Rio Grande do Norte:

"Apesar dos meus grandes misteres domesticos, do que, na qualidade de mãe de familia, me vejo sempre cercada, accetto o encargo de representar a revista, considerando que assim procedendo, irei prestar serviço não pequeno á causa da sociedade da minha terra, á qual me ufano de pertencer".

Da exma. sra. d. Dhalia B. de Paiva, de Itajubá, Estado de Minas:

"Estou de pleno accordo com os conceitos da revista sobre o papel da mulher no lar e na sociedade. Vou agir neste novo meio de minhas relações, ou, se que parece, a revista conta com grande numero de admiradoras".

Da exma. sra. d. Helita d'Assis F. Baptista, de Amar-gosa, Estado da Bahia:

"A "Revista Feminina" é a que mais aprecio pelos escriptos que ornão seus paginas e, além disso, é a melhor que conheço. Aprezentou-a a todas as minhas amiguinhas como leitura indispensavel para senhoras, senhoritas e collegas".

CARNIVAL



Pego perdão às minhas leitoras se na chronica deste numero, destinada á moda, não lhes offereço o prato costumeiro. A culpa não é minha, e sim destes dias que correm barulhentos, em que ninguem fala nem pensa a serio e em que só temos ouvidos para ouvir cornetadas de papelão que guincham estridentemente pelas ruas, olhos para admirar as "toilettes" mirabolantes que se ostentam por ahi, e olfacto para sentir o ether perfumoso de que o ar da cidade está saturado. De resto, quem vae pensar em modas sérias nesta época em que a ausencia de modas é a unica que se permite?

Carnaval! cá está uma palavra que nos sôa aos ouvidos como guisos, como os guisos que Arlequin sacode. Com muitos mezes de antecedencia procuramos no almanack o dia destinado á commemoração de Momo. Lá o encontramos marcado com tinta vermelha. Tudo é vermelho nesta epoca, vermelho como a capa de Me-phistopheles e como os labios de Colombina, avivados de

carmim. Mas um dia de loucura é tão pouco! Um dia só entre trezentos e sessenta e quatro de vida sisuda, é uma ninharia! E' um oasis minuscuro num deserto infinito. Porisso, por um consentimento tacito e unanime dos povos, foi adoptado que esse dia

fosse antecipado por trinta ou mais dias de loucura preparatoria... A festa do Carnaval, antes do seu triduo, realisa-se em fórma de bailes; após os bailes, pela manhã, vêm-se pela rua os frangalhos suarentos das "phantasias",

os rostos cansados em que o "maquillage" desbotou...

Os poetas das cas especiaes, plebe compõem versos e music, reunidos em "cordão", misturam-se com a turba, a cantar as suas coplas indecentes e a cirandar os quadris em tangos larcivos. Tudo é

lascivo, e a voz em falsete dos mascarados põe em tudo o estribilho bufão da sua troça.

O rosto das mulheres tem uma graça, uma fulguração inesperada. As feias são sempre graciosas, e as bellas, por mais fria que tenham a sua belleza, são sempre perturba-



Tango de Pierrot.

doras. Lá vem um caminhão todo enfeitado de palmas e flores; ao centro um caramanchão, e em torno um grupo numeroso de mocinhas uniformizadas de Colombinas. A gente não sabe em qual demorar os olhos, porque são todas igualmente interessantes, cada qual em seu typo...

O Carnaval tem a virtude — se pôde haver virtude no desvario — de desmascarar as hypocrisias. O individuo que põe uma mascara ao rosto ou esconde as feições sob uma camada de alvaiade, revela-se na sua verdadeira personalidade; é elle proprio, sem disfarces nem dissimulação. Elle só realmente se disfarça da quarta-feira de cinzas em diante... Quer isto pois dizer que a vida é um perfeito Carnaval.

O Carnaval é um deus sátyro, que inspira as luxurias e desperta todos os máos instinctos. Sob o seu riso lascivo, imaginam-se os crimes mais absurdos e realisam-se as abjecções mais inconscientes. Em toda historia da mulher ha sempre uma recordação de Carnaval, que a envergonha ou que a indigna. Porque a mulher, durante esta época, é a unica victima. Com o espirito embriagado, a vontade alhejada, entrando em contacto com as curiosidades malsãs que a acotovelam, ella cumpre o destino das mariposas, que se avisinham, tontas, da

chamma que as vae consumir. Talvez seja esta, ruim e vergonhosa, a unica finalidade do Carnaval. Finalidade tão terrivel, que a humanidade não se arrisca a encal-a de rosto descoberto, e para isso inventou a caraça de papelão...

* * *

O Carnaval em S. Paulo tem-se civilisado muito. Já se não usam as

legorias de papelão, os carros monstruosos representando grutas e gehennas infernaes, com suas lantejoulas a brilhar sob a chamma colorida dos fogos de Bengala; já se não vêm as corteças de malha e braços nus a atirar beijos ao publico do alto de um gigantesco cabaz de flores. Tudo isso pertence ao passado. Verdade é que ainda ha por ali uns clubs onde se cultua Momo, e que se arriscam a sahir á rua em fórmula de "carnaval externo"; mas é tambem verdade que ninguém lhes dá mais attenção, a não ser os garotos e as creanças.

A festa em S. Paulo é o corso, do qual só fazem parte as moças de familia, phantasiadas mas sem mascara. Esse, sim, é verdadeiramente interessante.

Dezenas de cornetadas estridulam no ar. E' um cordão. Examinemos as pessoas que o compõem. São cozinheiras, vagabundos, raparigas pretas, desclassificados de todo



Toilette de 1830 de tulle verde couve.
Pequeno corsage branco decotado.



Diversos modelos de penteados de Carnaval.

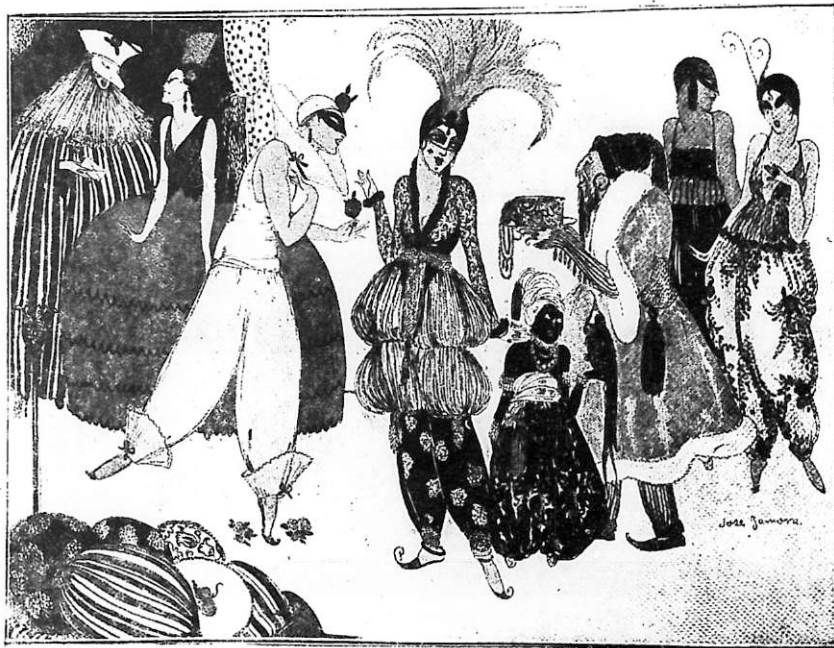
naípe. Toda essa gente habita os porões infectos, são fungos da humidade. O pão de amanhã é um problema para essa ralé sofredora. Entre anto são os que, pela aparência, mais se divertem. Ao som de uma orchestra bizarra de gaitas, lá vão elles dançando e cantando. A multidão os apupa, atira-lhes punhados de serpentinas amarelhadas, chucha-os com a ponta da bengala; mas elles não têm tempo de vingar a affronta, porque só pensam em si, no esforço de crear uma alegria que estão longe de sentir.

Quem pôde assegurar qual a origem da mascara? Parece que a origem se vae en-



Tipos de cordão carnavalesco.

contrar em Eva, a primeira mulher. Eva, ao mascarar-se com uma folha de parra, depois do formidável escandalo do Paraíso, não foi uma precursora? E o Carnaval não acabará mais. Que são, porventura, as modas actuaes senão "phantasias" mais ou menos caprichosas? As nossas elegantes não usam chapéus do anno 60, tunicas gregas, corpetes orientaes, sapatos Luis XV, collos Valois ou Médicis, crinolinas disfarçadas? Toda esta indumentaria extravagante, restaurada constantemente por costureiros e artistas, não é um verdadeiro guarda roupa de baile carnavalesco?



REVISTA FEMININA

As mulheres nunca se mascararam tanto como hoje. Ellas, por euphemismo, não chamam mascara ás coisas que usam no rosto para o fim de o deformar e o transformar para peor: chamam artifício, "maquillage", pintura. O nome pouco vale. O que ellas usam é a mascara. Pedem aos perfumistas pós que as embraquecem e as rejuvenescem; cremes rosados para as maçãs do rosto, que o isolam de todo carinho e beijo para que não empastem; carmin para os lábios, que os accende como brazas; lapis negros para as sobrancelhas e pestanas; pós azues para formar olheiras mysticas, muito proprias para tocar corações



Costume de "soubrette" Luis XV em percale, com avental de taffetà.



Phantasia de ajudante de cozinha, proprio para menina ou mocinha. É uma phantasia muito original e graciosa.

mulheres se mostrassem taes quaes são, bellas ou feias, airossas ou não, conforme a natureza as fez. No fundo, o homem ama a mulher simples, simples nos gestos, nas attitudes e nos habitos. Tudo que possa complica-la, tudo que possa tornala artificial, o aborrece e o revolta. Mas a mulher nunca comprehendeu isso, nunca quiz comprehender. E porisso vive num perpetuo Carnaval.

— Você me conhece?

E' um mascara. A sua unica graça é o falsete. Examinemos este semsaborão. E' como todos.

Ah! o espirito carnavalesco! Que coisa mais aborrecida!

MARINETTE.

sentimentaes; lapis verdes para sublinhar as veias do collo e dos braços; aguas oxygenadas para descolorir os cabellos, dando-lhes tonalidades de mel aguado; esmaltes para as unhas, que as tornam fulgurantes como nácar... e com estes productos de toucador preparam ellas um rosto mascarado, disfarçado, irreconhecivel... Tudo isso não é Carnaval?

Por certo que sim.

E porque se mascaram ellas? Para agradar os homens? E' um puro engano. Os homens condescendem com esses artificios, sob pretexto de que elles são impostos pela moda e pelas exigencias do bom tom, mas, no fundo, prefeririam que as



Costume Luis XII em velludo Roy; golla bordada, largo chapéo de feltro preto com cresta

A RIVAL

CONTO AMERICANO



Examinou com uma vista de olhos, rápida mas segura, a disposição da mesa, já preparada para receber os pratos: foi inspecionar outros commodos da casa para certificar-se de que tudo estava em ordem: chegou por ultimo á cozinha onde ferviam os caldos appetitosos: entreabriu o forno em que já começava a doumar-se o frango recheado; destampou as panelas a ver se os guisados se estavam cozendo de accordo com as regras subteis daquella arte em que era mestra consummada, e, satisfeita, sem duvida, do resultado da sua minuciosa inspecção, e não sem ajuntar aqui uma pitada de sal e alli mais umas folhas de cheiro verde, dirigiu-se

para a sua alcova. Tudo em casa estava prompto para receber o marido. Só faltava tratar de si. Embora um pouco entrada em annos, ainda lhe restavam algumas graças, e para lhes dar realce, cuidava dellas com esmero meticulous, com uma certa coqueteria mesmo. Não descuidava os adornos e enfeites, porque sabia, por intuição ou experiencia, que isso era muito do gosto do seu esposo e senhor.

Ella era realmente feliz. Casada muito nova com um homem de costumes exemplares, viu escocarem os seus annos, sempre eguaes e monotonos, é verdade, mas sãos e solidos de affectos. Não eram ricos, mas viviam sem preoccupações do futuro. De resto, nada ambiciosos, contentavam-se com o que tinham.

D. Marianna aprazia-se naquella "aurea mediocritas" do poeta latino, e como boa e piedosa christã que era, dava todo dia graças a Deus por haver-lhe dispensado o beneficio de disfructual-a.

Não tiveram nenhum filho. Isso a principio lhes causou, como era natural, uma viva decepção; com o correr dos tempos, porém, foram-se conformando com a sorte que lhes privava dos ambicionados prazeres da paternidade; por outro lado, observando o que se passava nas poucas familias com quem tinham relações, onde havia tantos desasossegos e tão sérias apprehensões por causa das creanças, aceitaram como um premio a ausencia dos filhos. Deste modo, sem deixar de, vagamente, desejar ao menos um filho como complemento do amor, concentraram um no outro o affecto que com elle poderiam ter dividido.

Era de vel-os quando sahiam juntos, sempre de braços dados, e tão penetrados de sua ventura, que nem advertiam o que delles murmuravam os transeuntes da rua, nem os risinhos e remoqueos das gentes escarninhas. A's vezes, ella, sentada junto á janella, ao cahir da tarde, queixava-se de uma subita tristeza, de um presentimento de qual'quer coisa, de uma desgraça imprevisita, e o bom do marido, solícito e amoroso, vinha sentar-se ao pé della e dizia-lhe

uma porção de coisas em que havia enternecimentos e esperanças e que acabavam por consolar-a inteiramente. Todas as manhãs, ao despedir-se o marido, eram beijos e carinhos interminaveis, e recommendações cuidadas e sustos infantis. E até que Pancho não voltasse das suas tarefas, a pobre d. Marianna não desviava o pensamento delle, sempre reciosa de accidentes. De todas estas scenas só tinham noticia os poucos amigos que frequentavam a casa e que eram sempre recebidos com uma calorosa cordialidade.

O inverno em Nova York ia aspero. A's tres horas da tarde o céu se enfarruscara, tomando essa cor que é annuncio de neve. Duas horas depois desabou o temporal. O vento silvava furiosamente, forçando os vidros das janellas, arrancando aqui uma telha, desganhando lá uma arvore, cachoeirando nas sargetas como arriolos em catadupas. Logo depois que o temporal amainou, começaram a cahir tenuis flocos de neve, que pouco a pouco se converteram em espessa e movediça cortina que o vento arrastava, fazendo-a ondear no espaço e arrojando-a contra as paredes das casas. A copa das arvores tornaram-se brancas e tolas as ruas se cobriam de um tapete branco.

D. Marianna, a despeito dos seus quinze annos de vida novo-yorkina, não se pudera ainda habituar ás asperezas do clima daquella cidade. Ella nascera na Colombia, sob o doce clima dos tropicos.

Da janella do seu pavimento, situado num dos ultimos andares de uma das casas da Morning Drive, com a testa apoiada á vidraça, olhava a neve cahir e arripiava-se de frio. Buscava a boa senhora indistinctamente o ponto do horizonte atraz do qual devia estar escondida aquella terra para onde ia seu coração nostalgico e cujo céu era sempre macio e benigno; e ao recordar a cidade em que se escocara a sua mocidade, aquella mar perpetuamente azul, aquellas auras sempre mansas, comparava tudo isto com o espectáculo desolador que se desenrolavam aos seus ollos. E suspirava de pura saudade.

E' verdade que a scena que sua vista descortinava era realmente impressionante. As arvores desganhadas e coherlas de neve, bracejavam embaixo, violentamente, e tudo tinha um aspecto sinistro. Para além do parque era a massa confusa dos edificios e uma alta ponte suspensa na amplitude por onde um trem corria deixando uma longa linha de fumaça.

A alcova de d. Marianna ficava na parte interior da casa. Refugiou-se lá, a tremer toda. Inquietava-se com o que pudera acontecer a seu marido por aquellas ruas cheias de neve e onde os ventos andavam ás soltas como demónios. A cada novo bramido do vento silvando pelas frichas, fazia as rezas adequadas ou os conjuros conhecidos.

— Santa Barbara Virgem! São Jeronymo!

Um estrepito subito e formidavel, que a ella se lhe antolhou ser o fim do mundo, deixou-a estatelada em meio do quarto, atarracada de espanto. Pareceu-lhe que de um momento a outro ia desabar o tecto sobre a sua cabeça.

Mas nada se mexeu em torno della. A unica coisa que ouviu naquelle silencio mais espantoso que qualquer catastrophe, foi o estalar de uma janella que se abriu e uma voz, a da vizinha do andar superior, que, falando aos gritos com alguem que devia achar-se no outro extremo da casa, lhe explicava que o vento arrebatara a cesta onde estavam guardados os comestiveis.

A pobre senhora, sensível como era, condoeu-se de visinha, mas não deixou de alegrar-se ao advertir que tanto barulho tinha uma causa tão mesquinha. Estava em duvida se devia offerecer á vizinha parte das suas reservas de alimento, quando um rumor de passos familiares souo atraz de si. Era o marido que entrava.

— Jesus! em que estado vens! exclamou, beijando o rosto gelado do marido e apressando-se a mudar-lhe as roupas.

De facto, o homem vinha tão encharcado, que ameaçava converter num lago o soalho da saleta.

REVISTA FEMININA

— Anda a trocar de roupa, filho!

— Espera, mulher, interrompeu pacientemente o marido. Como vê, não venho só. Antes de tratares de mim é bom que trates dessa pobre menina, que está gelada até aos ossos.

E voltando-se para a menina, que ficara à porta assistindo à cena:

— Entra, filha, entra.

O sr. Pancho convidou-a em inglês. E a interpellada, uma loirinha encantadora, adiantou-se, agradecendo do melhor modo que poudes as demonstrações de affecto da dona da casa, que, no seu inglês hispano-americano, a conduziu para um dos quartos interiores.

Havia muito que o veneravel relógio da sala batera as dez horas, e o casal ainda estava a festejar a improvisada

a sua dôr encontrava eco em outros corações, apoiou a frente no collo de d. Marianna e rompeu a chorar de novo.

Poucos mezes depois, Sonia Petrovna chegava à casa do sr. Pancho trazendo consigo uma maleta. Na manhã seguinte a empresa de mudanças trouxe as suas malas e bálãs. A orphã, reduzida pelas instancias reiteradas e pelos carinhos, vinha morar com o velho casal.

Desde que teve ingresso definitivamente na familia, era a primeira que se levantava pela manhã para aquecer a agua e preparar o café com leite, e arranhou a sua vida de modo a estar em casa antes do jantar para ajudar um pouco na cozinha e em outras tarefas leves.

Além disso, procurava distrahir seus paes adoptivos, ora jogando com elles interminaveis partidas de xadrez ou de damas, ora sentando-se ao piano para tocar musicas populares da Colombia.

Tranquillos e felizes iam deslizando os dias daquellas tres creaturas.

Entre as pomicas vistas que recebiam figurava uma tal d. Filipa, velha solteirona, muito dada à malícia, muito inclinada a mexer na vida alheia. Cultivava a intriga com raro talento; e de um portador sem importancia que observava numa casa extrahia um drama sensacional de enredo novellesco. As coisas mais innocentes transformava em crimes horripilantes.

A solteirona via visitar d. Marianna numa tarde de junho, muito quente; esta estava sentada ao pé da janella, toda aberta, e dormia a sua sesta com as mãos descascando no regaço.

Entrou pé ante pé, a verificar, desde o vestibulo, se a dona estava sozinha, e entrou a porta com admanes mysteriosos, olhando para todos os lados como se receiasse que as proprias paredes fossem testemunhas indiscretas.

Acordou d. Marianna em voz baixa, mil coisas

e poz-se a dizer-lhe ao ouvido, em voz baixa, mil coisas graves, gastando quasi uma hora nessa confidencia.

Desde aquelle dia começaram a soprar a casa os primeiros ventos funestos. Fosse culpa de Pancho ou de Marianna ou de ambos ao mesmo tempo, a verdade é que a paz fugiu da casa, e em logar da alegria que alli habitava entrou a reinar a discordia.

Em vão Sonia, com sua bondade e vigilancia, tentou mudar aquelle estado de coisas. Seus esforços tropeçavam sempre com o sorriso melancolico de Pancho e com a attitudde quasi hostil de d. Marianna. Em vão procurava ella conhecer a causa de tão extranha mudanca. O que mais a atormentava era o silencio, era o inexplicavel da situação. Sem haver mudanca nenhuma, sem haver nada que justificasse aquillo, o casal já não era o mesmo. Teve tentações de mudar de casa; mas quando isso lhe occorria, já



A mocinha contou que obrigou o seu gentil companheiro a andar com ella daqui para alli, da avenida para a estação do trem subterraneo, desde para o trem aereo e por fim a tomar o t r a m w a y electrico.

Com graciosos desembaraço repetia os convites do seu cavalheiro para que desistisse de tão prolongada peregrinação e fosse passar a noite em casa delle, na qual tanto elle como sua mulher a receberiam carinhosamente.

Emoções de outra natureza despertou no casal a narração da vida da mocinha. Era de origem russa. Orphã. Veiu para os Estados Unidos com um irmão que foi seu amparo durante muitos annos, e que, chamado para o serviço militar, embarcou para a França com um dos primeiros contingentes, e morreu de uma pneumonia logo que chegou.

Os olhos azues de Sonia Petrovna nublaram-se ao tocar neste assumpto, sua voz mudou de timbre e começou de repente a chorar.

A senhora e o marido, commovidos tmabem até á lagrima, abraçaram a mocinha carinhosamente, como se fosse uma filha. E ella, sentindo, talvez pela vez primeira, que

o seu coração generoso a accusava de ruim e ingrata para com aquellas que a amaram nos dias de bonança. Não podia, pois, abandonal-os nos dias da adversidade.

Enfim, tomada a resolução de não afastar-se dali, e convencida, por outra parte, de que toda tentativa de estabelecer a antiga concordia era vã, Sonia fechou-se numa prudente reserva, evitando-lhes a companhia. Deixou de cantar, de tocar piano, de fazer qualquer coisa que pudessem molestal-os. A sua propria participação nas tarefas domesticas buscava ella executar de uma maneira dissimulada, attenta, a todo instante, em não discrepar dos menores caprichos, cada dia mais numerosos, de d. Marianna.

Varios mezes transcorreram assim, e todos foram de tortura para a pobre orphã. Afóra os dias que se seguiram á morte de seu irmão, não se lembrava de ter passado dias mais amargos. Entretanto, uma secreta esperanza a animava; tinha uma convicção intima de poder restabelecer a paz naquella lar. Era isso um enigma com cuja decifração não acertava.

Animada desse proposito e resoluta a pol-o em pratica com cautela e quando se lhe antolhasse opportuno, começou a observar, tratando de ver se entre os mil nadas da vida diaria, que communmente passam despercebidos, encontrava algum que lhe servisse de fio para puxar a meada. E depois de muito observar, inquirir, prescrutar, comparar e deduzir, viu a persuadir-se de que, no fundo de tudo aquillo, existia um profundo odio de d. Marianna contra o marido. Qual seria o motivo? Ah! estava o enigma, a cuja decifração se dedicou.

* * *

Certa noite, preocupada com essas coisas, estava deitada em seu leito quando ouviu passos no corredor. Era alguém que se dirigia para a sala. O avançado da hora, a cautela dos passos puzeram-n'a de sobreaviso. Desejando averiguar de que se tratava, vestiu á pressa um penteador, calçou uns chinellos de lã e caminhou ás escuras, entreabrindo ligeiramente a porta que communicava com outro aposento. Viu um vulto que lhe pareceu ser o sr. Pancho e que se perdia no corredor que conduzia á sala.

Vacillou por instantes entre o desejo de fechar a porta de sahida e dar o alarme, porque não sabia se era um ladrão ou o seu pae adoptivo, ou seguir o mysterioso vulto para

certificar-se do que havia. A curiosidade foi mais forte que o medo. Acompanhou o vulto pé ante pé.

Era o sr. Pancho. Viu-o entrar na sala, accender uma lampada, tirar de uma gaveta um maço de cartas e coçar a ler.

Escondeu-se atraz das cortinas e com o coração aos saltos, esperou. Teve o presentimento de que ia desvendiar o mysterio.

O velho lia soccagadamente, repetindo ás vezes em voz baixa certas phrases que lia, interrompendo outras vezes a leitura para ficar suspenso, com a carta entre as mãos, como embevecido numa recordação... Por fim, enxugando as lagrimas, juntou as cartas, atou-as com um nastro e pol-as em seu esconderijo. Sonia tomou nota do esconderijo, avida por ler tambem aquellas cartas.

Ia a retirar-se para que o velho amigo não suspeitasse da sua presença, quando notou que elle tirava do mesmo lugar em que collocara o maço de cartas, outro maço menor. Eram retratos. Elle olhou-os longamente e ficou absorvido naquella contemplação.

Tinha uma febril curiosidade de ver os retratos: para o conseguir era necessario passar a outro lado do reposteiro, mas receiava fazer rumor. Em certo momento ouviu passos na parte interior da habitação. Era provavelmente d. Marianna. Os passos approximavam-se. Por fim Sonia sentiu que alguém se deteve á porta, quasi roçando nella.

Susteve a propria respiração para não ser descoberta. Fez-se pequenina, encolhendo-se por traz do reposteiro. Depois de alguns segundos, que lhe pareceram seculos, a pessoa adeantou-se para a sala. Mais livre, entreabriu a cortina e olhou.

O sr. Pancho continuava absorvido na contemplação de um retrato. D. Marianna avançava com passos imperceptiveis, procurando esconder-se na sombra.

Sonia esperava anhelante.

Por fim o velho levantou os olhos e percebendo a presença da esposa, ficou subitamente de pé, tendo o cuidado de recolher todos os retratos que estavam sobre os seus joelhos.

— Que ha, filha? perguntou.

— Que ha? bravejou ella. Por fim apanho-te com a bocca na botija, apanho-te em flagrante delicto com os retratos dessa intrusa que se veio metter em nossa vida para nossa desgraça. Terás coragem de negar agora?



REVISTA FEMININA

E avançando para elle:
— Dá-me cá esses retratos. Quero ver se agora te atreves a negar!
— Marianna, por Deus! atalhou o pobre homem.
— Que Marianna, que nada! Dá-me os retratos! Quero esfregar-os no focinho da estrangeira para que ella saiba que eu não sou a ingenua que ella pensava e para que ella saiba que eu não quero mais soffrer tantos ultrages em silencio! Os retratos! Anda! Dá-m'os antes que t'os arranque das mãos!
— Marianna! Marianna! fez elle levando para traz as mãos que seguravam os retratos.
— Infame! Então? Não me entregas?
— Sim, vou entregar-t'os, mas não sem te revelar antes a verdade que queres saber com tanto empenho. Senta-te, ajuntou elle, pegando-a com doçura pelo braço, senta-te. Estes retratos são com effeito de uma mulher a quem eu quizz muito, a quem eu quizz immensamente que me fez immensamente feliz.
— Infame! E tens a coragem de m'o dizer! exclamou humilhada pela inesperada confissão, e tomada de uma dôr subita, quasi a romper em pranto.
— Sim, filha, digo-te a ti porque era preciso que o soubesses.
— Meu Deus! meu Deus! soluçou a pobre senhora. Virgem Santissima, mata-me, que o soffrimento é demais!
— Pois que! Já não queres vel-os? falou elle depois de

um momento de silencio, já com a voz entrecortada de choro. Pois olha os retratos.

E pol-os deante della.
— São os teus retratos, são os de Marianna, com quem fui tão feliz até ao momento em que ella se cançou de mim.
— Panchito de minh'alma! Perdoa-me! Oh! os ciúmes! Tu não sabes o que são os ciúmes!
— Vámos, bobinha, já passou.
— Não, não passou. Tenho a pedir perdão por mil suplicas que fiz de ti e dessa pobre creatura.
Sonia, chorando, mostrou-se.
— Sonia! proromperam os dois velhos.
— Jesus! Jesus! que coisas! dizia Panchito, enquanto as duas rivaes se lavavam com beijos as faces.
E os tres se confundiram num abraço longo e commovido.
— E as cartas? perguntou a moça.
— Cá estão ellas guardadas, falou o velho. São as nossas cartas de namoro. Depois que Marianna brigou commigo o meu unico prazer na vida é lê-las.
E voltando-se para Sonia:
— Vae dormir, minha filha. E quando fores uma senhora casada não te esqueças nunca do que aconteceu esta noite. A peor rival de uma mulher acontece com frequencia ser... ella mesma.

DIMITRI IVANOVITCH.



A distinta senhorita Evangelina Maria Cavallotti, residente em Alagoas da Manteia, Estado da Parahyba.

SAUDADE!

A UMA AMIGUINHA.

Saudade — lagrimas de amor distante,
Prantos de virgem noiva a soluçar,
Promessas feitas no cruel instante,
Em que os amigos bons vão se apartar!

Foge da face o riso deslumbrante
E a dor a alma atormenta sem cessar;
Porém nos resta enfim, sempre constante,
A saudade nos olhos a sonhar!

Quando lembramos o feliz passado
Um beijo ardente ou um olhar amigo,
Um carinho de amor; sorrir quem ha-de!

Os nossos olhos tristes um punhado
De lagrimas derramam, mas abrigo
Eterno e bom encontram na — Saudade!

EVA.

30-10-1921.

COLLECÇÕES DA "REVISTA FEMININA"

Já estão á venda, nesta redacção, pelo preço de 25\$ o exemplar, as collecções da nossa revista referentes ao anno passado. E' um grosso volume encadernado em percaline de varias cores, resistente e elegante. A's nossas assignantes, que têm desfalcadas as suas collecções, aconsellamos adquirir as encadernadas. Cada um desses volumes é um repositório completo de materia variada e interessante, constituindo o melhor recreio para o espirito. A nossa revista, como se sabe, capricha em conquistar todo genero de leitores, desde a mãe de familia até o homem de sciencia, desde o collegial até o mais sisudo homem de negocios.

Dahi é que lhe adizem, por certo, a sua enorme popularidade. Uma collecção da nossa revista é uma obra de consulta para todos os assumptos, é uma obra que se lê através da vida e na qual sempre se encontram novos encantos e ensinamentos.

Ha senhoras cultas cuja cultura se tem feito exclusivamente pela leitura da "Revista Feminina". Vae nisto o seu maior elogio.

E' o melhor presente que se pôde dar a uma senhora, a uma moça ou a uma menina.

Maternidade

Canto de saloosinho encoberto que dá para um jardim. Ao centro, uma fonte cujo repouso dequidissimo se eleva a pouca altura, não tocando as arvorinhas de palmas encvernizadas; estas, entretanto, apesar de artificiaes, estão inquietas e parecem arripar-se aos ventos frios que entram de fóra. Maria Luiza está sentada num divan; é muito fina de corpo, mas mostra muita amplitude devido às tunicas tufadas que enfeitam o seu largo peignoir de rendas. De frente della, com ar contrafeito, está Beatriz: sua roupa modestissima contrasta com o luxo do aposento. A principio o dialogo é entrecortado por falta de confiança... Só quando as primeiras sombras vão apagando a cor dos tapetes nas paredes e as ricas futilidades que enchem os armarios, é que a conversa se vai tornando mais animada. As vozes se tornam mais ardentes à medida que as duas mulheres, como dois pobres seres, se vão cercando de trevas e desaparecendo nellas.

MARIA LUIZA. — Senta-te. Fica tranquilla... Parece que estás assustada.

BEATRIZ. — Sim... Perdi o habito de frequentar um salão tão rico, tão...

MARIA LUIZA. (*Sentindo um certo pudor da sua riqueza*). — Oh! O bem estar material é uma coisa que vai e vem. No fundo, é uma coisa monotona, ou, pelo menos, é o que me parece, talvez por egoismo. Não imaginas quantas vezes tenho pensado em ti. A vida é peor que uma tempestade: separa, quebra... Se ao menos a gente tivesse tempo de occupar-se de outra coisa além de si mesma... Quem havia de pensar! De modo que a tua vida tem sido uma luta... Conta-me tudo.

BEATRIZ. — Para que queres ouvir soffrimentos? Eu também pensei muitas vezes em ti, mas receiava vir turbar tuas alegrias com minhas expansões... Como vacillei se devia ou não escrever-te! Cheguei até a pensar que não me receberias... Perdoa-me, sim?

MARIA LUIZA. — Oh! Beatriz! e porque? Bem sei que não nos sentámos no mesmo banco da escola para seguir juntas o mesmo caminho... Mas tu e eu não fomos apenas duas condiscipulas vulgares. Não te lembras? Ainda hoje acho meos encanto nestas riquezas que naquelles dias saudosos do collegio. Toda a vida era um mysterio para nós. Tu não sabias o que teus paes iam perder, e nem eu o que ia herdar de minha madrinha. Vivíamos da nossa juventude, de nossa esperança. Eras mais forte que eu. Quantas vezes me defendeste! Defendeste-me contra

as maiores a principio, depois contra aquellas maguas que me penetraram sem eu saber porque, e que me davam uma infinita vontade de chorar, de sentir-me desgraçada... E tu eras forte, tranquilla, sosegada... Todas te admiravam porque teu pae era banqueiro e iam ver-te quando subias para o carro. Eu admirava-te sobretudo pela tua calma e pela tua força. Já vês... Sempre, ao pensar em ti, a recordação daquella força me dava um pouquinho de inveja.

BEATRIZ. — A vida quebrou-me. E ao ver soffrer as pessoas queridas, os seres que vieram à vida por nossa imprevisão...

MARIA LUIZA. — Não digas isso!

BEATRIZ. — Passei por muitos soffrimentos na vida.

MARIA LUIZA. — Menos mal. Não te queixes. Muitos soffrimentos, ao cabo, devem distrahir... A alma entrem-se com elles... Ao passo que eu...

BEATRIZ. — Tu soffres? Podes acaso dizer que também soffres? Que maguas?

MARIA LUIZA. — Uma só. Uma só, que foi pouco a pouco tomando a fórma de minh'alma.

BEATRIZ. — Será uma especie de luxo a mais, como aquelles que tinhas no collegio. Todos os domingos te iam visitar, te levavam flores, bonbons que repartias connosco, figuras de santos, chromos resplandescentes... Eras tão feliz, que tinhas vergonha de o ser e inventavas então aquellas melancholias, aquellas maguas... e começavas a olhar a tua boneca de olhos azues.

MARIA LUIZA. — Pobre boneca! Quanto daria para conservar-a ainda!

BEATRIZ. — Vês? Tua alma continua infantil. O receio



REVISTA FEMININA

da monotonia te faz crear desditas. Questão de claro-escuro... Olha estas mãos que tu celebravas tanto... Bem. Não podes vê-las. Toca-las, sim... São callos produzidos pelos mais rudes trabalhos, callos que antes de vir à pelle mortificaram a vaidade da mulher creada em casa rica... Ainda se ao menos a minha pequena estivesse a coberto das necessidades! Mas, não. Tudo se foi perdendo, illusões, belleza, até o espirito de sociedade... Depois, o suicidio de papae e do máo passo que dei... um desses máos passos que a gente volta a dar sempre...

MARIA LUIZA (*Que seguiu o fio dos proprios pensamentos*). — Teus callos ao menos podem ser mostrados, enquanto que o meu mal, que é também mal do corpo, não pôde ser visto. E' mais profundo e irreparavel.

BEATRIZ. — Estás por acaso doente? Que tens? Tudo em ti parece sadio. Sempre foste meudinha. Não será apprehensão? Vejamos...

MARIA LUIZA. — Apprehensão! Se nem é doença! Algumas amigas até me felicitaram. Em minhas relações de mulher mimada pela sorte, segundo dizes, minha immensa dôr difficilmente seria acreditada. Era preciso ver-me acariciar aquella boneca de olhos azues para o acreditar. Quando aqui entraste, minhas ruborizadas da tua humildade, dos teus vestidos pobres. Pensas que o não notei? Olha-me de igual para igual, ou melhor ainda, protege-me como na escola, porque ainda continuas mais forte do que eu. Tuas penas são mesquinhas comparadas com as que soffro. Como não sorrir ante esses callos que proclamam a tua abnegação e ante esse mesmo tropeço do qual te levantaste humilhada, enxovalhada, mas com uma filha?

BEATRIZ. — Uma filha sem paç.

MARIA LUIZA. — Melhor, porque podes sentil-a mais tua. Enquanto ganhas callos nas mãos para alimentar-a, és o paç; quando te levantas da machina de costura para ir ao berço, és a mãe. Tua filha é só tua. Os seus sorrisos não são compartilhados. Em tua casa, que não necessito conhecer para invejar-a, ha, por pobre que seja, alguma coisa que jamais alegrará a minha. Tua vida, que é amarga, dar-lhe-ias com gosto para que fossem doces os seus dias. A' medida que fores envelhecendo, irá ella crescendo, fazendo-se mulher, e será como tu mesma, melhorada, tornada mais formosa... Era como se olhasses

a um espelho milagroso... Enquanto que eu... Eu acabarei em mim para sempre, para sempre... Perdo-me se sou muito mais desgraçada.

BEATRIZ. — Não te entendo bem. Talvez o excesso de trabalho me tenha tornado estúpida. Parece-me que ha alguma coisa... Não foste feliz no teu casamento? Elle não é bom? Acaso ama outra mulher mais que a ti? Conta-me com franqueza.

MARIA LUIZA. — Elle? Que me importa elle? Se ama outra mulher é coisa que não me affecta. Do meu casamento, ao desvanecer-se o amor, que não foi muito grande, não sei o que resta. Nem os desvios do meu marido, nem a sua frieza, nem os seus fingimentos me faziam deixar de ser amante quando estavamos sós. A's vezes, depois de um desses dias de tedio em que apenas se trocam as

palavras precisas, e esperava a noite, cheia de fé. Pensava na minha boneca de olhos azues, em outras que tive, e amei a todas. Amei-as como amei meus irmãosinhos que eu lavava e vestia a cada momento enquanto as creadas, de braços cruzados, me diziam: "Que menina essa! Quando fór mulher e tiver um filho, então ficará louca". Aquillo era mais forte do que eu. Sentir a cabecinha adormecida em meus braços despertara-me uma felicidade ineffavel, uma especie de beatitude, um prazer muito sério, muito fundo... E todas as noites, antes de dormir, pensava: "Quando eu fór

mulher e tiver uma filha, bem minha, para lhe querer muito, para nunca a deixar só como minha mãe fazia commigo, para ter sempre a minha vida debruçada sobre ella, tão debil como uma chammazinha que pode apagar-se ao menor soporo. Oh! mas como eu falo! Estou a aborrecer-te, não?

BEATRIZ. — Não, não.

MARIA LUIZA. — Sim, esta minha ancía é tão grande que nem sei exprimir-me por palavras. E tua filha como é? Tem olhos azues?

BEATRIZ (*Com um rubor semelhante ao que teve Maria Luiza ao falar-lhe das suas riquezas*). — Não, castanhos.

MARIA LUIZA. — Que lindos! E com uns pontinhos biminosos no fundo, não é verdade?

BEATRIZ. — Sim.

MARIA LUIZA. — Tenho inveja de ti. Nem os vestidos, nem os bailes, nem os namorados me importavam tanto



como o filho, meu filho, enteades? Não ha muito, fui visitar uma creche. Havia tantos gorriños, e biberons, e faixas... Que inveja eu tive daquellas mães! Sou moça e talvez ainda o destino me reserve uma vida larga de sofrimentos, mas sem possibilidade de enche-la com coisa nenhuma. Eu, que nunca me importei com a juventude, nem com o amor, nem com o luxo, porque me hei de importar com o resto? Desprezei as flores e não posso colher o fructo. Eu sou uma mulher maldicta.

BEATRIZ. — Como o mundo está mal repartido! Ouvindo-te, quasi que me esqueço de minhas penas. Mas como hei de consolar-te?

MARIA LUIZA. — Falando assim, que já é um consolo. Acho que todas as mulheres me devem desprezar porque eu nem sou digna de ser mãe.

BEATRIZ. — Não digas isso!

MARIA LUIZA. — Sim. Os nossos papeis já estão trocados. Sou eu que te vou pedir um favor...

BEATRIZ (*Vivamente, com toda sua alma*). — Fala, Maria Luiza.

MARIA LUIZA. — Traze-me amanha a tua filhinha, sim? Traze-m'a esta noite mesmo se puderes.

BEATRIZ. — Oh!

MARIA LUIZA. — Verás como saberei cuidar della. Deixa-a-ás comigo algumas vezes, sim?



BEATRIZ. — Não, Maria Luiza, não...

MARIA LUIZA. — Porque? Pensaste que eu queria ter a illusão de fazel-a um pouco minha... e porisso não a queres deixar comigo. Verdade é que eu faria o mesmo...

BEATRIZ. — Oxalá pudesse eu entregar-te a minha filha e oxalá pudesses tu crear a illusão de que era tua! Porém não o farias e soffrerias mais se a visses. E' tão linda! Sim, tem até os olhos azues.

MARIA LUIZA. — Soffrer mais! Nem isso já é possível, Beatriz Traze-m'a, sim?

(*A escuridão encheu o aposento. Ouve-se um rumor de passos: é um crecido que chega e pergunta á porta*):

CREADO. — Quer que eu accenda as luzes?

(*A voz de Maria responde de em meio da treva*):

MARIA LUIZA. — Não, vá-se embora.

(*Se o creado, sem pedir licença, houvesse accendido as luzes, teria visto as duas mulheres, tremulas, quasi de joelhos, com as mãos dadas e os olhos ardentes de lagrimas*).

H. CATA'.

A CONFESSADA

Era tão linda assim, ajoelhada,
As mãos unidas com suave gesto,
Os olhos baixos, e um sorrir modesto
De seus labios na curva immaculada!

De um sacerdote aos pés severo e mesto
Ella curvava a fronte delicada,
E dizia-lhe, baixo e sosegada,
De sua vida o deslizar honesto.

Mas, subito, uma nuvem cor de rosa
Ao rosto lhe subiu, fugaz meteor:
E a voz tremeu-lhe inquieta e suspirosa...

E pode ver, sombrio Lovelace
Essa palavra — amor — em lettras de ouro
Traçadas no carmin de sua face.

Joaquim Caldas

Macáu, Rio Grande do Norte, 8-7-1921.

CHROMO

Cae a chuva, impertinente,
No telhado e no jardim.
A nossa alcova está quente...
E tu estás junto a mim...

E o passarito innocente,
Cujo ninho, de capim,
Tu desmanchaste, contente,
Como passa a noite, assim?!

Ai, que o pobre passarinho
Sem o calor do seu ninho
Vae morrer, na noite fria...

.....
O mesmo será contigo,
Si te faltar este abrigo
E eu te faltar, algum dia!

TARGINO AMORIM.

Um casal casca-grossa vae pela primeira vez á opera lyrica, e no momento em que os côros começam a cantar, pergunta a mulher ao marido:

— Diga-me. Porque é que todos cantam ao mesmo tempo?

— Oh! que estúpida! E' para acabar mais depressa.

Na vespéra do casamento diz ao noivo um dos seus intimos:

— Deveria dar os parabens a vocês dois, mas não o faço. Como não conheço a noiva, não posso felicitar-te, e como te conheço demasiado, não posso felicitar a noiva.

Em prol do voto feminino

Agita-se por toda a parte a questão do sufrágio feminino, que traduz mais um preito de homenagem à capacidade da mulher para todos os mistérios. E' um passo agitado para a sua independência, na advocacia plena dos seus direitos mutilados, um resgate justificado á tyrannia secular.

E, enquanto grande numero le mulheres, em outros paizes civilizados, nos dão o arrojado exemplo de consciencia da almejada conquista do seu direito social e politico, repellem as nossas patrias, mais do que outras coagidas e prejudicadas, num gesto inopinado e indevido, a sua liberdade, a sua emancipação definitiva!

Quão deploravel se nos afigura esse anachronismo de idéas, mal elaboradas e mal comprehendidas, que entorpecem certa porção do sexo que se confirma *fragil e incapaz*, num recuar pusillanime ante um direito que ainda não alcançou e pelo qual ha de clamar necessariamente amanhã!

Triste e desoladora realidade que se evidencia, no presente, com a discrepância de algumas representantes da mulher brasileira, relativamente á permissão do voto, que é a expressão livre das nossas opiniões e o primeiro impulso para a uniformização das leis que nos devem reger!

Estamos em plena guerra... e, enquanto marcham mulheres, alistadas nos batalhões, abandonando o lar, o conforto, a tranquillidade enfim, para o sacrificio na luta cruenta em prol da ambição desenfreada dos homens, guerream outras o proprio sexo, diminuindo lhe o prestígio, num pregão de inferioridade physica e intellectual que certamente não existe. Irrisória concepção essa, de seculos que já se foram, com que se não conforma a evolução do cultivo intellectual da mulher moderna!

Frederico Stackelberg, em "La femme e la revolution", escreve:

"L'infériorité de la femme n'est ni physiologique, ni psychologique; elle est sociale. Son esclavage sexuel détermine seul sa vassalité économique".

A subordinação legal do sexo feminino é talvez a origem principal das desharmonias matrimoniaes; é, efectivamente, ridicula ironia o conjugar seres que se não podem absolutamente ligar, desde que ao predomínio intensivo do direito do mais forte se ha de curvar necessariamente o ii. defenso. Mas, felizmente, para reconforto do sexo, se ha caracteres naturalmente submissos e pouco energicos que se deixam suggestionar por este ou aquelle conceito resignando-se a viver indefinidamente no occaso trevo das suas aspirações, os ha tambem intrepidos e dispostos a lutar, com tenacidade e nobreza, contra o rigorismo da violencia, sempre deprimente para os que têm consciencia da proficuidade do seu esforço na luta pela vida. Não comprehendemos como pode acalantar a mulher do seculo XX uma situação vexatoria e humilhante como a actual.

Pensa Stackelberg que cada ser humano tem direito ao

desenvolvimento integral de sua personalidade. Na época actual a conservação de nossa constituição familiar inteiramente monarchica é um anachronismo.

Qual o inconveniente da liberdade do voto? Ju'gam as

minhas patrias que é preciso abandonar o santuario domestico para estacionar diante das urnas electorales? Que, na sua totalidade serão as mulheres obrigadas a votar e ser votadas, como se fossem regimentos que partissem para a guerra? Que todas deverão ser deputadas e senadoras? Que irão discursar e palrar futil e incessantemente nas sessões parlamentares? Nenhum recio... nada disso succederá.

Todos os homens não são electores, grande numero não se utiliza desse direito, nem são todos electos para as assembleas legislativas. Dentre os que lá conseguem figurar, quantos tomam parte nas discussões parlamentares?

Ora, já se vê que não ha motivo real para esta celeuma que se levanta em torno do voto feminino, que não constitue uma obrigação, um sacrificio; podemos ceder um defensor ou defensora dos nossos direitos, si não pudermos ir pessoalmente defendel-os.

Facilitem-se á mulher os meios essenciaes á sua defesa e, si não demonstrar capacidade nem geito para aproveitá-los, venham então os protestos e as censuras; antes, não têm fundamento nem são dignos de consideração.

Quando discorre sobre o problema feminino, no seu excellent trabalho sobre — *A emancipação da mulher* — Novicow assim se exprime: "*As nossas instituições actuaes baseiam-se na opinião de que uma Mme. Roland, por exemplo (que teve nas suas mãos durante alguns mezes os destinos da França), que uma Mme. Staël, que uma Hertha de Sulner, são incapazes de exercer um voto politico racional, mas que o ultimo das camponesas, illudido e estúpido é capaz de o exercer. Esta opinião é de tal modo absurda que por si só basta para demonstrar a imperfeição absoluta das nossas instituições actuaes. Salta aos olhos que a natureza não distribuiu as capacidades segundo os sexos; as nossas instituições deviam ter previsto este facto absolutamente incontestavel. Deviam basear-se em realidades e não sobre ficções".*

E' inconsequente o pensar de quem julga que as obrigações politicas da mulher hão de forçosamente desviar-a das suas preocupações domesticas; haja vista o immenso influxo da crença religiosa que attrahe e agglomera, diariamente em seus sagrados templos, tantas sacerdotisas do lar, sem que este se resinta da carencia dos seus cuidados e dos seus affectos.

Que grande significação nos parece ter esta atracção, esta romaria!!

A religião é um soberano conforto, um balsamo intensivo e insinuante para os verdadeiros crentes. O lar é muita vez o tedioso palco onde se desenrolam, mais ou menos dolorosamente, as afflictivas scenas da vida intima de alguns seres: uns dispõem da acção, dominam e vencem; outros não tem



O lindo Mucio Toledo Filho (Baby), filhinho do dr. Mucio Toledo e da exma. sra. d. Zilda Toledo, nossa representante em Pirajuby, Estado de S. Paulo.



A encantadora Celeste, filhinha do sr. Alfredo Xavier e da exma. sra. d. Jocy Xavier, de S. Cruz, Estado do Rio Grande do Norte.

o direito de reagir, submettem-se e são vencidos. E' então que surge o poder religioso, como um elemento reaccionario, como um verdadeiro socorro ás torturadas ineracias e abatido o seu espirito, fogem das amarguras tormentosas da vida para as alegrias promissoras da religião. E a mulher resignada, fica sempre uma vencida.



A intelligente e galante Zilinha Toledo, filha do dr. Aluísio Toledo, juiz de direito de Pirajubá, e da exma. sra. d. Zilda Toledo, nossa distincta correspondente.

Abre a mulher o direito do voto, cuja oportunidade não deve repellar. guarde com carinhoso cuidado mais esta valiosa arma que lhe offerece o sexo opposto, rendido á evidencia dos factos; empregue-a na defesa dos seus direitos e verá que nenhum desprovido lhe advirá dahi, pois que não faltarão corajosas para enfrentar com moderação, mas com energia, a campanha que urge da unificação dos deveres e direitos do seu sexo.

A admissão da mulher ás prosições liberais não impelle todo o sexo feminino á aquisição de um titulo scientifico e aquellas que o possuem continuam a ser esposas, mães e educadoras, dirigindo intrepidamente o seu lar com orientação talvez mais segura, porque se sentem um pouco mais desafogadas, um pouco menos dominadas.

Como ha de a bacharela que possui um diploma, "onquistado" com a mesma ou maior somma de esforços que o sexo que se diz forte e, que não pode livremente exercer sua profissão (um dos maiores absurdos da nossa legislação!); como pode amparar esse direito que lhe negam, si lhe não concedem os elementos para a sua defesa? E, a liberdade do voto não lhe permitirá demonstrar a iniquidade de tamanha injustiça?

E' Stuart Mill quem fala, no seu magnifico opusculo, vertido para o hespanhol por J. Decond: "El derecho de participar en la eleccion de aquellos que deben ejercer una confianza publica es del todo distinto á aquel de competir por el mismo puesto. Si ninguno pudiese votar para miembro de el parlamento, que no fuese hábil para ser candidato, á la verdad que el gobierno seria una oligarchia estrecha. Tener voz para elejir á aquellos por quienes uno debe ser gobernado es una medio de proteccion propia, debido á cada uno, sin que tuviese que permanecer para siempre excluido de la funcion de gobernar; y que la mujer sea considerada hábil para esta eleccion, puede presumirse del hecho que la ley ya la confiere ésta el mas importante de todos los casos para ella misma: la eleccion del hombre

que debe gobernar la mujer hasta el fin de la vida y que se supone ser un acto voluntario por parte de ella".

Diz ainda Stuart Mill, o notavel defensor dos direitos da mulher, "que a justiça é o principio cardinal da liberdade dos povos e que se não pode conceber a tyrannia na cellula social, na familia. A sociedade não pode ser uma republica no complexo e uma aglomeração de monarchia no particular: não pode haver prosperidade numa sociedade de tal genero."

O celebre pensador allemão, Max Nordau na "Inchiesta sulla donna", de G. Garbarotta, assim responde: "A mulher deve ter o direito de voto em todos os campos da vida publica. Ela, radical, falo contra o meu proprio interesse, porque o voto da mulher será quasi sempre conservador, anti-reaccionario! Mas a justiça e a logica dizem estar para mim acima de qualquer interesse de partido. E porque razão, então, minha esposa seria menos seductora e menos amavel, quando tivesse todos os direitos que eu tenho?"

Oxalá que dous terços da humanidade pensassem desse modo e a victoria feminina seria completa!

Convicta de que a concessão do voto ás mulheres é um dos primordiais elementos para a conquista dos seus direitos legais, da igualização das leis que nos devem reger, ou pelo menos, para a sua modificação favoravel em relação aos muito justos interesses do sexo feminino, terminamos solicitando ás gentis patriotas que trabalhem, sem desanimo e sem treguas, pelos seus proprios direitos; que acolham o voto feminino como um apello á justiça tarda dos legisladores, como um premio ao seu merito desprestigiado ou mal comprehendido! Já é tempo, de termos o nosso voto, a nossa opinião!

O absolutismo é deprimemente, é humilhante; não gera a paz, ateia a revolta!!

4 — VII — 1917.

DRA. F. PRAGUER FRÓIS.

O MAIS BELLO DOS PRESENTES

Quem quizer offerecer um mimo a uma senhora, a uma moça ou a uma menina, pôde escolher entre objectos de adorno superfluo ou entre outros de real utilidade, e os mais baratos não custarão menos de cem mil réis. Mas o mimo melhor, o mais util pelos seus resultados, o mais duravel, o mais gentil, o mais delicado é uma collecção lindamente encadernada da "Revista Feminina", que custa apenas 25000.

Pedidos a esta redacção. A collecção referente ao anno que findou é a mais rica de todas.



O travesso e lindo José Geraldo, filhinho da exma. sra. d. Maria Augusta da Costa Carvalho, nossa representante em Campinas.

BODAS MYSTICAS

Era Natal. A missa do gallo terminara. No recinto do recolhimento os vitraes deixaram de reflectir a luz através dos crystaes coloridos. As sombras envolviam tudo. O orgão da capella emmudecera. Morreram no silencio nocturno os ultimos sons dos sinos.

As monjas voltaram da egreja, e, rapidas e silenciosas, com as toucas agitadas pelo vento glacial, regressaram sem falar para suas cellas, como um cortejo de cysnes medrosos que fugiam da neve que se ia formando no ar.

Soror Cecilia foi das ultimas a chegar. Sua pequena cella de noviça, casta e humilde, tinha um leito baixo com cortinas brancas. Sem saber por que, sentia-se então um tanto ou quanto melancolica, e foi porisso que se demorou na egreja mais do que habitualmente fazia, até ao momento em que a sachristã foi apagando successivamente todos os cirios, de cuja extremidade parecia recolher a chamma.

Dir-se-ia que tinha receio de voltar á solidão da sua cella. Era a primeira vez, desde o seu ingresso naquella recolhimento, que uma tal tristeza a invadia. Libertou a cabeça da touca engommada que a cingia, e despiu-se á pressa, ansiosa de se submergir sob os lençoes, a tremer de frio ao observar pela exigua janellinha a noite cruel que ia lá fóra. Em sua alma, egualmente agitada, parecia-lhe que gelava tambem.

Atirou para a unica cadeira o seu vestido negro e sua touca de azas amplas, e deixou no chão seus sapatos, um junto ao outro, não sem experimentar uma vaga amargura, uma nostalgia, que constituia, sem duvida, um peccado venial. Pensara no tempo distante em que collocava debaixo do fogão, em noites eguaes áquella, seus sapatinhos de menina... E depois, cada vez mais entristecida, evocou outras recordações profanas e doces: o lar, as creanças, a vida em familia. Ella renunciou a tudo aquillo! Vestida em seu triste habito negro, fizera suas nupcias com Jesus. Mas Jesus estava longe. Amava-o como a um esposo ausente, viajero sobre um mar sem raias... Achava-se tão só, tão solitaria... E mais que nunca naquella noite, em que só o vento

do inverno penetraria pela velha chaminé familiar e sem que nenhum niuio iria encher o vasio glacial dos seus sapatos orphãos...

Iam assim correndo seus pensamentos naquella noite. Mas o somno, misericordioso, se foi aposando della com lentitude. Um tremor intermitente das palpebras... Suas pupillas deixaram de contemplar a solidão uniforme da cella, que começava a illuminar-se de um resplendor de luar cor de perola.

Ah! a invasão do luar em sua estancia! trevas que se illuminam! lenta metamorphose das coisas! Onde acaba o real? Onde o sonho começa? Mystério do claro-escuro que suprime sua indecisa conjuncção.

A noviça então, cujos olhares se fixavam obsti-

nadamente e com tristeza nos seus sapatos negros, como se fossem de luto, cuidou dividi-los menos perdidos na sombra, e viu que, de subito, se tornaram nítidos e brancos. Era o luar que entrara pela janella? Era sonho ou milagre? Já não eram seus vulgares sapatos de couro, escuros como a noite e confundindo-se com ella, mas dois prateados

sapatos de setim, brilhantes e niveos, que lançavam prateados reflexos... Eram sapatos virgíneos de noiva.

E sobre a cadeira solitaria eis que o habito sombrio e nocturno de monja — era, por acaso, mais um effeito da lua, ou sonho ou real prodigio? — começou por seu turno a ser invadido pelas brancuras crescentes. De instante a instante, a noite fugia refugiando-se nas pregas do vestido e desaparecia por fim, desalojada e vencida pelo incenlo branco que convertia todo aquelle religioso uniforme num traje esplendoroso e magnifico... um immaculado traje de desposada, que aguardava o momento de vestir a virgem, abandonado e cahido, mas gloriosamente nupcial, sobre a cadeira deslumiada da cella...

Cecilia então, como se aceitasse com jubilo a permissão divina, levantou-se dentre as cortinas do seu leito. Estava ella completamente desperta, ou,



um pouco somnambula, representava a illusão do seu sonho?

Ditosa e gentil, começou a ataviar-se para o desconhecido esposo. Porque aquellas vestes nupcias presuppunham um esposo. Calçou primeiro os candidos e lindos sapatinhos, que continuavam a brilhar na obscuridade e se faziam doceis aos seus pés como se fossem duas pombinhas. Vestiu depois o rico traje, de radioso tecido, que a encheu toda de serenos resplendores.

Quando deu alguns passos, o chão da cella praticou-se também. Dir-se-ia que seu vestido irradiava um fulgido clarão...

Faltava-lhe somente approximar-se do altar com seu véo de tulle e rendas que tornaria mais leve o leve rosa do seu semblante e uniformisaria numma total brancura o seu ultimo dia de solteira.

Mas a esta idéa, Cecilia poz-se subitamente confusa e contrita. Seus sapatos, por complacencia divina, tinham-se trocado, naquella milagrosa noite de Natal, em sapatinhos brilhantes de setim. Mas o luar, o luar magico das suras bodas, onde encontraria elle a materia prima para o véo de tulle e renda, o indispensavel véo, com o qual ella não podia receber a administração do sacramento, e sem o qual, portanto, era impossivel seu casamento?

Como explicar tal acontecimento? E como reparar-o? Cecilia sentiu profunda inquietação. Caminhou precipitadamente pela cella, buscando por todos os cantos o fragil ornamento, tão fragil mas tão essencial. Oh! aquelle véo, o objecto do ultimo momento que falta sempre a todo mundo.

De improviso lançou uma exclamação e ficou imóvel, como absorva ante o esplendor do adorno tão cubicado, que appareceu bruscamente deante dos seus olhos. Ali mesmo, no marco luminoso da janella, recortado pelo luar, o véo pendia. Oh! um soberbo véo, inconsul e bordado, mais bello que o que ostentava a Virgem nos officios do mez de Maio!

Oh! que renda maravilhosa! ninguem jamais viu igual. Nunca seus dedos nem os de nenhuma monja teceram obra igual... Era de verdadeiro ponto de filigrana: um jardim artificial de renda a exhibir, em toda a sua branca primavera, mólhos de flores inanimadas.

E Cecilia approximou-se delle, cheia de temor e de goso. Como ia soar a hora da cerimonia nupcial, quiz retirar o véo da janella... Ali estava elle como que collado. A trama delicada resistiu ao seu desejo. Foi em vão que, seguindo com os dedos os desenhos em relevo, afim de ver qual era o lado mais solido para puxar, tentou attrahil-o a si: o adorno subtil permanecia adherido aos vidros da janella.

Inquieta e febril, insistiu mais, perguntando a si propria que occultos alfinetes, que fios ainda não cortados retinham assim, a seu pesar, junto aos vidros da janella, as bellas rendas daquelle véo.

Tudo inutil. O tecido fugia sob seus dedos. Entretanto, Cecilia obstinava-se em querer apanhar a indispensavel prenda. Com nervosa impaciencia fez um supremo esforço, que bruscamente abateu todas as flores bordadas, todos os adornos e applicações.

A tulle do fundo cedeu por sua vez, e o véo inteiro, cheio de subtilissimas tramas, se rompeu sob a persistencia dos seus dedos.

De subito — seria a fuga da lua á approximação da alba já nascente? era o fim do sonho ou do milagre? — Cecilia despertou em sua cella, ainda mergulhada na escuridão e ouviu o toque do sino matinal, que convidava as religiosas a abar-donar o leito.

Apressadamente vestiu seu habito negro, calçou seus sapatos negros, recordando vagamente o seu sonho branco da noite, e com uma indizível tristeza contemplou na janella o véo da geada que o inverno tecera sobre os cristaes...



HISTORIA CURTA

... Os dois amantes, num barquinho estreito, Quindo em meio ao mar e som de uma harpa. Navegavam risonhos, sem que a farpa Da desventura lhes ferisse o peito...

Baloça o barco e, sem destino, zarpa... O oceano á morte e á tempestade afflito. Fez com que a vaga lhe envolvesse o leito de chãos, de escôlho, de calháo, de escarpa...

Perdeu-se o barco para sempre. Apenas Guardam as velas doloridas penas, Como quem dêsse o adeus de atroz partida...

O paradelro desses dois amantes, Em momentos de dores lancinantes, Dli-o-á quem naufragou no Mar da Vida!

Rocha Ferreira

Plantas ornamentaes

Entre as maravilhas da natureza não são menos surprehendedes, para quem sente o prazer do bello, as flores cuja artistica configuração offerece ao homem modelos vivos para a ornamentação e para as decorações de architectura.

A' primeira vista parece incongruente o qualificativo de artisticas applicado ás plantas, porque a natureza deve estar fóra de toda terminologia usual da arte; não, porém, tal incongruência quando se faz da arte um conceito amplo e elevado que se identifica com o da belleza.

Se admittimos, como racionalmente devemos admitir, que a natureza não é obra de casualidade nem producto fortuito de forças inconscientes, senão resultado logico de um plano de antemão concebido na mente do Creador, não podemos deixar de reconhecer a arte insuperavel com que de suas divinas mãos brotam essas plantas de fórmãs tão bellas e tão originaes, de tão sábia contextura, como nunca fóra capaz de imaginar o homem de mais fecundo engenho.

Para o botanico, que observa as plantas com es-

tricto rigor scientifico através do microscopio, a flor é essencialmente constituída pelos estames, pelos pistillos e pelo ovario, sendo a corola um ele-

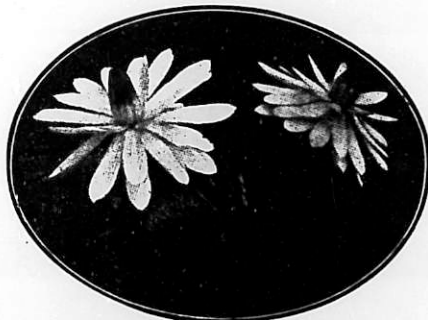


Nymphaea rubra rosea, magnífica rosa marinha das Indias Occidentaes.

mento subalterno e adventicio sem importancia na organographia vegetal. Mas o artista, que por um extranho paradoxo, tem os mesmos gostos que o vulgo, só vê na flor a corolla com a admiravel symetria das suas petalas e a pasmosa variedade dos seus matizes, da mesma maneira como na folha só vê a fórmula, desprezando a capital função physiologica que este órgão desempenha na vida da planta.

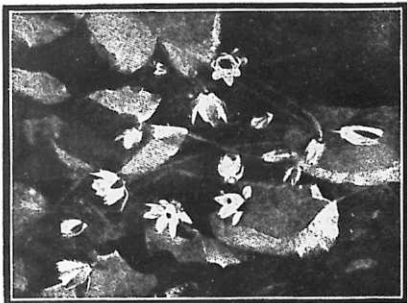
O habito de ver as flores que medram em nossos climas, embotou-nos, por assim dizer, o sentido da belleza e olhamos com indifferença a rosa, o cravo, o jasmin, a camelia e todos os demais subditos do reino da Flora com as quaes estamos muito familiarisados. O homem só goza vivamente o prazer da novidade, só se extasia ante o extraordinairio, o bizarro, o extravagante; está sempre disposto a menosprezar o que é commum, por mais bello que seja, como o quotidiano levantar do sol para preferir o que é raro, como os eclipses do astro que governa o nosso systema planetario.

E' por isso que os homens, por menos curiosos que sejam, sempre se interessam pelas flores exóticas, e acham-n'as sempre interessantes,



Nymphaea lotus. A flor do lotus das margens do Nilo.

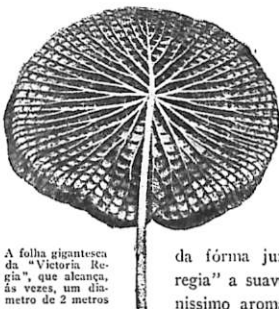
embora desprovidas de beleza. Todo mundo sabe que ha flores aquáticas. Muitas dessas só medram na agua e parecem ter horror ao ar. Não ha pro-



Rosa branca marítima, a rainha das aguas.

priamente plantas aquáticas no sentido rigoroso da expressão, a não ser as que vivem no fundo dos mares e das quacs só os homens de sciencia é que têm noticia. Nenhuma planta, por aquática que seja, pôde viver sem ar, porque as folhas de ditas plantas não são de estrutura compacta, senão que, como se observa na rosa marinha, que é a rainha das aguas, estão providas de numerosos canaliculos cylindricos de diversos diametros que servem de conducto para levar o ar ás partes submergidas.

Quanto ao aspecto artistico, é indubitavel que a soberana das aguas marinhas é a formosa e gigantesca "Victoria regia", cuja folha alcança o incrível diametro de dois metros e pode supportar, sem se dobrar, um peso de cinco kilos ou mais. No reverso ha uma porção de canaliculos conductores de ar, em



A folha gigantesca da "Victoria regia", que alcança, ás vezes, um diametro de 2 metros

da forma junta a "Victoria regia" a suavidade do seu finissimo aroma, e não ha, na flora marinha do globo, outra flor de tão sumptuosa riqueza.

As flores medem quarenta centímetros. Ao pôr

tão artistica disposição que bem pôde servir de suggestivo modelo aos artistas decoradores para seus motivos ornamentaes.

A belleza da forma junta a "Victoria regia" a suavidade do seu finissimo aroma, e não ha, na flora marinha do globo, outra flor de tão sumptuosa riqueza.

do sol, tem uma coloração esbranquiçada, que vae pouco a pouco adquirindo um lindo matiz de rosa. Esta maravilhosa flor é originaria do Amazonas. Desde alguns annos, porém, os floricultores allemaes logram cultivar-a em agua morna.

Quem não ouviu ainda falar da flor do lotus? Medra espontaneamente nas pantanosas margens do Nilo, e comprehende muitas variedades de forma e de colorido. Ha lotus muito semelhantes aos nossos lirios, e a sua cor pôde ser branca ou azul. Essa flor, além de ser empregada como estilisação artistica, é considerada pelos povos orientaes como flor symbolica e sagrada. No Egypto sempre esteve associada a todas as representações de Osiris, Isis e Horus, symbolisando a passagem do subjectivo para o objectivo, do pensamento abstracto do Creador para as formas concretas e visiveis da Creação.

Demaís, a circumstancia de brotar o lotus do pantano e possuir uma corolla tão pura e branca que não se contamina com o lodo, inspirou a opulenta imaginação dos orientaes, que a tornaram como sym-



A balsamina sylvestre.

bolo do espirito humano, que, sujeito ás misérias e contingencias da carne, nunca perde seus attributos divinos e pode passar sem mácula das concupiscencias terrenas á pureza da patria celestial.

Outra planta de configuração lindamente artistica, em que se podem inspirar os decoradores, é a balsamina sylvestre, que nasce em terrenos humidos e floresce, na Europa, nos mezes de Julho e Agosto.

Quando as sementes desta flor já estão fecundadas no ovario, vão amadurecendo pouco a pouco e por fim arrebenta a cápsula do ovario, produzindo uma pequena explosão semelhante a um estalo.

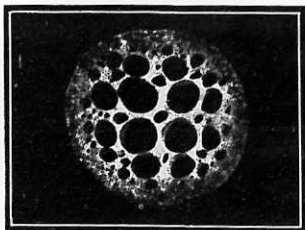
Algun tanto semelhante ao lotus, embora com folhas de incomparavel opulencia artistica, é a magnifica rosa das Indias, scientificamente chamada "Nymphoca rubra rosea", que, em alguns tratados,

se denomina "lotus vermelho", por seu íntimo parentesco com as variedades brancas e azues.

Não menos bello modelo para a pintura decorativa e desenho ornamental é a "Eichornia crassipes", da familia das pentas deriáceas, que não é senão uma das muitas variedades do lírio d'água, primo-irmão do lotus. E' muito commum no Brasil e dá flores de um precioso matiz azul.

Rival da "Victoria regia" em belleza e sumptuosidade, é a "Heráclea", linda planta cujas flores offerecem a configuração de um para-sol e attinge até tres metros de altura, sendo, porisso, um valioso elemento de adorno para parques e jardins, e um bello motivo para estilisação artistica.

Finalmente a rosa branca marinha é uma variedade da flora aquatica, muito parecida com a rosa dos nossos jardins, e susceptivel de produzir novas variedades mediante uma intelligente cultura.



Um côrte na haste de uma folha da rosa marinha, onde se vêem conductos de ar para alimantar as partes subaquáticas, por meio de canaliculos de diversos tamanhos.

A estilisação das plantas se acha ainda em sua infancia, pois os decoradores e desenhistas só usam inspirar-se em themas já antiquados, que, sem deixar de ser artisticos, são por vezes cançativos. To-

dos elles recorrem á Renascença e aos estylos que della derivaram. Ora, naquelles tempos, ainda não tinha sido explorada a flora tropical americana, não se conheciam as esplendidas plantas de corollas magnificas, cujas fórmas andam de par com a belleza dos matizes.

E' extranhavel que os artistas, deante de tantas bellezas, ainda vivam escravizados aos velhos motivos e ainda a vinha e a folha de acantho! Claro está que não é preciso copiar a natureza, calcar, por assim dizer, as fórmas de infinita variedade que ella nos offerece; basta buscal-as como fonte de inspiração.

O CARVOEIRO E O GRAN-SENHOR

Carlos Nobis e Beti tiveram hontem uma disputa. Carlos é muito orgulhoso, porque seu pae é um gran-senhor; um senhor alto, com barba preta, muito sério, que vai quasi todos os dias acompanhar o seu filho á escola.

Hontem, de manhã, Nobis brigou com Beti, um dos seus condiscipulos, filho de um carvoeiro, e não sabendo já que responder-lhe, porque não tinha razão, disse-lhe em voz alta:

— O teu pae é um maltrapilho.

Beti ruborizou-se, mas não disse nada; saltaram-lhe as lagrimas e quando foi para casa contou tudo a seu pae. O carvoeiro, homem pequeno e muito negro, foi á aula da tarde com o pequerrucho pela mão, queixando-se ao professor. Enquanto se queixava, e como todos estavam calados, o pae de Nobis, que tirava a capa ao seu filho, confiou-me era seu costume, na hombra da porta, ouviu pronunciar o seu nome e entrou a pedir explicações.

— E' este senhor — respondeu o mestre — que vein queixar-se de que o seu filho Carlos disse a Beti que o pae era um maltrapilho.

O pae de Nobis enrugou a fronte e ruborizou-se um tanto. Depois, perguntou a seu filho:

— Disseste essas palavras?

O filho, de pé no meio da escola, com a cabeça baixa deante de Beti, não respondeu nada. Então o pae agarrou-o por um braço e avançou mais para a frente de Beti até quasi se tocarem, e disse:

— Pede-lhe perdão.

O carvoeiro quiz intervir e replicou:

— Não, não.

Mas o senhor não o attendeu e tornou a dizer a seu filho:

— Pede-lhe perdão. Repete as minhas palavras: "Eu te peço perdão da palavra injuriosa, insensata, falta de nobreza, que disse contra o teu pae, ao qual o meu tem muita honra em apertar a mão".

O carvoeiro fez um gesto resolutivo a dizer-lhe:

— Não quero.

O senhor não lh'o consentiu, e o seu filho disse lentamente, com a voz cortada, sem levantar os olhos do chão.

— Eu te peço perdão... da palavra injuriosa... insensata... sem nobreza, que disse contra o teu pae, ao qual o meu... tem muita honra em apertar a mão!

Então o senhor estendeu a mão ao carvoeiro, que a apertou com força, e depois, num repellido repentino, lançou o seu filho nos braços de Carlos Nobis.

— Faça-me o favor de os collocar juntos — disse o cavalheiro ao professor.

Este poz Beti no banco de Nobis. Quando estavam nos seus logares, o pae de Carlos saudou e sahio.

O carvoeiro ficou um momento pensativo, olhando os dois rapazes reunidos; depois, acercou-se do banco e olhou para Nobis com expressão de carinho e arrependimento, como si quizesse dizer-lhe alguma coisa, mas não disse nada; estendeu a mão para lhe fazer uma caricia, mas tão pouco se atreveu a fazel-a, contentando-se em lhe tocar a fronte com os seus dedos toscos. Depois, aproximou-se da porta e, voltando-se ainda uma vez para o o'har, desapareceu.

— "Lembra-vos bem do que acabais de ver — observou o professor.

— Esta é a melhor lição do anno.

EDMUNDO DE AMICIS.

O delirio de Hugo van der Goes

Ah! Senhor, faz dó! — Assim falando o prior de Rouge-Cloître juntou as mãos unctuosamente.

Os últimos raios de um sol de outono douravam os vitraes do aposento dos hospedes. Os sinos do convento annunciavam os officios da noite.

— Vossa Senhoria vai á capella?

O visitante estrangeiro inclinou a cabeça, em signal de assentimento. Era elle um homem de cerca de cincoenta annos, ricamente trajado, com um perenne sorriso malicioso pendente dos labios, de aspecto magestoso. Seus olhos, de um azul profundo, revelavam o habito de mandar. Brincando com o collar de ouro que lhe ornava o peito, parecia preocupado com um doloroso pensamento.

— Sim, sr. prior, — exclamou, — e a emoção tornava o seu accento italiano mais vibrante. — irei juntar as minhas orações ás vossas para que os céos se compadeçam de mestre Hugo. Não merece a intercessão da Virgem aquella que, depois de Lucas, de mais sublime maneira soube exprimir a sua bondade? Diga-me, padre, quando foi que o meu infeliz amigo revelou pelo fallar que a razão o abandonára?

— Senhor Portinari, — respondeu o prior, — o delirio apoderou-se desta alta consciencia como o raio se abate sobre o cedro dos montes. O lamentavel acontecimento deu-se hontem, sem que ninguém sequer o suspeitasse. D'aqui a pouco fará seis annos que Hugo van der Goes veio bater a esta casa de oração. Foi pelos ultimos mezes de 1476. Os perigos do seculo, dizia elle, acabariam tambem por abalar-lhe o coração; só aspirava á paz que nós gozamos.

— Pensava elle abandonar a arte da pintura?

— Muito pelo contrario, elle nos vinha pedir asylo para trabalhar, longe do bulicio do mundo, na glorificação dos mysterios. Compreendi, pois, o meu dever e o delle. Comquanto revestido lo habito de novico, Hugo não observava, totalmente, as nossas regras. A bem dizer, nem todos os cuidados profanos estavam banidos do seu coração. Tendo-se espalhado por toda a Filandia a noticia de ter professado, vieram visital-o altas personalidades. Eu fui obrigado a autorizar o nosso irmão converso a recebê-lo no aposento dos hospedes. Foi um nunca mais acabar de visitas a Rouge-Cloître. Hugo tinha immenso prazer em mostrar os seus recentes trabalhos aos seus admiradores: conversava e banquetava-se com elles. Achei mesmo conveniente autorizar nestas reuniões o uso do vinho. Fui severamente punido por estas quebras da regra agostiniana. Ah! senhor Thomaz! seja tudo pelo amor de Deus! Alguns dos nos-

sos irmãos, em sua sabedoria, murmuravam: — "Não se deve, de modo algum, exaltar os novicos, e sim humilhá-los".

Após um longo suspiro accrescentou o prior:

— Mas, admiro que o senhor, protector de Van der Goes, não tenha já sido um dos nossos hospedes!

— Os meus negocios de banqueiro, — disse Portinari, — retinham-me em Florença junto dos Medicis. Todavia, a noticia da vocação de mestre Hugo chegou aos meus ouvidos. Soube que o archiduque Maximiliano aqui esteve, com numerozo sequito, e que não se retirou sinão depois d' haver prestado grandes homenagens ao artista.

— E' verdade. E esta visita do archi-duque ficará memoravel nos fastos do convento. O nosso irmão converso

acabava de concluir o quadro em que descreveu a feliz agonia da Virgem Mãe. Ante esta imagem, que se suporia estampada no Paraíso, o archiduque se prostrou em longa oração: um dos homens d'armas allenças da esculpta do principe verteu lagrimas de ternura. Duvido que elle possa produzir uma obra que se eguie a esta.

— Eston impaciente por ver esta *Morte da Virgem*, — exclamou Portinari. Mas, por muito merecedora q.e seja de admiração, não poderá ultrapassar o retabulo que Hugo pintou, a meu pedido, para o hospital de Florença. Os meus compatriotas da Toscana, os mais habéis conhecedores da arte admiram este episodio da Natividade. Dê-me o gorção de ver que um tão bello trabalho tenha sido castigado em seu espirito, como aconteceu ao malvado rei Nabuchodonosor. F. isto é justiça divina?

Um grande gesto do monge fez parar a blasphemia nos labios do italiano. — Vamos rezar — disse o velho.

Thomaz Portinari, banqueiro dos Medicis na opulenta cidade de Bruges, era famoso em toda a Borgonha pela sua munificencia e por sua piedade. Em seu regresso da Italia, teve conhecimento de que seu pintor amado, Hugo van der Goes, no curso de uma viagem a Colonia, perdera a razão, subitamente. Conduzido a toda pressa a Roo-Closter, o desventurado causara espanto a todos os irmãos.

Elle se dizia damnado, proclamava-se um filho de perdição e ameaçava pôr termo aos seus dias. A esta triste nova, Portinari percorreu, sem tardança a distancia que separa Bruges da floresta de Soigne. O seu caridoso intuito era levar em sua companhia o illustre enfermo afim de submettel-o a tratamento, segundo os segredos dos physicos da Italia. Messer Thomaz era um homem pra-



Van der Goes sentou-se num banco de pedra junto ao velho pego.

tico: resolveu aceitar, por alguns dias, a hospitalidade do prior. Assim, poderia elle estudar, á vontade, os symptomas do mal que soffria Van der Goes e procurar suavisal-o.

Logo no dia seguinte, elle fez ir ao seu aposento o abade Nicolau. Este padre, irmão carnal do doente, tinha-o acompanhado nessa mal aventurada viagem a Colonia. Portinari interrogou-o demoradamente. Nicolau agradava, principalmente por sua simplicidade; mas, limitava-se a declarar que Hugo devia ter incorrido na colera divina por algum peccado mortal. O melhor, — dizia, — era curvar a cabeça e implorar o seu perdão. E, humilmente, concluía:

— Um, mais douto, frei Gaspar, por exemplo, poderia melhor satisfazer a curiosidade de Vossa Senhoria.

Frei Gaspar Onhuys, era um verdadeiro sabio, de quem se orgulhavam os mosteiros do Braham, e cujas chronicas faziam em latim.

— Ilustrissimo, — disse elle ao banqueiro Portinari, — estimo Hugo van der Goes, com elle fiz meu noviciado, tanto quanto o pôde uma misera creatura. Com elle vivi estes ultimos seis annos. Via-o pintar e me admirava de como elle sabia dar aos personagens da Escripura uma augusta dignidade. A Providencia dotou nosso irmão de raros talentos. Mas, como sem duvida, sabe, o excesso de inquietação propria do artista vae agir sobre uma pequena veia, que temos perto do cerebro: esta veia é dominada pela potencia creadora; e quando a imaginação trabalha muito, ella se rompe.

— Compreendendo, — interrompeu Portinari, — mas, pôde acontecer, ás vezes, que um incidente vulgar precipite a desordem do cerebro.

Frei Gaspar fez o signal da cruz.

— Oh! Virgem Santa! Inspira a minha linguagem! Com a ajuda da Immaculada, poderei dizer-lhe, sem peccar, um pensamento que me ocorreu. Não ha duvida, Hugo



O irmão converso dava o ultimo retoque ao seu quadro: *A Morte da Virgem*.

— Conheço esta historia, — continuou Messer. — Jurro-lhe que um clérigo pôde excusar-se. Nos dias da sua mocidade, Hugo foi chamado a Gaud à casa de Jacques Weyteus, homem fidalgo.

Este senhor, de um coração duro e vão, encarregou van der Goes de ornamentar de imagens uma sala de sua casa. Hugo reproduziu a virtuosa aventura de Abigail.

— Maravilhosa historia, e providencial! — interrompeu o religioso. Conta o livro de Samuel que Nabal, avarento e zeloso, recusára assistência a David e seus companheiros, embora fosse possuidor de mil cabras e tres mil ovelhas. Então, Abigail, a mulher de Nabal, bella quanto precavida, foi a David com vittualhas e presentes. Ferido Nabal pela vingança do Senhor, mandou David em paz a viuva, que se havia retirado para o Monte Carmello. — David, disseram os mensageiros, mandou-nos a vós porque deseja desposar-vos. Abigail os seguiu e tornou-se a mulher de David.

— Pois bem, — proseguiu Messer Thomaz, — Hugo pintou as feições desta santa mulher na parede da casa de Weyteus: elle porém, não se contentou em dar-lhe o semblante de uma virgem da terra. Jacques Weyteus tinha uma filha de nome Elizabeth cuja grande belleza anilava em todas as bocas. Ver esta flor de innocencia foi para Van der Goes fazer della captivo o seu coração. E rogou a Weyteus lhe desse Elizabeth por esposa. Mas, o rico, máu, semelhante a Nabal, só ouviu os conselhos da avareza: e expulso o pintor. A donzella, em sua candura, correspondeu ao amor de Hugo. Inconsolavel, tomou o véu das Damas Brancas de Bruxellas. Van der Goes, entretanto, moço fidalgo no solar do duque de Carlos, tornou-se celebre entre todos os artistas. A gloria e o fausto lhe acenavam. E Elizabeth, a desposada de Christo, fallecia santamente no mosteiro de Jerilho.

— Ah! Senhor! Ah! está a razão do segredo de nosso irmão! A sua razão está, então, abysmada pelo desespero de uma felicidade carnal?!

— Talvez, — respondeu o italiano, — depois de curto silencio. Mas, quem sabe si a causa que nós procuramos não é de uma natureza mais elevada? O genio, bom irmão — vimos em meu paiz mais de uma prova, — é um farlo pesadissimo.

— Só Deus sabe porque liga e desliga, — disse Gaspar, para terminar a conversação. *Credo, Deus solus novit.*

E o conego Agostinho deixou Portinari. O burel branco e negro de um novoço appareceu á porta:

— Ilustradissimo Senhor, — falou, com voz tímida, —



que já fallei demais....

— Dispiacere in amore! — disse Portinari. Frei Gaspar, não ignorava o idioma italiano, mostrou ter comprehendido, persignando-se pela segunda vez.

queira ter a bondade de vir á sala dos hospedes entender-se com o reverendo prior.

Defronte da alta poltrona do prior, semelhante a uma estatua de marmore, estava um religioso cuja barba e cabellos de neve davam-lhe o aspecto de remota ancianidade.

— Chamei dom Johannes Gillemans, — disse o prior, — por ser aquelle cujo olhar penetra profundamente em todas as coisas occultas. Ninguém como elle, meditou tanto na arte de alliviar as misérias do corpo. Tanto cura as almas como expelle o demonio. En imploro a sua ajuda em favor do nosso desventurado irmão.

O banqueiro toscano inclinou-se diante do velho monge. Embora de algum modo vaidoso de sua riqueza, procurava lisonjear os ecclesiasticos e lhes falava sempre sem altivez. Ao primeiro relancear da vista reconheceu, no recém-vindo, um grande doutor.

— Aggravou-se o estado do doente? — perguntou elle. — Passei a noite á sua cabeceira, — respondeu dom Johannes! E jamais me pareceu mais triste a sua lousura! Um suor frio o inunda; os labios espinhosos. Só p'nsa destruir o corpo.

— Os livros santos, — observou o prior, — nos descrevem do mesmo modo o mal que atacou o rei Saul.

— Sem duvida. Contudo, Saul em sua furia, queria causar danno aos que delle se approximavam. Ao contrario do monarcha hebreu, o novo irmão só a si proprio dirige a sua raiva. Para os demais continúa a ser paciente e docil como d'antes. Dir-se-ia que se odeia furiosamente. Martyriza o corpo com uma especie de phrenesi. Em seguida, cáe, por terra, aniquillado: o accesso acaba em soluços.

— E isso não tem remedio? — perguntou afflicto Portinari. O bom padre, a quem o gen'ro concede tantas graças, não pôde arrancar este bello génio á noite que o quer devorar? Para conseguir a cura de Hugo consagraria a obras pias metade da minha fortuna.

— Não oso vangloriar-me ainda, — tornou Johannes, — de ver claro neste negro enigma. No entanto, por certas palavras que o infeliz deixa escapar em seu delirio creio adivinhar que lhe tortura o espirito o cuidado de sua salvação. Algumas vezes, se entristece, á idéa das pinturas que não acabará mais: mas, a seguir, jura nunca mais pintar, amaldiçoando sua arte como perigo de eterna perdição. Diga-me, senhor: esteve sempre a seu lado quando elle reproduzia pelo pincel a deliciosa manha de Bthleem? Quando elle vivia no seculo, ouviu-lhe palavras de excessivo orgulho por aquella obra?

Portinari sorriu tristemente.

— O orgulho é meu, pad'ei! Meu, que me glorio de ter inspirado, pelo meu zelo a mais sublime pintura que jamais sahii das mãos de um homem. Certamente, aquelle quadro deve ter provocado o entusiasmo de Hugo, mas sempre com puras intenções. No curso do seu trabalho elle parecia, por vezes, arrebatado em extasis! Dir-se-ia que os seus agéis dedos eram movidos pelos anjos. De uma feita, fui surpreendido-o inquieto e desolado. Desesperava-se, disse-me, por dar á physionomia dos pastores a expressão do supremo consolo que Jesus levava aos pobres. Mestre, — disse-lhe eu, — não desanime; tenha confiança em si proprio. Esse trabalho de emprestar belleza a rostos vill'es, ser-lhe-á um titulo de gloria. Elle abraçou-me. E ouvi-lhe, murmurar, as palavras do velho Simeão: *Dimittis servum tuum, Domine!*

Dom Johannes escutava attento: um clarão scintillou em seus olhos.

— Graças sejam dadas a Vossa Senhoria! exclamou. O que acaba de referir-nos dá-me a esperança de que os nossos olhos de peccadores possam sondar a fonte do mal. Senhor dom prior, — tenha a bondade de mandar chamar aquelles dos nossos irmãos que sabem tocar instrumentos de musica a esses orphãozinhos que aqui aprendem a entoar louvores ao Senhor. Falava Vossa Paternidade do mal que accommetteu Saul. Lembra-se de que os seus sofrimentos acalmavam quando David tangia a cythara diante delle? Espero da Divina Bondade fazer cessar o delirio de nosso irmão ás harmonias de um pio concerto. *Laudate eum cum psalterio.*

A noite já entrava em lucta com os derradeiros clares daquelle dia de Outubro quando Hugo van der Goes

foi, pelos braços de dois noviços, levado para o Jardim do claustro, onde o fizeram sentar-se a um banco de pedra junto a uma velha cisterna. Uma antiga nogueira cecia a sua ramagem verde, agitada pela doce brisa do crepusculo.

O louco circumvagava o olhar attento. Assaltou-o, de repente, a furia, arrancando os cabellos com dedos crispados e como querendo depois arrancar as carnes do peito.

Foi então que os sons melodosos de instrumentos musicaes e as puras vozes infantis sahiram pela noite afóra.

O organo gemia o pranto das misérias humanas, as harpas entoavam as esperanças do perdão: os pequenos cantores narravam as scenas do Pres-pe, falavam dos magos e seus presentes, dos pastores consolados.

Pouco a pouco, pela physionomia entenebrecida pela loucura, derramou-se o pensamento como o clarão de uma aurora. E o rocio das lagrimas veio acalmar a alma martyrizada. Então o subtil Johannes, tomando Portinari pela mão, conduziu-o defronte de mestre Hugo.

— Irmão, — perguntou — reconheces o amigo d'out'ora, aquelle que te pôz nas mãos os pinceis beneditos para que celebras as glorias do Natal?

Os soluços pareciam suffocar van der Goes. Sem proferir uma palavra, lançou-se nos braços de Thomaz.

— Cantem! Cantem mais! Cantem sempre! ordenou Gillemans. — Os do psalterio, os das harpas, do organo, — continuem esta musica arrebatadora!

De novo, começou o sacro concerto. Entretanto, o enfermo, como para espantar um derradeiro pensamento máu, ia e vinha, lentamente com a cabeça entre as mãos. A um signal de dom Johannes, as harmonias foram diminuindo de intensidade, em surdina, como um queixume, tenuissimo murmuro de uma melodia. Hugo apoiou a cabeça ao hombro de Portinari.

Por fim, com voz sumida, falou, como em extasis, como si o deslumbresse uma visão celeste.

— Meus irmãos, — e soluçava, — digam-me que cheguei a tempo! Lá estão elles, todos os quatro, os felizes pastores que a Estrella guiou. Elles saciam a sede de esperança em contemplando o Menino. Vêem aquelle, atrás de todos, e que corre perdidamente? E' o recio de não poder gozar com abundancia do festim de gala. Elle poderá fruir toda a belleza do grandioso espectáculo. Mas eu, — desgraçado de mim, — estou lá longe, ao alto da collin', entre aquelles que o anjo preveniu tardiamente. A hora passa. Eis que a Estrella desmaia. Infeliz que sou! Eu não chegarei. Eu não contemplarei a face de Jesus!...

— A Alleluia! — gritou Johannes para os musicos. As vozes das creanças, entoando as promessas do perdão e a immensa alegria dos celeitos, subiram em coro triumphal pelo espaço. Por sobre a cabeça de Hugo a brisa parecia entretecer palmas da ramagem da nogueira. Calmo, Hugo, baixou a fronte, um somno repentino trouxe-lhe o esquecimento.

— Elle dorme, — disse Johannes.

— Tel-o-á curado? — interrogou Portinari.

— Ora! Não é já uma excepção graça da Divina Misericordia ter podido acalmal-o? A musica impedirá, d'agora em diante, o delirio, e seus furores vão se transformar em melancholias. Que Deus lhe conceda a paz.

— Como havemos de classificar a sua doença? — perguntou Gaspar, que tendo de escrever a historia de Ros-Closter, não queria referir senão a verdade.

— Irmão, — respondeu o bom mago Johannes, — mestre Hugo van der Goes padece do mal de seu genio. Na sua imaginação o drama sagrado, que pintou, a pedido de Frei Thomaz, é tudo quanto de mais precioso pode ter produzido. Para elle nada mais existe na terra. Elle se identifica com a sua obra e a viveu até a dôr. Bem lhe ouviu dizer: — crê-se o pastor retardatário que faltou á hora prometida aos humilhes e este pensamento leva-o ao mais terrivel desespero. Miséria e grandeza da creatura! Nós somos pó e nada mais! Paz áquelles que sabem reprimir as inspirações dos seus sonhos!

— Bemaventurados os pobres de espirito! — concluiu o prior.

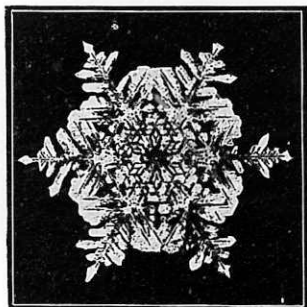
HENRY ROUJON.

Curiosidades scientificas

PLANTAS AQUATICAS. CRYSTAES DE NEVE. TRONCOS DISFORMES. FUNGO EXPLOSIVO. ESQUELETO DE UM DINOSAURO.

Apesar de certos segredos que os naturalistas têm arrancado á natureza, esta ainda reserva muitos outros e encerra infinitas maravilhas de que pouca gente suspeita.

Graças, porém, á photographia, podemos ter idéa de algumas curiosidades naturaes, que offerecem valiosos elementos de arte ornamental.



Um interessantissimo crystal de neve, de configuração geometrica

como acontece, por exemplo, com uma planta muito commum nos pantanos da Europa Central, que os botanicos baptisaram com o nome scientifico de "Alisma plantago" e a que o vulgo dá a pittoresca alcunha de "colher de rã", não porque as rãs usem este apparelho de mesa, está visto, mas porque a planta em questão tem as folhas em forma de colher, e medra tanto na terra como na agua, sendo, portanto, o unico amphibio até agora conhecido no reino vegetal.

A proposito de amphibio, convem distinguir entre a concepção rigorosamente scientifica desta palavra e seu sentido usual. Para os naturalistas são animaes amphibios os que são duplamente dotados não só de respiração pulmonar, como os mamiferos, as aves e reptis, e sim tambem de outro processo de respirar, como os peixes. Segundo este conceito, não ha na natureza outros animaes amphibios além dos batracchios na segunda phase da sua metamorphose, os quaes tanto podem respirar na agua como fóra della.

Mas, por extensão, e sem entrar em minucias physiologicas, chamam-se amphibios os animaes que indistinctamente se acostumam a viver na agua ou em terra, dos quaes o exemplo typico é a rã, que, embora podendo viver em terra, gosta mais da agua. A rã, entretanto, se está dentro de um tanque ou de um charco, não respira propriamente, se temos em conta esta funcção nutritiva, mas vae gastando o ar que ficou arma-

zenado em seus pulmões enquanto esteve ao ar livre. Uma vez consumida esta provisão de ar, ella fatalmente tem de sahir da agua.

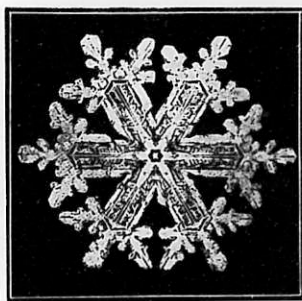
Conhecida esta distincção, comprehende-se a razão por que a gente do campo chama, em sua linguagem pittoresca, "colher de rã" a esta planta, que, além da forma de suas folhas, medra nos pantanos, onde as rãs tambem vivem.

A planta offerece diversos aspectos segundo o meio ambiente em que se desenvolve. Ella lança folhinhas estreitas que boiam á superficie da agua, enquanto as folhas em forma de colher se erguem no ar e differem notavelmente das folhas aquaticas.

Esta planta, como a sensitiva, offerece aos botanicos poderosos elementos para affirmar que em certos vegetaes ha rudimentos de sensibilidade e portanto de consciencia.

Basta olhar a configuração da planta, em conjuncto, para ver que formosos modelos de estylisação ella offerece aos artistas decoradores, pois differe dos acanthos e de outros elementos ornamentaes, que, embora produzam bellos effeitos, estão já demasiadamente repetidos e vulgarizados nas composições decorativas.

Analogo serviço promettem prestar á arte os crystaes de neve, que um naturalista de habil visão microscopica conseguiu reproduzir em photographias ampliadas. Claro está que desde muitos annos se conhecem os crystaes de neve, em-



Crystal de neve, de forma caprichosa e elegante, que pode bem servir de elemento para a arte decorativa

bora muita gente não suspeite as admiraveis formas geometricas que assumem ao conglomerarse. E' impossivel attribuir a uma mera casualidade daquellas formas crystalinas em que a symetria, a exactidão, a proporção, a harmonia e a eurythmia se irmanam mysteriosamente para produzir tão diversos e multiplos aspectos de

belleza. Além dos modelos que reproduzimos, ha outros mais, numerosissimos, cada qual de diversa configuração geometrica, mas todos elles a attestar, por sua inegalavel belleza, que alguma mão subtil, impalpavel, etherea, se compraz em agrupar as particulas de agua solidificada



O "licoperdon", singularissimo fungo, de forma bulbosa, que, quando maduro e secco, estala como uma bomba.

em formas que deixam a arte humana em notorias condições de inferioridade. Mas tambem, ás vezes, não sabemos por que, tem nossa mãe commum sinistros caprichos de má maldraça. Temos uma prova disso nas monstruosidades que ella cria, como os tumores enormes que se vêm nos troncos das arvores e outras fealdades. Os entendidos em pathologia vegetal attribuem ás larvas de certos insectos essas deformações colossaes, esses enormes tumores. Neste caso estamos de novo diante da mysteriosa lei do sacrificio, que exige a saúde e a vida de um certo numero de seres para manter a vida e a saúde de outros. Ao insecto que de tal maneira ataca a arvore e acaba, ás vezes, por matal-a, não faltará um passaro insectivoro que se incumba de devorar-o, nem o passaro, por sua vez, se livrará de cair nas fauces do reptil ou do felino. Reptil e felino serão tambem victimas do homem, que lhes dá caça.

Entre as nossas illustrações verão os leitores um "licoperdon", que tem mais ou menos a configuração de uma cebola. Quando está verde, tem um sabor muito agradável e é usado como comestivel; e quando se deixa amadurecer, perde suas propriedades alimentares. Se envelhece muito, ha um momento em que, aquecendo aos ventúbulos do sol, estoura como uma bomba ou irrompe como um vulcão, sem que até agora se tenham analysado as substancias projectadas pelo estouro. É certo que não serão semelhantes ás que projectam as metralhas... Seja como fôr, parece que o licoperdon representa, entre os vegetaes, um individuo de genio terrorista...

Quem quizer povoar a imaginação de coisas fantasticas, não necessita sahir da natureza. Basta observal-a e estudal-a.

Vejam o esqueleto desse dinosauro, animal gigantesco, que habitava o nosso planeta ha a bagatella de uns tres milhões de annos... O homem não conheceu esse animal. Quando o homem appareceu na terra, elle já tinha desaparecido havia milhares de seculos.

Não garantimos se neste calculo os senhores paleontologistas terão accrescentado um ponto além do conto...

A forma do animal não é muito airosa, lá para que se diga... Tem mais ou menos a forma de um rhinoceronte. Quando nos asseguram os sabios que o megatherio, o dinosauro, o mamuth e outros gigantes antidiluvianos do mundo animal trepavam ás arvores daquellas remotissimas epochas, cujos restos servem hoje de alimento á industria em forma de carvão de pedra, parece impossivel que possam ser tão categoricos em suas affirmações. Entretanto, uma vez explicado o fundamento da sua analyse paleontologica, comprehende-se perfectamente que elles podem affirmar isso, que, á primeira vista, parece um mysterio impenetravel. Verdade é que os ossos do animal fossil apresentam bem claros e definidos os sitios em que se inseriam e se aprofundavam os musculos, cujo tamanho e robustez se inferem da maior ou menor profundidade dos ditos pontos de inserção muscular. Uma vez computado este factor, resulta simplicissimo reconstruir, com toda probabilidade de acerto, o animal e calcular a epocha que lhe marca a geologia.

Quem desejar dados mais copiosos, pode adquirir-os no Museu de Historia Natural de Washington, onde se acha exposto á admiração dos visitantes esta testemunha muda da catastrophe diluviana. Em nosso Museu do Ipiranga, que é



Esqueleto de dinosauro gigante, um dos animaes antidiluvianos. (Museu de Historia Natural de Washington).

muito modesto, mas, apesar disso, preciosissimo, não possuímos senão pouquissimos exemplares da fauna antidiluviana. Quanto aos monstros, porém, dessa epocha, como masthodontes, cenosauros, dragões pterodactylos e outros, dispõe o Museu de uma interessante collecção representada em barro, com as proporções, relativas ao homem, rigorosamente estudadas.

O sino e a sua fundição

Ha quinze seculos que o sino é o symbolo da fé, que, com a resonancia da sua voz, convoca os fieis ao logar da oração, e balouçando-se alegremente, enche

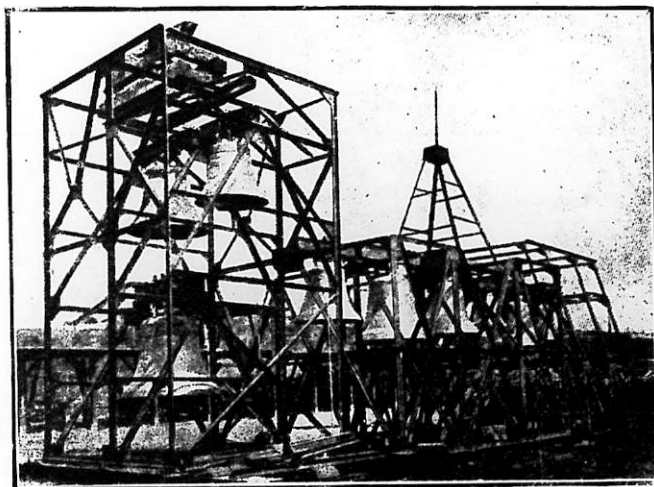
no alto das torres. E' por isso que se chamam campanarios.

Entretanto, a idéa do bispo de Nola ponde ter sua

genese independentemente da antiquissima existencia destes apparatus instrumentos aereos, porque a affirmação que fazem os eruditos impugnando a originalidade da idéa e attribuindo-a á China, onde, ha milênios se vêm gigantescos sinos de ferro balouçando das torres, pôde ser combatida, tanto mais quanto é verdade que em nenhuma parte do globo estes instrumentos têm o significado mystico que o christianismo descobre em sua voz.

Mas, pondo de parte tudo quanto nos poderia prender á informação historica do sino, passemos a dar informações acerca

do seu fabrico. E' coisa sabida que o cobre foi o primeiro metal que o homem conheceu, e logo a seguir o estanho, o chumbo e o zinco. O ferro desco-



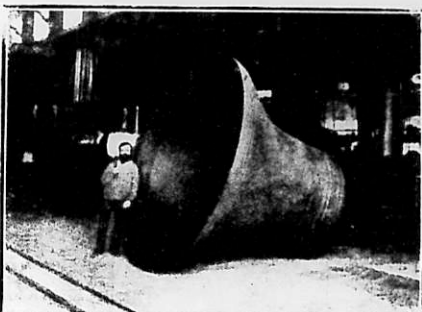
Cavalletes de que hão de pender os sinos que se vão submeter a prova

os ares com suas vigorosas e sonoras vibrações. Elle faz ouvir a sua voz com jubilo quando a christandade celebra as suas festas sollemnes, quando vem ao mundo um novo soldado da egreja militante, ou, com tristeza e lugubrememente, quando nos dias de luto ou desolação, clama soccorro para falar bem alto que falta agua nos campos, que um incendio am-aça o quartelão ou que ruga nos ares a tormenta.

Sua voz é, ás vezes, um cantico de gloria e outras vezes uma estrophe epithalamica, e com sua unica lingua de metal articula, numa infinidade de toques e vibrações, quantos sentimentos, affectos e emoções commovem a alma dos desterrados neste valle de lagrimas.

Dir-se-ia que o sino traduz, em sua linguagem universal, os ineffaveis pensamentos do christianismo e os eleva ao céo desde as alturas do campanario. Por isso, não ha templo, cathedral, egreja, capella, santuario nem ermida que não tenha um sino, que é indispensavel na casa de Deus como a retina é indispensavel aos olhos, o tympano ao ouvido, o sol á vida.

A tradição attribue a S. Paulino, bispo de Nola, a idéa de construir sinos de grandes proporções, como ampliação dos que, mais pequenos, adornaram, naquella epoca, os edificios da Campania, e collocal-o



Sino de 9,750 kilogrammas de peso, fundido para a egreja de S. Jorge, de Berlin. E' um bello exemplar dos novos sinos de aço fundido em substituição aos de bronze.

brin-o elle mais tarde. E' sabido, pelo menos, o que dizem os estudiosos da pre-historia, que antepõem a

idade do cobre á do ferro. O bronze é uma combinação simples do cobre, chumbo e estanho.

Seria curioso averiguar se em algum dos não muito escassos templos romanicos, que, abandonados pelos archeologos, ainda se vêm em sitios que eram antigas provincias do extinto imperio romano, se se poderia encontrar um sino da epoca primitiva que por acaso nos revelasse o segredo da sua fundição. Entretanto os archeologos já disseram qual-quer coisa. Contentemo-nos de saber que no anno 550 da era christã já se empregavam sinos, e que no anno 590 resouo em Roma a voz do primeiro sino para annunciar uma solemidade religiosa. O triumpho do christianismo e sua identificação com o poder civil, que de inimigo implacavel se tornou um alliado incondicional, favoreceu a construção de novas egrejas em todos os paizes da Europa, augmentando deste modo o numero de sinos, cujas crescentes necessidades deram origem á arte de fundição, que desde então constituiu uma especialidade da fundição de metaes, alcançando na idade-media o seu apogeo, graças á intensificação do sentimento religioso, embora os fundidores dispuzessem industrialmente de recursos bastante escassos em comparação com os modernos.

O bronze actual é um amalga de 77 partes de cobre, 15 de chumbo e 8 de estanho; mas a massa resultante não tem a sufficiente força vibratoria para ser empregada, como material, na fundição de sinos cuja voz tenha de alcançar o maximo raio de vibração. Depois de muitas provas, ensaios e tentativas substituiu-se vantajosamente na combinação do bronze o estanho pelo zinco, supprimindo o chumbo, harmonizando os componentes na proporção de 75 partes de cobre e 25 de zinco.

Os fundidores punham especialissimo cuidado em que a massa derretida nos crisões se conservasse perfeitamente pura, pois o acrescimo intencional ou accidental de outro elemento ou substancia extranha alteraria desagradavelmente a tonalidade ou "metal de voz" do instrumento, cujas vibrações devem ter certa

peculiaridade, que só pode ser apreciada pelo ouvido porque é tão impossivel defini-la verbalmente como as cores. Assim como ninguem é capaz de transmitir á imaginação alheia a idéa da cor azul ou da amarella, assim tambem é impossivel explicar como é o som de um sino sem tel-o ouvido.

Entretanto, comprehender-se-á facilmente que não

ha dois sinos de identica tonalidade, como não ha duas pessoas de identico timbre de voz. Cada instrumento tem tambem sua personalidade vibratoria, e acaso é por esse facto, por sua semelhança com a personalidade humana, é que os sinos são baptisados exactamente como as crianças. Os sineiros conhecem pelo som o nome de cada sino dos varios que constituem a bronzina communidade do campanario.

Schiller, o grande poeta allemão, entoou ao sino um hymno maravilhoso e esse hymno tem tal vibração, que faz lembrar os proprios sinos que soam durante as solemnes ceremonias da basilica do Vaticano.

Os progressos da metallurgia foram modificando aos poucos as proporções dos dois metaes de combinação com o bronze, até que a experiencia demonstrou ser a mais adequada

á robusta tonalidade do instrumento 70/80 partes de cobre e 22/20 de zinco, ou seja uma fracção de excesso sobre as cem partes.

A technica da fundição não differe essencialmente da dos demais objectos e adornos que enfeitam o sino depois de fundido.

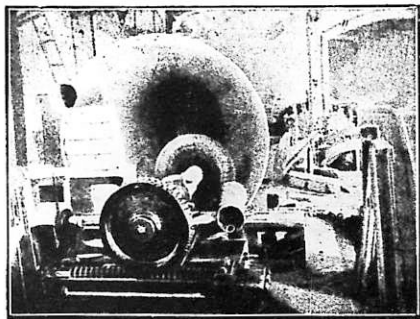
O molde do sino é de argilla de fundição, compacta, fragil e plasmavel ao mesmo tempo, e dá-se-lhe vulgarmente o nome de "camisa" ou "sino falso". A terceira parte ou elemento do modelo

é tambem de terra de fundição, mas desmontavel, e chama-se "capa". Quando tudo está bem secco, desmonta-se a capa, separa-se o molde, e volta-se a collocar a capa depois de limpa e untada com graphite.

Uma vez effectuados os preparativos, derretem-se os elementos, de modo que possa ser vertido no molde o mais fluido possivel, pois do contrario corre-se o risco de abrirem-se, no interior da massa fundida, ra-



Polimento de um sino logo depois de fundido



O sino em bruto ao sahir da fundição

chaduras, concavidades, imperceptíveis exteriormente, e que inutilisariam por completo o sino, cujo som seria semelhante ao do cinferro rachado.

Mas se se tem cuidado de que a massa líquida não se misture elementos estranhos, de maneira que adquira um aspecto e consistência de licor clarificado, então, com um pouco de habilidade na operação, ha noventa e nove probabilidades favoráveis contra uma contrária de que o liquido irá enchendo, lenta mas seguramente, o ouco que offerece a disposição do molde, o qual outra coisa não é senão a "forma vazia", que, depois de cheia do liquido metal, se converte na macissa parede do sino.

Passa depois o sino para o banco da prova, onde o maestro fundidor observa se a sua tonalidade é normal.

Se não fosse a tradição, que impõe os sinos de bronze, teria sido temível a concorrência dos sinos de aço, que foram fundidos pela primeira vez em 1851 por Jacob Mayer. O processo da moldagem é o mesmo, mas com a vantagem de que o mesmo molde pode servir indefinidamente para a fundição de muitos sinos eguaes.

Entretanto, a despeito de todas as vantagens dos sinos de aço, ha um quê de profano que contrasta desfavoravelmente com o sentimento de mystico fervor

que parecem exprimir as vozes dos tradicionaes sinos de bronze.

Os de aço têm um timbre que recorda os das estações ferroviarias, dos hotéis e hospitais, sem o acento commoedor daquelles que, perto do céu, annunciam os vivos e choram pelos mortos.

Mag os sinos, como os homens, tambem estão sujeitos ás vicissitudes da vida e ás contingencias da guerra. A's vezes não repicam á gloria nem tangem lugubremente; sua voz, não raro, adquire tons bellicosos e convida os camponios a trocar por espadas e bayonetas os seus queridos instrumentos de lavoura e de paz. E se a guerra toma gigantescas proporções de devastação e matança, se é preciso recorrer a todos os meios possiveis e lançar mão de todos os recursos para deter os passos ao invasor, os sinos não podem livrar-se de concorrer com seu proprio corpo e entregar-se tambem para que com elle se fundam as massas pesadas da artilharia, cujo estrondo abarca os mesmos ambitos que antes eram sonorizados pelos sinos com as multiplex modulações do seu sentimento emocional.

De bronze ou de aço, não se livram os sinos de morrer derretidos no infernal crysol do odio de raças quando a guerra consegue perturbar o fecundo s.cego da paz.

DIGRESSÃO PELA HISTORIA

A BIRMANIA ALOMPRA

As origens conhecidas da Birmania, o famoso reino asiatico, vêm do anno 79 antes da era christã. Em epochas remotas, a antiga capital do Estado, Pagan, foi destruida pelos chinezes, de cujas frequentes invasões resultou para o paiz um tempo de insupportavel serie de guerras e violencias, todas tendentes a annexar aquella vasta região.

Na sangrenta revolta de 1284, que custou a vida a milhares de patriotas, conseguiram os birmanos sacudir o jugo dos conquistadores e proclamaram a sua independencia, em 1305, de quando data a fundação de Ava, cidade que, por sua importancia, passou a ser a capital da Birmania.

Durante mais de um seculo, gozou o reino de calma relativa, até que, em 1424, reenceitou a China as suas campanhas, que se repetiram com mais violencia, em 1449 e 1477.

Pelos meados do seculo XV, Mentara, rei do antigo Pegu, cujos subditos, por vezes, haviam luctado contra os birmanos, invadiu os territorios destes, incorporando-os aos seus dominos. Sol esse jugo partilhou a Birmania, largo tempo, da sorte dos seus conquistadores. E si alguma occasião tentou recobrar a liberdade, foi forçado a submeter-se, de novo, ao oppressor, não sem soffrer sanguinolentas represalias, como na revolta de 1585, em que foi destruida a sua capital, Ava.

Por algum tempo, expulsos os peguenos, procedeu-se em 1601 á reconstrução da capital. Não gozou, porém, a Birmania a liberdade obtida por tão alto preço, pois, em 1636, o rei Nyaung-Mendarek submetteu-a á sua autoridade, transformando Ava em capital dos seus Estados, para onde transferiu a corte, castigando cruelmente as tentativas de independencia dos birmanos, occorridas em principio do seculo XVIII.

Em 1753, finalmente, um caçador birmano da aldeia de Moz-zob, sublevo o paiz, que, erguendo-se armado contra os oppressores, logrou, sob o seu commando e com o auxilio dos inglezes, expulsar, definitivamente, os peguenos.

Alompra, chamava-se o heróe, que contava quarenta e dois annos de idade e era chefe de uma aldeia situada nos arredores

de Ava. Compungido ante os soffrimentos dos seus compatriotas sob o jugo do Pegu, poz-se á testa de um puzillo de soldados que soulera attrahir á sua causa e ao tal sorte que, em pouco tempo, enxotava o inimigo do solo patrio, proclamando-se rei da Birmania.

A 21 de Abril de 1755 travou contra os peguenos a sangrenta e decisiva batalha de Sinagong, na qual os derrotou completamente. Em memoria ao assigna-lo feito d'armas, no mesmo local da batalha, fundou a cidade de Rangoon, que significa "victoria completa".

No anno seguinte, apoderou-se da fortaleza syriam e da fragata "Galathée", fazendo pastar pelas armas os prisioneiros. No seu inscvelavel desejo de conquistas, declarou, novamente, guerra aos antigos dominadores, invadindo o Pegu em 1757 e infligindo-lhe uma serie de derrotas que lhe valeu consideravel augmento de territorios, pois, ao finalizar a campanha, havia incorporado a seus Estados as vizinhas provincias de Martaban, Tavoy e Tanasserim.

Ajustada a paz com os peguenos, voltou-se contra os ex-allados inglezes, atacando as guarnições fronteiricas, pondo cerco á ilha de Negrais, e passando pelas armas os soldados que a defendiam.

Em 1769 declarou a guerra a Sião, organizando um forte exercito, á frente do qual invadiu aquelle imperio, desbaratando as hostes inimigas nos primeiros encontros. Dispunha-se a sitiar a capital, Bangkok, quando enfermou gravemente, sendo forçado a regressar a Monxala, sua residencia favorita, vindo a fallecer no caminho antes de alcançar seu palacio.

Mandoyi-Prú, seu filho, succedeu-o no throno.

Alompra foi um monarcha esforçado e valoroso, dotado de altas qualidades de governo, as quaes reunidas a seu temerario arrojo, contribuíram para a gloria do seu reinado.

A elle deveu a Birmania a sua unificação e fundação da sua ultima dynastia, que perdurou até 1885, quando a Inglaterra a incorporou ás suas colonias.



Trabalhos femininos

ALMOFADA PARA SOFÁ

Chamamos a atenção das leitoras, que se dedicam a este genero de trabalhos, para os modelos que ornarn as nossas paginas.

Este primeiro modelo é em seda de tom bem claro desmaiado, ornado de um motivo muito simples e flagrantemente moderno. Permittamos as leitoras um parenthesis: os motivos complicados não são os de mais effeito; ao contrario, são os menos interessantes, e só servem para, impressionando a vista, esconder as imperfeições do desenho. Fechemos o parenthesis e voltemos ao nosso trabalho. Elle compõe-se unicamente de um ponto de "reprise" sobre dois pontos lançados irregulares e alternando. O motivo é, como se vê, quasi infantil, tão facil elle é e simples. Mas, exactamente porque é simples e facil, é que exige que seja feito com immenso cuidado para que fique bonito.

As petalas das flores são cheias de pontos feitos em azul, do mesmo tom, um pouco mais escuro que o tom do fundo; depois são inteiramente engastadas em ponto de haste, em preto. Far-se-á uma fileira de pontos de nó, sempre em preto.

Emfim, os ornatos serão feitos em ponto de reprise em verde pallido, e as linhas em ponto de haste, em preto.

A almofada é em seguida combinada com uma fazenda de phantasia, qualquer que seja, azul ou verde, guarnecida depois ao redor com uma fileira de pequenas perolas de pão, alternativamente de azul vivo e verde, duas a duas, espaçadas de um centimetro.

Em cada angulo, uma grossa perola de pão, verde.

As duas gravuras, a do conjuncto e a de um dos detalhes, orientarão as leitoras.

ALMOFADA DE PASSARO

Esta almofada, quadrada, é propria para poltrona. O desenho é magnifico, e a execução é tão facil como a do modelo anterior. Qualquer moça habil é capaz de executal-a sem ser preciso guiar-se pelas explicações.

O passaro, que occupa o centro da composição, é contornado em ponto de haste com os diferentes tons de azul. As plumas da crista são levantadas, e as do corpo

em ponto chato. O circulo, que o enquadra, é feito com duas linhas em ponto de haste em simili preto, e o interior é cheio de pontos lançados obliquos. O segundo circulo é feito da mesma fórma.

As flores que occupam os angulos são executadas em ponto passado chato, em tom cor de tijolo. O centro verde bem vivo.

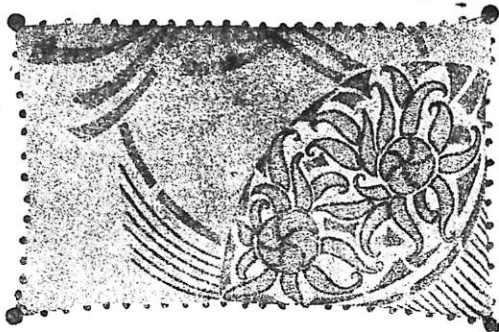
Terminada a almofada, e combinada com azul vivo, depois guarnecida, como a outra do primeiro modelo, de perolas alternativamente azues e verdes,

dispostas duas a duas e interrompidas no centro, de cada lado e nos angulos, por uma longa perola do mesmo tom da fazenda do fundo, acompanhada de duas perolas redondas e pretas.

OS BORDADOS

"DONZELLAS"

Quem olhar sem muita atenção estes dois lindos modelos, acreditará que elles são complicados e offercem difficuldades de execução. Mas, não. Apesar do seu effeito e das apparencias, estes dois bordados são de execução quasi tão facil como os dois precedentes. Elles não exi-



O modelo da almofada.



Um detalhe.

REVISTA FEMININA

gem senão dois pontos, ponto de haste e ponto lançado.

Essas duas peças são destinadas para guardar os finos lenços rendados, as pequeninas e preciosas peças de roupa branca, luvas, fitas e outras mais.

Sobre um fundo de setim azul celeste, folhagens de ouro enquadram um medalhão em musselina de seda côr de rosa pallido, sobre o qual se destaca uma elegante donzellinha vestida á moda das criolinhas e de cores bem vivas.

O conjunto é o que ha de mais original e de mais rico ao mesmo tempo.

Uma vez terminado o bordado destes dois saquinhos, combinam-se com setim branco, ou azul desmaiado, ou rosa pallido, intercalando entre os dois uma pequena pasta de algodão perfumado. Depois disto, guarnecem-se muito simplesmente com um "ruché" obtido por meio de uma fita estreita azul celeste do mesmo tom do setim.

Procuremos agora descrever os dois saquinhos ou portalenços.

Vejam os primeiros. O vestido amplo, de pregas numerosas, é bordado inteiramente de ponto de haste e ponto lançado, o que importa dizer que é um trabalho facilimo e que está ao alcance de qualquer moça que tenha noção de bordados.

O corsage, de basques com pontas, é bordado da mesma maneira, mas em tres tons de seda ouro velho. O fio de ouro pôde ser empregado para as orladuras.

A gola, de feito phantasia, é sublinhado por tres linhas: uma exterior em seda preta, em ponto de haste; a segunda em seda branca, a ultima em linha de prata; e no interior das pontas fazem-se alguns pontos lançados em seda branca. O rosto rosa pallido, os cabellos ouro velho nos tons do corsage e o chapéo preto.

As borboletas são frisadas em ouro velho, e as

manchas em seda verde esmeralda, azul vivo ou vermelho.

As duas rosas que se vêm de ambos os lados têm as petalas bordadas em "passado", em dois tons de rosa vivo, o amago em ponto de haste em seda ouro, as folhas sempre em ponto de haste em dois tons verdes.

O medalhão é engastado de duas fileiras de ponto de haste, de um tom só; e entre as duas linhas far-se-á uma fileira de pontos de nó em ouro. O fundo da folhagem que cobre o resto da superficie é igualmente de uma execução muito simples, pois cada folha é sómente engastada com o auxilio de um duplo fio de ouro posto sobre o traçado e fixado neste por pequenos pontos transversaes. As nervuras são em linha de ouro também, mas com um só fio.

Emfim, temos o enquadramento, composto de tres filas de pontos de haste: duas em ouro velho e a do meio azul vivo.

Passemos agora ao segundo saquinho. Ah! vamos encontrar o mesmo medalhão no centro do qual se destaca uma outra donzellinha, vestida de fôrma um pouco differente. A saia será feita em tres tons de velha rosa e o casaquinho de azul vivo, como

o vestido da precedente. O rosto é em rosa pallido, os cabellos castanhos. Sobre uma das suas mãos está pousado um papagaio de plumagem linda, que se fará em ponto de haste com tom azul, verde esmeralda e amarello para o corpo, e vermelho e verde para a cauda.

As flores, aqui, serão bordadas em dois tons de ouro, com o amago em ponto de nó; as folhas, do mesmo tom do outro saquinho, enquanto que o fundo da folhagem deve ser feito em fio de ouro.

A proposito de almofadas, que é um genero de trabalho a que communmente se entregam, nas suas horas ociosas, as nossas patricias, façamos algumas considerações, que não são porventura ociosas.



Almofada do passaro.

REVISTA FEMININA

As nossas patricias — embora isso nos pese muito dizel-o — não têm muita imaginação creadora, e todos os trabalhos de arte domestica que se fazem pelo Brasil afóra, como rendas e todos os generos de bordados, são reproduções dos mesmos motivos que nos trouxeram ha seculos os colonisadores portuguezes. Aprendemos o que elles nos ensinaram, e como discipulas pouco intelligentes, não demos um passo além desse aprendizado, e

vivemos a repetir as mesmas coisas, sem pôr nada de nosso, nada que corresponda ao nosso gosto, ás exigencias da nossa imaginação e nada que caracterize a nossa nacionalidade. De tres ou mais seculos de então para cá, não creámos absolutamente nada. Dir-se-ia que temos a imaginação fechada e mantemos o mesmo gosto, em materia de bordados, que tinham as bordadeiras portuguezas do seculo XVI.

As americanas do Norte já lograram libertar-se da influencia ingleza, não diremos em tudo, mas em muita coisa. Nos bordados americanos já se vêm motivos muito característicos daquella nacionalidade.

Na America do Norte, as almofadas mais

communs, que se vêm em quasi todas as casas como ornatos de sofá, têm a cobertura da frente de seda ou de couro com desenhos representando indios pelles-vermelhas ou armas indigenas, contornadas de

franjas de couro recortado, ao gosto dos indios. As pinturas dessas almofadas são sempre muito caprichadas. Não discutimos o gosto dellas. Ellas já estão grandemente vulgarisadas no Brasil e principalmente

em S. Paulo, e são vistas em muitos salões luxuosos, em muitos gabinetes e escriptorios. Se o gosto dessas almofadas é discutivel, é coisa que não vem ao caso. O que importa saber é que ellas constituem uma novidade no genero. A novidade tem

sempre muito attractivo. Ora, se os norte-americanos criam o seu genero, profundamente caracteristico, inconfundivel, porque não creamos tambem o nosso? Elementos não nos faltam. O que nos falta em absoluto é imaginação, é talento creador, é a coragem de romper com a rotina.

Para motivos ornamentaes ahí está a nossa flóra, que é a mais opulenta do mundo, a nossa fau a,

que é interessantissima. Nós tambem temos indios, tacapes, flexas e outros elementos, mais preciosos ainda, profundamente característicos da nossa nacionalidade. Porque não o recorremos a elles?

E' censuravel que, em vez de bordarmos um lirio

da campina, bordemos uma flor de lys, e em vez de desenharmos uma "victoria regia", desenhemos uma "rosa de França". Isto é um sabujismo censuravel.



Bordado "A donzella".



Outro bordado "A donzella".

A mulher e a politica

(AS LOUCURAS LEGISLATIVAS)

A intromissão da mulher na politica a muitos se afigura como facto monstruoso, como monstruoso parece todo o phenomeno, acto, ou idéa que se afasta da corrente usual para iniciar nova phase na actividade humana.

Isso, porém, em nada nos deve preoccupar. Todas as idéas, e das que são hoje sedições e corriqueiras, atravessaram em seu tempo de gestação mezes de engulhos, de nauseas, de máu estar, que precedem a criação da propria vida humana. Tudo isso passará. O feminismo hoje victorioso na maioria dos paizes civilizados, e victorioso já no Brasil, onde a mulher está sendo chamada a collaborar em quasi todos os departamentos sociaes, elevará a mulher no consenso geral da humanidade á altura que lhe destinou Deus quando a creou para companheira, e não mera escrava do homem.

A politica é a expressão animada da vida social. E' por ella que se acanalam os interesses sociaes na derivação das existencias collectivas. Descurar-se della, pol-a de parte, é entregal-a ás mãos da ganancia, da ambição: é desprezavel-a contra as investidas dos bandleiros do saque: é abandonar a propria vida da patria ás mãos dos mercadores de paixões e dos venalistas de toda a casta, que fazem veniaga até mesmo da honra.

Tem sido aquelle abandono, o grave erro de nosso povo, nos dominios do regime democratico. Não ha partidos: não ha idéas. Os homens acovardados deante dos mandões estadoaes, dos regulos municipaes, tornaram-se em escravos de uma unica organização: a do governo. Desapparecida a opposição, desapareceu a moralidade, porque a moralidade nasce a fiscalização, e fiscalização não existe quando um povo se transforma em rebanho de carneiros.

Nada podemos, pois, esperar da reacção masculina, porque em 33 annos de regime republicano, longe de se manifestar, delle apenas se tem falado para salientar o grau de envilecimento da consciencia nacional, tão grande, que já chegou ella mesma a crear um termo para se auto-classificar, termo grosseiro que nos pesa á penna, mas que bem define o estado a que chegamos: o avacalhamento!

Cadaverisadas assim, embotadas suas forças de reacção, nada havendo a esperar da acção masculina, é urgente que outra força venha despertar as energias adormecidas desta patria que foi grande, desta raça que foi heroica, e desta nobreza que a igualdade aviltou, que a liberdade depauperou, e que... a fraternidade converteu em regabofe de quadriheiros sem alma e sem escrupulo!

Eis o que justifica em nosso paiz, mais do que em qualquer outro, a entrada da mulher no campo da politica. Ella traz preservado na dissolução da hora o relicario de suas virtudes, de sua moral, e de sua fé. Seu contingente será contingente de regeneração, de benemerencia, da recalificação moral do organismo patrio. E sendo assim, nenhum dos factos sociaes deve escapar á sua atenção. Ora entre elles, avulta o que acaba de acontecer com o veto do presidente da republica aos orçamentos votados pelas Camaras Federaes para 1922. Para vêr a que cumulo de dilapidação, de abuso, de vergonha, de assalto, de saque, chegou esse documento dos dois mais altos parlamentos da Republica, é bastante dizer que pela primeira vez, em toda a vida autonoma do Brasil, o poder executivo é obrigado a vetar os orçamentos, a dizer, publicamente, para vergonha nossa no estrangeiro, o ror de desmandos, de negociatas, de concessões immoraes, e de inqualificaveis assaltos que aquelle documento da vergonha parlamentar representa!

Mas não calará na face dos vendilhões da patria, eleitos pelos regulos estadoaes, e que ganham cem mil réis por dia para a tarefa do enterro da patria, a dura e merecida lição que lhes acaba de infringir, com coragem e intrepidez digna de registo, o senhor presidente da Republica. Numa epoca em que todos os paizes procuram reconstituir suas finanças por meio da mais estricta economia, nós, que temos fortes dividas para com o estrangeiro, e que ainda estamos em regime de moratoria, temos Camaras Federaes que votam um orçamento em que as despesas autorizadas excedam de TREZENTOS E SESENTA MIL CONTOS DE RE'IS á receita orçada! Só num paiz de loucos, num paiz de que houvesse desertado a razão, se poderia ter aprovado tal orçamento. Pois esse paiz existe, e é o nosso!... Deante desta prova de tamanha capacidade administrativa que estão dando "os homens" em nosso paiz, é-lhe acaso licito, sem cair no ridiculo, dizer que nós, mulheres, não temos capacidade como elles para administrar a fazenda da Republica? Em qualquer casa modesta e simples haverá na dona que lhe gere a economia, mais intelligencia, mais probidade, e, principalmente, mais honestidade, do que nos dois parlamentos da Republica, filhos da mediocridade, do filiotismo, do suborno, e de todas as tricas das politichas estadoaes, e que levarão a Republica a completa ruina se uma força nova não se levantar para salvar, ao menos, a carteira de identidade de nosso bom senso!

DRA. ROSA PIRES.

LIVROS NOVOS

SENHOR DOM TORRES, contos de René Thiollier.
Casa Maynaga, Editores, S. Paulo, 1921.

O sr. René Thiollier é um dos nomes mais em evidência no meio literário de S. Paulo, onde elle se impoz pelo seu brilho pessoal, pela sua apurada cultura e pelo muito sal com que condimenta as suas ironias. Todos lhe reconheciam o talento e lhe galgavam o vivo gosto artistico, mas poucos podiam affirmar o seu alto valor como "contur", porque raramente publicava os seus trabalhos e só o fazia com intervallos muito longos. O "Senhor dom Torres" foi, pois, para muitos, uma revelação. Dentre as multiphas qualidades que possuem como escriptor, duas ha que bastam para lhe ganhar reputação e collocalo entre os melhores: observação e apuro de linguagem. Para René Thiollier os mais insignificantes actos da vida, os mais conselhos episodios de sociedade ou da vida domestica são, sob o ponto de vista da arte, sempre importantes, sempre dignos de observação e de estudo. E são geralmente esses episodios simples e communs da existência que lhe servem de thema para os contos, tratando-os com uma verdade flagrante e dando-lhes um evidente relevo de realidade. De uma simples conversa entre bohemios, sobre coisas frivolas, ou entre dois individuos do povo, sobre intrigas da sua raça, sabe elle tirar effectos imensamente interessantes. Nem todas as composições do seu livro, porém, se afixam por esse diaphano; nelle ha paginas de grande voo poetico, francamente arrebatadoras.

"Pelopidas diplomata", pelo cunho caricatural que lhe deu o autor, parece uma "charge", e é, entretanto, uma vida. Grande parte dos nossos representantes no estrangeiro são individualidades ridiculas, affeições a só praticar "gaffes" e a servir de alvo para a troça. Pelopidas é um typo acabado desse genero. O autor, ao caricatural-o em curtos traços, não fez outra coisa senão recorrer á memoria, recordando certos typos que conheceu em Paris como nossos representantes.

O "Senhor dom Torres", que dá titulo ao livro, é um novo-rico, como os ha muitos, e o autor tratou-o com muita finura de pormenores. "Quanto pôde uma saudade", "Coração de bohemio", "Uma flor do charco" são contos encantadores, que se lêem com delicia.

A linguagem do autor é, como dissemos, muito apurada, a sua syntaxe é sempre correcta e o seu vocabulario empregado com muita precisão.

Sabemos que esse livro do sr. Thiollier tem obtido um grande exito de critica e de livreria. A edição é das melhores que têm sahido dos prelos nacionaes.

CARAVANA DOS DESTINOS, versos de Gomes
Leite, Empresa Brasil Editora, Rio, 1922.

Gomes Leite é um dos poetas de mais valor da moderna geração. Apesar de muito moço, trata elle o verso com uma segurança surpreendente. A arte do verso, com todas as suas subtilidades de forma, com todas as suas difficuldades de estrophização, não tem segredos para elle. Junta-se a isso a sua imaginação poderosa, o seu calor, as suas novidades de expressão, o seu gosto, a maneira como sabe transmitir ao leitor as suas commoções, a habilidade com que sabe vestir por expressões os mais fugitivos estados d'alma. E', numa palavra, um poeta, um poeta de grande valor.

Para gaudio das leitoras, transcrevemos aqui o soneto "A eterna pergunta", tirado no acaso do farto volume.

Edi-o:

A ETERNA PERGUNTA

E' sempre assim... Por mais alegre e por mais forte
Que se seja, quem tem cabeça e coração
Está sempre sujeito á vacillante sorte
Das marés da illusão e da desillusão.

Prêa-mar, baixa-mar... vento sul, vento norte...
Aqui fulgura um sim, além negreja um não...
E a nau da vida, até se esbarrou na morte,
Boia ao léu... hoje sol, amanhã cerração...

Providencia ou Creador, Deus ou Fatalidade,
Porque não desvendaes todos os horizontes
Para todos, ó nosso Algor ou nosso Pae?

Por que, enfim, não dizeis á afflicta humanidade,
Que será no porvir multidão de Lancouettes,
De onde é que a gente vem, para onde a gente vai?

Este soneto, pela sua construção, pela sua eloquencia e pelo muito que faz pensar, não parece, francamente, de um poeta moço, e sim de um velho poeta, que, tendo exgotado todos os themas eroticos, se compraz em levar para o verso as suas duvidas torturantes. E' um soneto magistral. Como esses, muitos ha na encantadora "Caravana dos destinos".

A edição da Empresa Brasil editora é muito cuidada e elegante.

LIVRO DAS PARCAS, versos de Carlos D. Fernandes, Parahyba do Norte, 1921.

Cada novo livro deste illustre escriptor e poeta constitue sempre um alto acontecimento literario. Carlos D. Fernandes é um dos melhores escriptores brasileiros e um dos poetas mais completos. "Livro das parcas" é um livro encantador, onde todas as composições, pela originalidade dos themas, pela sua larga inspiração e pela espontaneidade do estro, superiormente se equivalem. Lendo esse livro, não se sabe qual a melhor poesia, porque todas são igualmente bellas.

No curto espaço de que dispomos nesta secção não nos é permitido extender-nos a proposito do valor do autor, cuja reputação já solidamente firmada, e de ha muitos annos, nas letras nacionaes.

Contentem-se as leitoras com esta mostra encantadora:

AVE, MARIA!

O' Maria, que estaes cheia de graça,
Por entre rosas, nesse alegre altar,
Bem comprehendendo a dor, que vos traspassa,
E vos mareja o vosso triste olhar.

O hymno de amor, que em torno a vós perpassa,
Vem alembra-vos um cruel pesar,
A angustia, a pena, o dô, que vos enlaga,
Estrella formosissima do mar.

Não lograestes venturas nem prazeres
Com o vosso amado e candido Jesus,
Filho da mais bendita entre as mulheres.

Um cordeiro paschal destes é luz,
Para o vér, entre afflicto miserere,
Aberto em chagas, succumbir na cruz.

O ELOGIO DO AMIGO, por Nestor Victor, edição
dos srs. Monteiro Lobato & Comp., S. Paulo, 1921.

Este é um livro de erudição, composto com carinho, com immenso cuidado de estylo e de linguagem, e onde sobrenada uma philosophia muito leve e amavel. O autor é um minucioso observador da vida. Seu livro está cheio de observações onde a verdade, por vezes, surprehe. Sua philosophia, sobretudo quando trata de coisas do affecto, é sempre optimista e porisso mesmo consoladora. "O elogio do amigo" é um livro para os estudiosos.



ELIXIR DE NOQUIRINA — Grande depurativo de sangue

REVISTA FEMININA

EDUCAÇÃO DA ALMA, por A. Austregesilo, edição da Livraria Francisco Alves, Rio de Janeiro, 1921.

O dr. Antonio Austregesilo, da Academia de Letras e professor da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, é, sem que se lhe faça nenhum favor, o mais autorizado dos nossos neurologistas. Sua obra sobre a especialidade a que se dedicou, já é vasta e, segundo a opinião de pessoas que entendem do assumpto, preciosa, compoendo-se de oito fartos volumes. "Educação da alma" é uma obra de fina psychologia, que deve ser lida e meditada por quantos se deixam vencer pelas suas paixões e são castigados pelos seus desvios e impulsividades. É uma obra sã, de alto valor moral, recommendavel a toda especie de leitores.

IRMAOS RIVAES, romance de Emilio Gonçalves, edição da Livraria Zenith, S. Paulo, 1921.

O sr. Emilio Gonçalves, romancista e poeta, é o mais operoso e fecundo dos nossos homens de letras. Se elle não tivesse o seu publico, por certo que não se teria animado a publicar tantos volumes. Se os publica, é porque tem um publico que o lê e que o encoraja. E o sr. Emilio Gonçalves o merece superiormente, porque tem imaginação, sabe urdir habilmente os episodios, é dotado de muita observação e logra prender a attenção dos leitores desde as primeiras paginas. Tem todas as qualidades de um romancista. Este novo romance "Irmãos rivais" é um dos melhores trabalhos que tem produzido o talentoso escriptor.

NAO DESANIMAR, romance contemporaneo brasileiro, por Frei Pedro Sinzig, segunda edição, Edição das "Vozes de Petropolis", Petropolis, 1921.

Este é um romance delicioso, que pertence ao numero das poucas cuja leitura aconselhamos a todas as nossas leitoras. Tanto as experientes mães de familia como as jovens ingenuas encontrarão nelle essa alta belleza espirital que em vão se busca em outras obras. É um livro casto, de enredo empolgante e vivamente movimentado, que se lê com immenso prazer. São tão poucas as obras desse genero, de leitura edificante e moral, que as leitoras não podem prescindir delle se desejam buscar na leitura, não apenas um entretenimento passageiro, mas um consolo para as suas atribulações e uma lição para os seus erros.

O FILHO DE AGAR, romance de Paulo Keller, tradução do dr. Manoel de Queiroz Mattoso Ribeiro, edição das "Vozes de Petropolis", Petropolis, 1921.

Este romance, publicado ha tempos na Alemanha, fez um grande successo, tornando-se desde logo um livro popular. De resto, o nome do autor já era uma garantia de successo. É um romance que se recommenda pelas surpresas do seu enredo, sua rigorosa moral e pelo encanto de muitos dos seus episodios. A versão portugueza do sr. Mattoso Ribeiro é excellente e vale bem o original allemão.

OS SEGREDOS DA HARMONIA, desvendados singelamente por Frei Pedro Sinzig, segunda edição melhorada, "Vozes de Petropolis", Petropolis, 1921.

Frei Pedro Sinzig não é apenas um fino novellista, cujas obras enriquecem a estante das senhoras catholicas que gostam da boa leitura, é tambem um musicista de muito valor, que allia aos seus notaveis talentos musicaes os mais raras dotes pedagogicos. O seu ultimo trabalho "Os segredos da harmonia" é destinado a guiar os estrodeiros da musica, a responder-lhes ás frequentes duvidas que se lhes antolham a cada difficuldade ou subtileza de harmonia. Como se sabe, em portuguez ha muito pouca coisa sobre o genero e o pouco que ha é muito rudimentar. Os estudantes, pois, necessitam recorrer aos methodos italianos ou francezes; e os que não conhecem essas linguas são obrigados a contratar professores. Ora, o livro de Frei Sinzig vem preencher uma lacuna. Escripito numa linguagem clara e corrente, está ao alcance de todos. A edição, encadernada em percaline, é muito elegante e cuidada.

ALI MEU PORTUGAL, romance contemporaneo por Frei Pedro Sinzig. Edição das "Vozes de Petropolis", Petropolis, 1921.

É um grosso e elegante volume de cerca de quatrocentas paginas e onde se revelam as melhores qualidades do notavel polygrapho Frei Sinzig. É um romance empolgante onde ha scenas dramaticas e commovedoras. Recommendamo-las ás mães de familia que escriptulizam na escolha dos livros que devem offerecer ás suas filhas.

A LAMPADA VELADA, versos de Hermes Fontes, edição da Livraria Francisco Alves, Rio de Janeiro, 1922.

Hermes Fontes é um dos poetas mais originaes da nossa lingua. Enquanto a maior parte dos nossos poetas, em exclusão de mais renome, se torturam em vestir no verso os themas communs da poesia, recorrendo, para os effectos de ornamento, a imagens, que são verdadeiros logares communs, este poeta, enerrado em sua officina, trata de criar. Não recorre a nenhum artificio exterior, a nenhuma originalidade de forma; a sua originalidade consiste nas idéas, onde ha sempre alguma coisa nova, e nos conceitos, sempre rico de suggestões. A imaginação de Hermes Fontes é inesgotavel, é um rio que flue, perenne e caudaloso.

A sua produção poetica é bastante vasta, e sem embargo da quantidade, a qualidade é sempre boa, e sempre da melhor.

Ahi vão como mostra estes dois magnificos sonetos:

AD ME IPSUM

I

Eu encontrei na Vida tudo quanto meus olhos myopes, meus ouvidos mudos e meus sentidos todos, como laços, sonharam e anteveiram, por encanto.

Eu encontrei na Vida tudo... E, tanto que vim tudo encontrando, vim, aos poucos, enchendo os ermos céos e os mundos céos com a excessiva alegria do meu canto.

Eu encontrei, na minha Vida, tudo: a gloria e o amor, todos os bens humanos, todos os bens... de que me desiludi;

Encontrei-os, segui-os... Mas, agora, no instante de os colher — ah! meus enganões! — batem as azas e se vão embora...

II

Eu nasci numa aldeola de pastores, de "paes simples, paupérrimos e honrados. E teria crescido, sem cuidados, Entre os zagaeos, os passaros e as flores.

Mas, contrariando o meu destino, e os fados, quiz vir para a Cidade, e entre os doutores, saber principios vãos e corruptores, desejos e ambições mal sopitados...

E encontrei-te. E eras bella! E eu, que era puro, quiz renascer para ser teu: e, em pouco, meu presente era só por teu futuro.

Mas frustrou-se-me o ideal. E hoje, imagino, salendo-me vencido e quasi louco, como ha-de-ir de mim o meu Destino!

Recemos mais e agradecemos:

Boletim da Federação Internacional Feminina, Santos, S. Paulo, Setembro de 1921. Eis o summario: "Programa", por dr. Maria Lacerda de Moura; "Programa", por dr. Iracema Pregrave; "Palestra", por dr. Maria Lacerda de Moura; "Palestra", por Judith Campos; "Noticias e Informações", por Filletta P. Amaral, e "Officio", por Cyprina Ladeira.

Programa da Comemoração do Primeiro Centenario da Independencia Política do Brasil, Regulamento Geral da Exposição Nacional.

A Profissão Pharmaceutica, idéas e suggestões apresentadas pelo Unio Pharmaceutica de S. Paulo.

Evangelario Naturalista, pelo professor dr. Arthur de Vasconcellos. Livraria C. Teixeira e Comp., volume V.

Almanach de Santa Luzia, organizado por Evangelino Melchior e Gelmiro Reis. Typographia d' "O Planalto", Santa Luzia, Goyaz.

E' nosso intuito desenvolver assim o gosto literario entre as leitoras e facilitar-lhes uma correspondencia util e interessante. As produções literarias deverão ser assignadas, sem o que não serão publicadas).

(Danilo)

S11

E ella não é feia, oh! não!

E alta, fronzina, elegante.

Sei mesmo de alguém que perdeu a tranquillidade ao fitar os seus olhos castanhos, alguém, cujo sonho, cuja ventura maxima seria poder colher todos os dias, todos os instantes, a flôr melindrosa daquelle divino sorriso de mulher encantadora, que não se conhece e se julga feia.

Mlle. nada vê... e nos seus olhos é intensa a melancolia, e nos seus lábios finos o fragil sorriso, cada vez mais raro, fulgura um instante e se apaga triste...

XIII

— Mlle. tem o nome de Gioconda e a alma mysteriosa e o mysterioso sorriso de Monna Lisa.

XIV

E Mlle. esqueceu o Rio...

XV

olhos, também negros, mas nala ciumentos, e ainda mentirosos, inconstantes e perfidos.

lesse eternamente captivo...

XVI

Tem olhos azues, doces e lindos, faceiramente cerrados, e o resto de um oval bonito e harmonioso.

FOSTER-McCLELLAN Co.

FOSTER-McCLELLAN Co.

CAIXA POSTAL 1062 — RIO DE JANEIRO

REVISTA FEMININA

Usa o cabelo num penteado liso e não raro o traz preso apenas por uma fita, quasi sempre da cor dos seus olhos.

Fala pouco e tem a voz lenta e branda e um sorriso bondoso e meigo.

Dotada de alma sensível e poetica, milie, escreve ás vezes, mas occulta avaramente as composições delicadas, nascidas do coração e traçadas no papel pela sua mãozinha branca e leve.

E os escriptos de milie, são tristes, repassados de melancolia, e no entanto, ella é feliz, muito feliz.

E' que milie, pensa que só as maguas merecem ser descriptas. Tem particular predilecção pela patria de Dante e D'Annunzio e sonha com Romeu e Julieta nas noites immaculadas de luar, quando o seu jardim é um terraco florido e perfumado, suspenso sobre a cidade adormecida.

Idolatra o mar, o mar verde, o mar inconstante, o mar tormentoso, miragem inatingivel no coração do Brasil, mas extremamente baísta adora Goyaz, que é para ella a primeira cidade do mundo.

Milie, tem um gentil palminho de rosto, excellente coração e um... defeito que não deve occultar: é susceptivel em extremo, tem uma alma de arminho, de sensitiva, e por um nada os seus olhos azues se enchem de lagrimas e o seu rosto de criança torna-se pensativo, triste...

Então, milie, marada, pega da penna e escreve: uma pagina melancolica no seu caderno de impressões.

E' que milie, com aquelle arzinho de santa é "rancuniêre" e não gosta de perdoar...

XVII

Milie, sentára-se ao piano e seus dedos finos e longos oscilavam o teclado em fremitos nervosos de paixão, em longos "ritardando" de languida ternura.

Junto ao piano, embevecido, eu contemplava milie. Loira e pallida, magra e alta, de olhos garços e bocca pequena e rosada, milie, encarava deciddamente o meu ideal feminino, com aquella perfeição de formas fragilis, que eu via nella e... sentára sempre.

Suas mãos semelhantes a dois lyrios, ora lentos e cançados, ora soffrimentos saltitantes, em adejos de aviz, beijavam o mario teclado, e milie, dava a "Quand l'amour meurt", a dorida moga, a torturada melancolia de um amor que se extingue.

Terminára a valsa e eu pensava commigo que ha mulheres que fazem nacer paixões num... minuto, emanando o meu olhar enlevado acompanhava a silhueta esguia de milie, fina, — muito fina, a cabeceinha perfeta, corada de flava cabellera.

Depois fui cumprimentá-la e emocionado, tremulo, lhe falei da musica, da fina sensibilidade de artista, que tem milie, e ella, com a sua linda voz musical e seus olhos garços falava-me do amor... e muito gentil, extremamente gentil, apresentou-me o noivo!

XVIII

A orchestra, começara em surdina, saltitando, a "marcha das cadeiras".

A meu lado, milie, muito linda num vestido rósa-pallido, olhava distraída os recortes azulinhos da terra distante.

E emanando a musica leve e delgada me cantava aos ouvidos, eu olhava milie, lindos olhos cêr de perva, muito cerrados, levemente obliquos, e uma boquinha muito vermelha, entreaberta num sorriso.

Terminára a musica de Lehár. Milie, voltou-se para mim. Curvei-me dominado, esperando ouvir da sua boca infantil, uma phrase espirituosa e artistica.

E milie, disfarçando um bocejo, murmurou: — Cacete, não é? Porque não tocam o...? Milie, citára um tango, o mais desenhado e o mais carnavalesco dos tangos...

XIX

Milie, tem uma risadinha cristallina, que é um verdadeiro encanto e o martyrio de muita gente.

E milie, que é muito masinha, vive rindo de tudo e de todos. Ainda hontem ella se levava a rir de milie, por milie seria, por acaso pensativa, quando passou o seu maior admirador, que parou um instante para apertar-lhe a mãozinha debil e dizer-lhe não sei que phrase difficil, que sahia a custo, balbuciada...

Milie, ouviu-se surpreza, quasi seria, mas de repente cerrou os olhos facinhos e encaminhou a risadinha cruel, que é o seu maior encanto e o martyrio de muita gente.

E o pobre rapaz, confuso, cabalheito, seguiu tropeçando, levando nos ouvidos, como um dobre de finados, a viva temível do claro riso de milie.

XX

Milie, que é uma creança anida, será linda amada. / Linda não, formosa, e dessa formosura eu allucina, que enlouquece, que escraviza e que infelicitia!

Milie, tem os olhos muito negros e humidos, rasgados e brilhantes, de longas pestanas e singular expressão, illuminando-lhe o rosto rosado de um oval perfeito.

O nariz é pequeno e bem feito, a bocca vermelha, de um vermelho laze, de labios um pouco grossos, bocca expressiva, que silenciosa fala, e sorrindo seduz; mostrando lindos dentes, curtos e brancos, e a pontinha rosada da lingua, que milie, passa pelos labios, humedecendo-os constantemente.

Esta formosa cabeça de anjo tem a negra aureola de uma abundante e encanecada cabellera que milie, usa solta aos hombros, realçando-lhe a alvura da pelle.

Infelizmente, milie, sabe que é linda e muito vaidosa, só pensa em se enfiar e affecta ares de moça, querendo namorar, querendo conquistar...

Infelizmente...

XXI

Tracar o perfil de Milie, não é facil. Só um psychologo poderia comprehender todas as modalidades da sua alma eminentemente caprichosa...

Milie, é intelligente, amabilissima, alegre, mas tambem futil, inconstante, caprichosa...

Milie, tem manias... tem dias...

Ha tempos, em que milie, tomada da febre de instruir-se, lê, medita, escreve, estuda, trabalha "enraticamente para adquirir varios conhecimentos.

Infelizmente milie, não é persistente.

Mezes decorridos, semanas, e as vezes breves dias — conforme a aridez da successão — milie, abandona um estudo e succede outro.

E milie, successivamente aprende linguas, investiga a historia, interpreta musicas, desenha, borda, e lê... romances, com o mesmo vivo e fugaz interesse que pôe em tudo quanto emprehe.

Deciddamente milie, não sabe trabalhar, pois que no trabalho é preloso muita paciencia e pouco enthusiasmo e milie, tem um grande enthusiasmo e nenhuma paciencia...

Finalmente, milie, cansada de empregar sua vontade varia em tão varios estudos, descança e passeia.

O que caracteriza milie, é a inconstancia e muita gente affirma que milie, é incapaz de perseverar cinco minutos seguidos no mesmo pensamento.

Nem tanto... mas a inconstancia regula o penteado e o modo de trajar de milie.

Ha dias em que ella se veste luxuosamente e prende os rebeldes cabellos loiros num penteado complicado, e dias ha em que milie, passa por mim, muito seria, com um penteado austero de velha e um vestido muito simples...

Milie, é inconstante, mas que milie, ha nisso si "souvent femme varie"?

Terminando eis o perfil: Pequena estatura, corpo bem proporcionado, olhos pretos, cabellos loiros, lindos dentes e um mais lindo sorriso, mento á Bertini, e só 18 primaveras!

XXII

Escura, alta, em grandes olhos sonhadores e boquinha ironica, milie, passa pela vida, sorridente e feliz, indifferente aos affectos que faz nascer nos corações, extremamente excoisa com o seu rostinho miúdo, cercado de basta cabellera castanha.

Ha dias, pedi licença para decifrar nas linhas da mão de milie, o enigma de seu malvado coraçãozinho, e ella estendeu-me a mãozinha estreita e debil, de dedos longos, cheios de aneis, — sorridendo forçadamente.

Debalde procurei nas linhas nítidas da mãozinha de milie, um "qual" qualquer que a impressonasse e ignorando completamente a chromatica, balbuciei hesitante, que milie, teria uma grande paixão para castigo da sua intensibilidade.

Milie, retirou a mão rapida, dizendo que não sabia ler a "buena-dicha" pois si soubesse teria visto que o seu coração é o escuro submisso e não é senão e senhor — de uma cabeceinha de muito juizo...

E milie, deu mais uma grande paixão! disse milie, rindo. Como e er, erro!

E milie, afastou-se rindo, mas notei que a tarde toda ella ficára pensativa, distraída...

— Acreditaria milie, na minha "buena-dicha"?

XXIII

Apresentaram-me milie, como a mais linda carinha da cidade. Disse uma phrase de elogio banal e comecei a conversar.

Milie, era bonita: franzina, graciosa pequena. Tinha olhos pretos, um pouco duros e insistentes, cabellos castanhos, e um sorriso inextinguivel e constante, numa bocca bonita.

Comecei a observá-la.

Para mim, nada mais azeradado do que estudar moças, penetrar um pouco o enigmático mysterio de certos corações, valvulas e fracos, delectavelmente frivolos. Milie, não fugia á repulsa geral, e extremamente lionizada com a attenção que eu lhe dispensava, começou a tazarrellar...

As mulheres bonitas deviam falar só com os olhos. Mantem olhos não se afastam... E milie, realtava e eu, me entristecia!

Que pena! Que pena, envelhece milie, o seu rostinho de creança, sob espessa camada de pó de arroz e creme: que pena tenha milie, modos de actriz de cinema!

Que encantadora mocinha não seria milie, sem "maquillage", sem vaidades, sem fingimentos, com o coração — bom e naco que de certo Deus lhe deu — e a intelligencia que o estudo lhe formaria!

O atractivo da mulher culta e educada é tal, que faz esquecer o physico insignificante para realçar a graça irresistivel da palavra escriptura, fina, sensata.

E milie, extremamente vaidosa, revirava os olhos, morria os labios, sorria affectadamente, pensando encontrar-me com a sua belleza, quando um unico sentimento se apossara de mim: — profundo dó!

E milie, contrára as suas amgulinhas mais uma conquista!

XXIV

Milie, tem esse raro typo de belleza, cujo conjunto fascina e ao qual a analyse mais rigorosa, não saberia encontrar um senão.

Cada traço do seu rosto delcado contribue para a belleza do todo, e é de per si um modelo de perfeição.

Mlle. tem uma cabeceira bem modelada, abundantes rebollos cantanhos-escuros, olhos negros e languidos sombreados de olheiras que dão um ar romântico a seu rosto pallido arizado pela febre rubra da boca pequenina e delicada.

Mlle. tem o nariz pequeno levemente arqueado, um nariz de índia, o oval longo e a pelle morena e pallida.

Mlle. si tem perfeita symetria nos traços correctos, possue sobretudo um poderoso "charme", uma grande sympathia, que a todos encanta, atrahindo os corações e infiltrando nelles um sentimento terno, facil de transformar-se em amor.

Mlle. porém não alimenta "fiats" e se sabe ser delicada e alegre, e ao entanto incapaz da frivola divagação do amoroso.

Mlle. é ainda muita bella, intelligente, modesta e trabalhadeira. Não lhe coube um defeito e si mlle. como toda a gente — tem sequencias imperfeições, — a sua belleza, a sua bondade, a gentileza dos seus modos, a tornam encantadora a tal ponto, que mlle. não é checada e querida, como merece.

XXV

Não lhe sei o nome. E que importa um nome?

Para mim, ella é a Vara da lenda, de entes de neve e olhos de esmeralda, atrahindo e enlanguescendo os corações, queimando os na chama perfida dos seus olhos verdes, que possuem o mysterio encanto dessas aguas tranquillas, profundas e immensas, que a luz encide de luminosas sombras, reflectindo nelles phantasmaticos payzagens.

Ao luar fol sei o nome...

Sua bocca vermelha como sangue sorria e sorriam os seus olhos muito verdes e luminosos e ardentes, bistrados de olheiras, e o cabelo era loiro, cor de ouro, cor de chama...

A mãe d'agua, a Vara da lenda teria talvez os cabelos assim, mais bellos e mais doctos, nuaes...

Dizem que a serena, a Vara de olhos verdes, tem no rosto pequena musela que encanta os ouvidos e adormenta o coração, enfiteando para sempre.

Não sei... Mas essa que eu chamo Vara, tem correntes de ferro, poderosas, solidas, que se alicerçam a alma e conchionam o coração nos olhos verdes, nos olhos mysteriosos e perfidos, como immensas aguas silenciosas, escondendo pelagios insondaveis, montes corvadores, profundos abismos; a phantasia brilha no seu sorriso d'olheiras, mais perturbador e mais perigoso que o magnetico sorriso da mãe d'agua.

Não lhe sei o nome...

Para mim, ella é a Vara da lenda e seus olhos são sermões, fascinadores, atrahindo o triqueto pescarinho, são formosas felicidades com o poderoso sorriso das suas verdes pupilas, setas como vellado, traídores como o mar...

XXVI

A natureza não permitiu que mlle. fosse perfeita, dando-lhe pequeninos defeitos, mas seria grave injustica da sorte, que uma só creatura adoffesse o monopólio das qualidades raras que diffilicmente, aos pares, encontram felizes mortaes.

Mlle. tem primorosa educção, instrucção fina, esmerada artistica e se sente elevada dotas intellectuaes.

Desemba com fino gosto e no piano, as mãos de mlle. tornam-se milharões fadas despejando coruscancias sonoras de insondaveis melodias.

Mlle. dança e recita com perfeição, e tem ainda uma "verve" constituinte de carilho e humorismo.

Intelligente mlle., não é boia, e eu resto inquerisativa de vez, e os propositos e bem a mais desafiada no perfeito accordo de personalidade de mlle.

Mas eu não que a natureza foi para mlle. não carinhos dando-lhe o corpo e tão superas dotas, que nenhum — possa offendê-la — lhe nutrir o corpo degraçoso e o rosto, lestitado de bellura.

E se elleas chegam confusas, enlanguendo a propiedade artistica de mlle.

Mas até hoje ninguém viveu contente com a sua sorte, e a tal qual, falta-lhe umidade, nunca não muitas quando não todes...

E si até hoje ninguém viveu contente com a sua sorte, é natural até, que mlle. se afflicta, preferindo possuir um lind, rosinho e um corpo esbelto e flexivel, a ter nela menos, a meto-das qualidades admiraveis que osom a sua intelligencia neceas.

XXVII

No cinema.

Elle, muito loiro, muito linda, muito graciosa.

Elle, robusto, moreno, rosto esboso, ar equibado.

Representava-se a Vida de Christo.

Na tela branca apparecia S. José trazezendo fadado a inter-mine deserto levando pela redos, pequeninho que carregava N. Senhora e o menino Jesus. Ao fundo, distava-se o perfil d'ouro de uma esphinge.

Era a fuga para o Egypto.

Elle disse, mostrando a esphinge:

— Que coisa exquisita, aquillo!

— Uma esphinge, explicou elle, solicto.

— Ah! Fez ella admirada.

Depois, mlle. teve uma observação romântica sobre a arca do deserto e elle respondeu: — Meu coração é como aquelle arca! Elle perguntou facira: — não se pode escrever algum nome em seu coração?

— Pois não, mlle... mas o meu coração é como o Sahara, quantas vezes um vislho simou...

— Um que? perguntou mlle.

— Um simou... tem varrido o meu coração brutalmente, apagando nomes queridos... Temas escripto tantos nomes em meu coração!!!!

Mlle. não respondeu entristecida, impressionada... e no primeiro intervallo, levantando e foi me sentar longe, para admirar o perfil intelligente de mlle., mas sem oulha, felicitando-se com o oulha!

1915.

Marilda PALINIA.

REMINISCENCIAS

A' bordo de um transatlantico que sinuava a'rossamente as aguas azulaes, viajava um sympathico moço de olhos negros e profundos.

Recostado á amurada, com a cabeça levemente reclinada sobre uma das mãos, em attitude acionadora, lançava a vista para a l'ha acinzentada da costa, como se quizesse imprimir na retina a imagem de algum ente querido ou a pazem da terra que deixara.

Viajava pela primeira vez para muito distante da pequena ilha de que o viria nascer, affastando-se do seio carinhoso da familia depois de haver abraçado com saudade os seus companheiros de infancia enviando um ultimo olhar aquelle nubo de paz e de amor, aquella estrela mesca de terra onde ensaiara os primeiros passos, e onde chorara as primeiras lagrimas.

Ao perder de vista os altos montes que bordava o littoral, deixara tambem o moço aquella attitude tristonha; de seu pensamento fugira aquella doce visão para dar lugar á quadros imaginarios que a mente creára ao lembra-se da nova cidade onde julgava se mar, talvez, ás culminancias da gloria!

Triste illusão! Sonhos chimericos que povam sempre a imaginação dos jovens avidos de prazeres mais ardentes, de um futuro mais brilhante ou de extranhas e novas sensações!

Após longos dias de enfiada viagem, fitando, ora a imensa e azulada cupula do firmamento, ora a vastidão immensa do oceano, eis o moço herdo na vasta e populosa cidade para onde o conduzia o destino.

Extranho a todos quanto o viam, e não lobrigando nenhum vasto emboço que a fizesse recordar os que lhe eram caros, achou-se só no meio de pequenos barulhidos daquelle povo desconhecido.

Contudo, seu espirito foi pouco a pouco afazendo-se aquella vida acitada, e elle entregou-se aos prazeres e ao trabalho.

Emhorá não fosse desprovido de recursos pecuniarios, lutava por sustentar uma posição mediane e conquistar um futuro mais brilhante.

Por maior que seja a economia que se faça numa grande cidade, as despesas são sempre onerosas e fatigantes e trabalho, quando não tenas a sua alenteira, a nos dar um novo vigor, o doce acolcho da familia.

E assim, aquillo moço de complexão delicada, tão cheio de esperanças, em cuja oração pullulavam os mais ardentes desejos, começou a deffinhir, tal como a meiga preciosa criança que nos tem a concha macha — quente do ninho!

Não sei qual foi o seu fim!

Se chegou a alcançar o alio de seus desejos, ou se desappareceu da face da terra espalhando no mysterio insondavel da morte, os seus sonhos de moço e as saudades da vida serena e tranquilla da pequenina cidade onde nasceu!

Santa Cruz, 7 de Novembro de 1921 — R. G. do Norte.

ROCHIRA

11 DE NOVEMBRO

Para Florio D'Alva

Não sei bem se devo dar
Parabens ou condolencia...
Se deveerei festejar
O seu nata! Excellencia!

Parabens apresentar
El' provada inconsciencia...
E' um facto singular,
Festejar a decadencia...

A neve vem de mansinho
Tomando no seu caminho...
Vai tão longe a mocidade...

Por isto, queira aceitar
O mimo que lhe vou dar:
— Um punhado de saudade!

INTRUSA

A DOR DE AMAR

(Continuação do numero de Janeiro)

Dominando o leitozinho estreito, erguia-se um Christo de marfim antigo, peça rara descoberta casualmente em um belchior, aonde fôra esquadrihar em companhia do pai. Num escarpate, figurinhas do Saxe vinzinhavam com leques preciosas, falanxes curiosas, uma frágil estatueta antiga... Sobre o plano, coberto com uma velha sêda de ramagens, de um verde desbotado, capillárias espalhavam a sua leve folhagem numa escudella de estanho, que devia datar de vários séculos. Ao pé da janella, estendia-se a mesa secretária, animada com livros, papeis, retratos de artistas, principalmente, mas o lugar de honra era occupado por uma pequena photographia da mana Margarida, — de um gomil opolino, de crystal de Nancy, surgia um pé de cravos, cujo aroma ia perfumar os livros predilectos de Chiquinha, collocados numa prateleira aberta da bibliotheca, bem ao alcance da mão.

Sentou-se numa cadeira dobradiça, baixa, deante do fogo, esperando que a chamassem para o jantar: com um olhar amigo, envolveu o seu harmonioso ninhozinho. Iluminado somente pela chamma de uma grossa acha: e aos seus lábios assumou um sorriso de malícia. Aos se recordar da ousada — e falsa — affirmação do conferencista, decretando que, somente pelo amor do homem, é que a mulher pode ser feliz. Oh! a fatuidade masculina! Em que erro ella fazia cair até mesmo a um psychólogo tão delicado! Não sera ella própria a demonstração viva dessa errônea? Pena era que, para convencer a esse incrédulo, não pudesse entreabrir-lhe por um instante o santuário do seu coração e do seu pensamento. Então, elle veria que uma mulher, mesmo jovem, pôde encontrar a felicidade na própria independência, no seu trabalho, no affecto de amigos escolhidos, e nos gozos artisticos e intellectuaes deparados aquelles que os buscam com espirito e coração fervorosos.

Em verdade, nessa hora de sua vida, nada lhe faltava, — de fôrta parte o dinheiro! E, outra vez, um sorriso afflorou-lhe aos lábios... O que ella auferia com os seus trabalhos litterários não lhe granjeava, de certo, rendas fabulosas... Demais disso, havia herdado — talvez com grande prejuizo! — a generosidade do pai, sempre prompta a dar, aos outros e a si própria, em satisfação de sua grande bondade e do seu gosto do bello!

Certo, até então, ella não se arrependia de não haver ainda casado. Nem uma vez, lhe viera esse desejo, ou sequer entrevia a possibilidade de acceptar os poucos partidos convenientes, segundo a sociedade, que se lhe haviam deparado: partidos, aliás, raros...

Porque, evidentemente, por mais simples que fosse, ella afugentava multos homens pelo seu valor intellectual: e os que se não temiam delle, esses eram sempre bons rapazes que lhe não podiam agradar a ella... E todavia, o exemplo do pai protegia-a contra o sonho de se tornar a esposa de um homem illustre!

Como também nunca se arrependera de ter deixado que Cláudio Rozenne se afastasse della; tanto mais quanto elle mesmo a esquecera bem depressa, dando-lhe assim a medida do amor que pretendia ter por ella. Nesse mesmo inverno, que se seguira á commum estada em Villers, tendo ido passar a estação na Italia, lá desposara uma estrangeira muito rica e muito linda. Depois, perdera-o de vista.

Algumas vezes, dizia ella entre si: "Hei de casar quando encontrar um homem que mereça que eu lhe sacrifique tudo que me faz a vida feliz a ponto de a não desejar melhor!..."

Mas, esse homem, encontrá-lo-ia?... O conferencista pretendia que, fatalmente, mais ora mais logo, a mulher sente necessidade de entretear-se... Essa necessidade, té-la-ia ella um dia?... A feição verdadeira, na sinceridade de sua alma, não o desejava. Instintivamente, considerava o amor como um bello brinco perigoso, no qual é de bom aviso não tocar, porque quasi sempre fere o coração...

E o que ella observava em derredor de si não era para a fazer mudar de opinião. O casamento por amor de Margarida fôra um desastre. Colette não via no marido sinão uma fonte do seu luxo, Suzanna Mackley, uma das senhoras que ella frequentava com mais prazer, libertada do casamento, parecia viver aliçada de uma grande carga...

Que aconteceria então com ella mesma?... perguntava, curiosamente, a si própria. Dar-se-ia o caso de chegar um dia, em que o mundo ideal, que a arte lhe criara, já lhe não bastasse? em que a sua existência, tão deliciosamente occupada, lhe parecesse vasta? em que, para colmar essa vácuo, lhe seria indispensável o amor de um homem?...

Ainda uma vez, teve Chiquinha um gesto instintivo de hombros, como para arrojor para bem longe essas idéas vãs, e um sorriso de incredulidade sceptica e alegre afflorou-lhe aos lábios... Mas continuou, todavia, a sonhar com os mysteriosos problemas de uma vida de mulher, olhos fitos nos trôços que se abatiam em clarões epichóricos...

II

Terminado rapidamente o jantar, a sós com a mãe, Chiquinha teve alguns momentos de liberdade antes da hora de ir vestir-se, pois a senhora Danestal reco-

JOIAS

Não façam suas compras sem primeiro verificar os nossos preços

CASA HENRIQUE

A MAIOR E A MAIS BARATEIRA FABRICA DE JOIAS

RUA 15 DE NOVEMBRO N. 18

lhera ao quarto para dar início a sua toilette. — occupação tão demorada como no tempo de sua mocidade.

Por isso, ella, que só sabia por experiência, só principiou a sua quando verificou que a mãe entrevia finalmente um resultado feliz aos seus esforços. Então, ella mesma se vestiu com instinctivo cuidado, porque era em tudo artista. Interessava-se por sua toilette como por uma obra frágil, que desejava harmoniosa, para satisfação do próprio gosto; mas, no cuidado que punha em tudo isso, havia uma completa ausência de garriçice.

Apromptou-se rapidamente, habituada como estava a vestir-se rápida, pois a mãe monopolizava a camareira. Contemplou, um instante, a própria imagem que se reflectia no espelho: uma criatura franzina com a frescura de uma flôr branca, de grandes e profundas pupillas na íris muito azul, coroada pelos cabellos castanhos em que corriam ondulações de ouro, modelada como uma pura estatuetta pela sêda do vestido de um rosa-amarellado, estreitamente colado á sua forma esbelta.

Então no decote algumas roças magníficas, que confundiram o doce colorido de seus pétalos com o delicado do vestido e o brilho moço da pelle. . . Depois, envolveram-se rápido no seu manto de noite; com os pés, calçados de etim, expostos á chama do fogo, pôz-se a revér umas provas, anotando-as com attenção tal que lhe cavava uma ruga entre as sobrancelhas, traçadas de um só jacto.

— Está prompta, Chiquinha? perguntou finalmente da porta do quarto a senhora Danestal, toda risonha, saindo á sua vontade de entre as mãos da camareira. Estava realmente magestosa no seu vestido cor-de-perola; os cabellos, cuja brancura o pó de arroz unificava, davam-lhe um ar de jovem dotada. Isto mesmo, disse-lho Chiquinha, com o quê a mãe se mostrou radiante, chegando ao baile toda satisfeita, de um humor encantador.

Era já tarde, pois a senhora Danestal gastara muito tempo no apuro da toilette. Os salões estavam a tal ponto atravancados com os pares dos numerosos dançarinos, que, a custo, podiam os mais intrépidos entrar a lenta evolução do boston.

Dos homens, muitos se haviam refugiado na galeria da entrada. Os mais curiosos reuniam-se nos vãos das portas afim de contemplar o brilhante espectáculo dos salões, onde passavam a repassavam muitas e bellas mulheres, todas vestidas, para alegria dos olhos, pela arte de peritas costureiras.

Outros, os privilegiados que tinham podido alcançar um lugar nas banquetas da galeria, conversavam livremente, commentando, satisfeitos, as dansarinas com palavras de conhecedores de bellezas femininas. Finalmente, aquelles a quem não interessavam nem a dansa nem as mulheres e os a quem all sómente levava e retinha o dever social, esses toscanejavam discretamente, olhos semi-abertos, palpebras cansadas, suspirando pela hora da volta, em meio da noite fria, em que elles se esqueceram dos salões superaquecidos e do forte aroma das flôres espalhadas em

profusão para festejarem os vinte annos da jovem Jacqueline de Tavanues. Esta, mui delicada e loira, arrebatada em seu vestido de tulle, dansava de olhos risonhos, pelos quees, a espaços, perpassava o redampago de uma gravidade terna, quando o seu olhar se detinha sobre uma silheta masculina, correctamente confundida na multidão das casacas pretas.

Entre a phalange destas ultimas, Chiquinha distinguio logo o cunhado, que, consciente de ser o marido da rainha da festa, se retrahia discretamente, ufano da belleza da jovem esposa, aguardando, dócil, as ordens della para se recolherem aos seus faustos penates.

Logo que lobrigou a sogra e Chiquinha, foi ao encontro dellas, esforçando-se por lhes descobrir cadeiras. Mas não teve o trabalho de procurar uma para Chiquinha, que se virá immediatamente cercada por uma legião de dansadores, que lhe sollicitavam a honra de os inscrever no seu canchinho, e logo seguira pelo braço de um bello rapaz, que tivera o talento de se fazer aceite a onda dos pares, cuja evolução era rythmada pela música.

A graça flexível de Chiquinha fazia della uma incomparável dansarina de boston, e o cavalheiro que ella acabava de aceitar era digno da primazia. Com um prazer infantil, deixava-se levar numa ondulação embaldadora e lenta, que a fazia envolver-se na sêda molle do vestido, as faces um tanto afogadas e os lábios mudos. O olhar distraído, errava em derredor, buscando reconhecer, de passagem, os rostos conhecidos. . . Um instante, elle pousou sobre Colette, que, admiravelmente trajada, decotada, como o mereciam os seus bellos hombros, dava-se ao prazer de um flirt galante. Mas, voltou logo a cabeça, relançando os olhos a um grupo de rapazes que estacionavam immóveis no vão de uma porta. E' subito, a surpresa transmutou-lhe a expressão indifferente do olhar, fazendo-lhe subir aos lábios uma pergunta:

— Sabe quem é aquelle rapaz que all está, de pé, perto da porta da salêta? . . . Parece-me que o conheço. . .

— Ah? . . . Que está conversando com Lazarches? . . . Parece que é um artista, um certo Cláudio Rozenne, que dizem ter muito talento. . .

— Cláudio Rozenne. . . Bem me queria parecer, disse ella em voz lenta.

O cavalheiro continuou ainda a conversá-la; ella, porém, não o ouvia.

Cláudio Rozenne! Inopidamente, no fundo de sua memória, resurgiu a visão do bosque de Houlgate, em que um rapaz, sceptico e amável, lhe faveia de amor, deante da magnificência do ponte, a cavalheiro do mar. . . E isso lhe pareceu tão distante, tão velho, como o derradeiro episodio de um romance lido na primeira mocidade e já um pouco esquecido. . . Desde esse dia, ella não mais vira a esse Cláudio Rozenne, apenas entrevisto na confusão do casamento de Colette. Partira para a Itália, onde o aguardava essa reunião imprevisita.

(Continúa no proximo numero).

ULTIMA CREAÇÃO DA PERFUMARIA **AMBRA**

Pó de arroz

Unico que realmente satisfaz a toda
a Senhora.

Silhouette

A prova é a sua grande acceitação.

--- Vende-se nas principaes casas ---

KOLA SOEL

Anemia, fraqueza, rachitismo, molestias do estomago. Util no crescimento das creanças



O MENU' DE MEU MARIDO

Selga frita — Tiram-se do centro as folhas, os tallos e cozinham-se estes com agua a ferver, com um bouquet de cheiros e sal. Depois de cozidos, passa-se cada tallo, cortado em dois pedaços, em massa de fritar, e freme-se em gordura quente.

As folhas das selgas pôde-se aproveitar para sopa.

Selga com molho branco — Cozinham-se os tallos e servem-se com molho branco. As folhas podem ser aproveitadas para sopa.

Brócolos — Tira-se dos brócolos a parte dura, assim como as folhas amarelladas, descascam-se os tallos e cozinha-se em agua a ferver com sal, cebola e cheiros. Deitam-se numa cassarola duas colheres de azeite doce, de muita boa qualidade; estando quente põem-se umas rodellas de cebola, pimenta, e passam-se os brócolos, que já estão cozidos, neste molho, e deixa-se um pouco ao lado do fogo. Também pôde-se, em lugar de servir-os com esse molho, temperal-os com salsa.

Beefs enrolados — Toma-se carne de vacca ou vitella, corta-se em beefs finos, bate-se e esfrega-se com um pouco de sal e pimenta do reino. Faz-se à parte um picadinho com carne, linguaça, salsa, e um pouco de caldo de limão; mistura-se um pouco de miolo de pão embebido em leite e tres ovos. Feito isto, estende-se uma camada sobre cada beef, enrola-se e amarra-se com um fio de linha grossa. Deita-se gordura numa cassarola e estando quente juntam-se os beefs, para que fiquem corados. Em seguida põem-se umas rodellas de cebola, tomates, um bouquet de cheiros e um pouco de caldo. Tappa-se a cassarola e deixa-se ao lado do fogo para cozinhar. Estando prompto, põe-se no prato, tiram-se as linhas, passa-se o molho no passador, engrossa-se com um pouco de farinha de trigo e com elle cobrem-se os beefs e servem-se.

Perna de vitella assada. — Depois de ter estado de vinhas d'alho algumas horas, cobre-se toda em gordura e arruma-se numa assadeira, deitando-se no fun-

do desta uma camada de vinhas d'alho, e uma de agua. Vae ao forno para assar, tendo-se o cuidado de regala-a de vez em quando com o molho que houver no fundo da assadeira. Antes de ir para a mesa, enrola-se o osso com papel de seda recortado e em cima da perna arrumam-se rodas de limão seguros com um palito e na ponta deste colloca-se uma azeitona.

A volta que ficar na assadeira tira-se a gordura, juntam-se-lhe uns pingos de limão, um pouco de pimenta e vae para a mesa na molheira.

Miolo de vitella, fritos. — Limpam-se bem os miolos e mergulham-se na agua fria, por espaço de um quarto de hora. Cozinha-se durante meia hora. Corta-se depois em fatias, tempera-se com sal, pimenta e vinagre. Escorre-se, passa-se em farinha de trigo e freme-se em gordura quente, mas nunca a ferver.

UM NOVO APPARELHO DE TECER E SERZIR

O acto de serzir um rasgão na fazenda ou fazer "pontos" nas meias ou remendar é sempre demorado e sempre imperfeito. Urgia, pois, crear um aparelho para facilitar essa tarefa e, sobretudo, destinado a executar-o com perfeição. O novo aparelho "Anão" de serzir e tecer é o que ha de melhor porque facilita notavelmente o trabalho e os seus remendos e sirdaduras são sempre perfectos. O seu modo de usar não offerece difficuldades, e a sua aprendizagem se faz tão sómente com a leitura e observação do prospecto que acompanha cada aparelho.

As nossas leitoras aconselhamos que adoptem o aparelho "Anão", que é indispensavel em todos os lares. Ocioso é encarecer a sua utilidade.

Pedidos a esta redacção. Um aparelho registado pelo correio, 6\$000.

TOLUOL --

TO-SE, BRONCHITES, ASTHMA, MOLESTIAS DO PEITO E GARGANTA.
VENDE-SE EM TODAS AS BOAS DROGARIAS E PHARMACIAS

"Estado civil da mulher": A cargo de Mrs. Mabel Villebrandt, auxiliar do secretário de Justiça, Ministério da Justiça dos Estados Unidos.
 "Estado político da mulher": A cargo de Mrs. Carrie Chapman Catt, presidente da Aliança do Suffragio Feminino.

Domingo 23 de Abril, à tarde — Sessão plenária, discursos dos delegados pan-americanos sobre o tema, "Mulheres promissoras".

Segunda-feira 24 de Abril, à tarde — Banquete semi-público, discursos pelas autoridades nacionais e do Estado Maryland e por alguns delegados à conferência. Tema: "Amizade internacional".

Abril 25, 26 e 27 — Sessões regulares da Convenção Anual da Liga Nacional do Suffragio Feminino. Nessas sessões os delegados à Conferência Pan-Americana gozaram de todos os privilégios da assembléa com excepção do voto.

Sexta 28 de Abril — Dia em Washington. Visitas ao Capitólio, Liga Pan-Americana e outros sítios interessantes. Sessão nocturna em Washington: tema geral, "a que podem fazer as mulheres dos Estados Unidos para promover as relações de amizade".

Sabado 29 de Abril — "Dia em Annapolis", a convite do governador de Maryland.

CONFERENCIA DE SENHORAS NOS ESTADOS UNIDOS

Vae-se realizar no mez de Abril do proximo anno, uma Conferencia Pan-Americana de Senhoras na cidade de Baltimore, Estado de Maryland, nos Estados Unidos. Esta conferencia foi convocada pela Liga Nacional das Mulheres que tem voto, para se effectuar por occasião da Terceira Conferencia Annual dessa Sociedade.

Os governos de todos os paises da America do Sul e da America Central foram convidados a enviar delegadas à conferencia. Estes convites, sem caracter official do governo dos Estados Unidos, foram contido feitos pelo Ministerio de Relações Exteriores por intermedio dos representantes diplomáticos nos Republics da America Latina.

A Liga Nacional das Mulheres que tem voto, conta com o apoio da commissão do ministro de Relações Exteriores, S. E. e sr. Hughes e do ministro do Commercio S. E. e sr. Hoover, para levar a effecto esta conferencia.

Além dos delegados officiaes que serão designados pelos governos, a Liga convidou todas as sociedades mais importantes constituídas por senhoras a enviar as suas representantes e bem assim espera convidar muitas das senhoras de destaque do Canada, Mexico, Haiti, Cuba e das republics da America do Sul e da America Central. A Liga espera por este meio fazer reunir um grupo importante de senhoras da influencia, provenientes de um estreitamento de relações amigáveis entre as senhoras as tres Americas.

A União Pan-Americana está também trabalhando com a Liga das Mulheres que tem voto para o bom successo da conferencia. O sr. Dr. L. S. Rowe, director geral, fallando do projecto, disse: "O programma da Liga das Mulheres que tem voto é admirável. O seu cumprimento representará um grande passo para o desenvolvimento da solidariedade pan-americana. Esta conferencia será, provavelmente, uma das series que servirá o duplo fim de fazer conhecer as mulheres do Continente americano as ideias e aspirações das mulheres de cada um dos paises, ao mesmo tempo que reforçará o espirito de solidariedade do continente que continue hoje a mais importante garantia para a manutenção da paz do mundo".

Esta conferencia não pretende substituir, no seu trabalho a Comissão Auxiliadora de Senhoras do Segundo Congresso Scientifico Pan-americano.

icano. Servirá apenas como um elo mais da cadeia da amizade que liga os povos das tres Americas.

A conferencia inaugurará-se a no dia 20 de Abril e consistirá de tres dias de conferencias gerais. Estas conferencias terão por assumpto problemas de interesse especial para as mulheres e serão dirigidas por especialistas em cada um dos assumptos. A conferencia sobre o bem estar das crianças será dirigida pelo Sr. Mrs. Grace Abbott, directora do Departamento de Crianças do Ministerio do Trabalho dos Estados Unidos. A conferencia sobre as mulheres nas industrias pela Miss Mary Anderson da Republica de Mulheres do dito Ministerio. A sra. Dra. Valeria H. Parker, secretária do Conselho Interdepartamental de Hygiene Social, dirigirá a discussão sobre os meios de evitar o trafico de mulheres e a Miss Julia Abbott, da Republica de Instrução do Governo Federal, encarárgar-se-á da conferencia sobre ensino. Haverá também conferencias sobre o statuto politico e civil das mulheres dirigidas pela Mrs. Mabel Walker Villebrandt, procuradora geral adjunta da Republica dos Estados Unidos e pela Mrs. Carrie Chapman Catt, presidente da Aliança Internacional do Suffragio Feminino. Os delegados de todos os paises americanos tomarão parte nestas conferencias.

Na tarde de domingo, dia 23 de Abril, haverá uma assembléa geral. Os delegados pan-americanos serão convidados a fallar sobre as "Lealdades entre as Mulheres".

Na semana seguinte haverá festas em honra dos delegados, incluindo um banquete, uma assembléa geral em Washington e visitas a lugares de interesse. O Collegio de Bryn Mawr convidou os delegados a passar ali o dia. As sessões da Convenção Annual da Liga das Mulheres que tem voto, terão lugar nos dias 25, 26 e 27 de Abril, incluindo todas as senhoras da America Latina convidadas a acompanhar os trabalhos, gozando todos os direitos com excepção do voto.

A Liga Nacional das Mulheres que tem voto, presidida pela Mrs. Maud Wood Park de Washington, é uma sociedade que tem como objecto ajudar as mulheres para serem cidadãs intelligentes, e usar do seu voto o melhor possível e apoiar os melhoramentos a introduzir na legislação. E' composta de Ligas Estaduais, que se acham funcionando em cada um dos 48 estados do União. A Liga do estado de Maryland fará as honras da casa durante a conferencia e a Convenção e as senhoras de Maryland estão preparando com grande prazer os festejos em honra das convidadas pan-americanas.

A Liga da Emancipação da Mulher e o voto feminino

Aos deputados que trataram da emenda sobre o voto feminino, a Liga da Emancipação da Mulher dirigiu, por intermedio da sua presidente, o seguinte offcio:

"Sr. deputado. Não pode a Liga para a Emancipação da Mulher, manter-se alheia o indifferente à iniciativa tomada pelo v. ex. de agora em diante, para uma emenda propondo a concessão do direito do voto à mulher. Cabe-nos pelo contrario o grande dever de manifestar o nosso reconhecimento e a satisfação com que graças à acção de v. ex. vemos surgir novamente na vida desta questão que algamas de summa importancia, não só para a mulher brasileira mais para toda a Nação.

Tomando em consideração que o direito do suffragio já foi concedido à mulher em parte de 26 paises de muitas diversas, incluindo as grandes potencias Grã Bretanha, Estados Unidos, Alemanha, como também a França, os paises Escandinavos, Republica Tchecoslovaca, a Grecia, Servia e mesmo a Palestina, não é mais possível considerar a emancipação politica da mulher como uma coisa in-

solita. Atendendo a que em todos os paises inclusive o do oriente, como a India a China e a Turquia existem organizações feministas que trabalham incessantemente com persistência e tenacidade, obtendo gradualmente as reformas necessarias, não tem mais cabimento o acedo de que o desejo manifestado pela mulher de exercer os direitos de cidadania representativa seja apenas um capricho.

Sem é possível negar o acerto da medida nos paises em que já é eleitor e elegivel quando se faz um estudo demorado de sua actividade politica. Facil então é verificar que ella se caracterisa sempre pela acção construtiva e pelo interesse que dedica aos problemas de importancia pratica, principalmente ás questões de ordem moral e social. Ella patemte que as poucas horas gastas pelas eleitoras como o demonstram as estatísticas em comparecer ás urnas em proporção de 74 a 80 % em nada prejudicam os seus outros deveres e que muito tem feito para moralisar a politica para proteger a infancia e os órfãos e os interreses da raça, para melhorar as condições de vida e para garantir, solidificar e aperfeiçoar o seu lar e a sua familia. Não se pode negar o interesse que mostram as nossas proprias patriotas no que respeita a questões de ordem e de orientação de governo nem em invocar a sua falta de competência. As mulheres têm adaptação rapida; em pouco tempo em condições extrinsecas e intrinsecas, tomaram a si com grande exito postos de responsabilidade durante a guerra. Nos paises da Europa Central nos qua o voto foi concedido de um momento para outro, após a instituição do governo republicano ocorreu semelhante facto. Na Alemanha, por exemplo, paiz em que o governo imperialista não cogitava em hypothese alguma em conceder o voto feminino, os mulheres instituíram prontamente com a republica em 1918. No espaço das poucas semanas que transcorreram entre as eleições presidenciais e meirras eleições, as leaders feministas prepararam as outras mulheres inteiramente inexperientes para a execução de seus novos direitos com tanto successo que perto de 90 % da população feminina compareceu ás urnas, sendo eleitas 27 mulheres deputadas federaes, 155 estaduais e 1.402 membros dos Conselhos Municipaes. Actualmente tudo demonstra que as mulheres de todos os paises não exceptuando a brasileira, tendem a participar cada vez mais de um modo mais directo no governo. Ora, a historia demonstra com eloquencia que quando a mulher tem surgido collectivamente para collaborar nos destinos da humanidade o tem feito não por vaidade e capricho, mas porque as circumstancias tornavam necessaria a sua intervenção. Assim o foi em certos momentos épicos assim o foi em todos os momentos decisivos, assim ultimamente durante a guerra. E' o que têm comprehendido os paises constituídos que desfazendo-se de preconceitos e prejuizos muitas vezes seculares crearam leis e leis politicas à mulher. E o que comprehendem também os paises novos desde o inicio da intervenção da mulher na Constituição. E os que comprehendem na America do Sul o presidente Baltasar Bruz de quem na minha republica partiu a iniciativa de emancipação politica da mulher uruguaia, e em nosso paiz os illustres brasileiros antes os ouzav. v. ex. que trabalharam no sentido de instituir o suffragio feminino aqui.

Semelhante não no dever, não só de agradecer com mulheres, mas como brasileiras de congratular-nos com v. ex. pela nova e nobre e ousamos esperar será coroada de successo já que nos permitiu collaborar, de um modo directo e effizaz e a plena consciência do deveres e da responsabilidade para a grandeza do Brasil.

Confiantes na acção de v. ex. reitor com os agradecimentos desta Liga os protestos de elevado apreço e mul dação. (A.) — Bertha Lutz, presidente".



A Fonte Primitiva.

Existe sómente uma Aspirina. Surgio ella da fonte Bayer e extendeu sua fama pelo mundo inteiro. Quem se referir a ASPIRINAS, está, portanto, em erro fundamental.

Da mesma fonte sahiu a Phenacetina, e as duas associadas, formaram uma corrente poderosa (Comprimidos Bayer de Aspirina e Phenacetina), para combater catarrhos, resfriados, grippe, etc.

Um tributario de grande importancia, a Cafeina, unida em dose therapeutica á Aspirina (Comprimidos Bayer de Aspirina e Cafeina), formou outra corrente de força incomparavel para vencer, de modo seguro e rapido, as dores de cabeça, dentes e ouvidos; as nevralgias, as enxaquecas, etc.

PREÇO DE VENDA DO TUBO ORIGINAL:

Comprimidos de Aspirina	3\$000
„ de Aspirina e Cafeina (Cafiaspirina) e Aspirina e Phenacetina	3\$500

"Estado civil da mulher". A cargo de mrs. Mabel V. Abbott, auxiliar do secretário de Justiça, Ministério da Justiça dos Estados Unidos.

"Estado político da mulher". A cargo de mrs. Carrie Chapman Catt, presidente da Aliança do Suffragio Feminino.

"Domingo 23 de Abril, à tarde — Sessão plenária. Discursos de delegados pan-americanos sobre o thema "Mulheres prominentes".

"Segunda-feira 24 de Abril, à tarde — Banquete semi-público, discursos pelas autoridades nacionais e do Estado Maryland e por alguns delegados à conferência. Thema: "Amizade internacional".

Abril 25, 26 e 27 — Sessões regulares da Convenção Annual da Liga Nacional do Suffragio Feminino. Nas sessões os delegados à Conferência Pan-Americana gozaram de todos os privilégios da assembléa com excepção do voto.

Sexta 28 de Abril — Dia em Washington, visitas ao Capitólio, à União Pan-Americana e outros sitios interessantes. Sessão nocturna em Washington: thema geral, "O que podem fazer as mulheres das Américas para promover as relações de amizade".

Sabado, 29 de Abril — "Dia em Annapolis", o convite do governador de Maryland.

CONFERENCIA DE SENHORAS NOS ESTADOS UNIDOS

Vou-se realizar no mez de Abril do proximo anno, uma Conferência Pan-Americana de Senhoras na cidade de Baltimore, Estado de Maryland, nos Estados Unidos. Esta conferência foi convocada pela Liga Nacional das Mulheres que têm voto, para se effectuar por occasião da Terceira Convenção Annual dessa Sociedade.

Os governos de todas as paizes da America do Sul e da America Central foram convidados a enviar delegadas à Conferência. Estes comités, sem caracter official do Governo dos Estados Unidos, foram constituídos pelo Ministério de Relações Exteriores por intermedio dos representantes diplomáticos nas Republicas da America Latina. A Liga Nacional das Mulheres que têm voto, conta com o apoio e cooperação do ministro de Relações Exteriores, S. E. o sr. Hughes e do ministro do Commercio, S. E. o sr. Hoover, para levar a effecto esta Conferência.

Além dos delegados officiaes que serão designados pelos governos, a Liga convidou todas as sociedades mais importantes constituídas por senhoras a enviar as suas representantes e bem assim esbora convidar muitas das senhoras de destaque do Canada, Mexico, Haiti, Cuba e das republicas da America do Sul e da America Central.

A Liga espera por este meio fazer reunir um grupo importante de senhoras de influencia, promovendo assim o estreitamento de relações amigáveis entre as senhoras as tres Americas.

A União Pan-Americana está tambem trabalhando com a Liga das Mulheres que têm voto para o bom successo da Conferência. O sr. Dr. L. S. Rowe, director geral, fallando do projecto, disse: "O programma da Liga das Mulheres que têm voto é admiravel. O seu cumprimento representará um grande passo para o desenvolvimento da solidariedade pan-americana. Esta Conferência será, provavelmente, uma das séries que servirá o duplo fim de fazer conhecer as mulheres do Continente americano os ideaes e aspirações das mulheres de cada um dos paizes, ao mesmo tempo que reforçará o espirito de solidariedade do continente que constitue hoje a mais importante garantia para a manutenção da paz do mundo".

Esta Conferência não pretende substituir, no seu trabalho a Commissão Auxiliadora de Senhoras do Segundo Congresso Scientifico Pan-Am-

ericano. Servirá apenas como um elo mais forte da cadeia da amizade que liga os povos das tres Americas.

A Conferência inaugurará-se no dia 20 de Abril e constará de tres dias de conferencias geraes. Estas conferencias terão por assumpto problemas de interesse especial para as mulheres e serão dirigidas por esbora em cada um dos assumptos. A conferência sobre o bem estar das crianças será dirigida pela Miss Grace Abbott, directora da Republica de Frances do Ministerio do Trabalho dos Estados Unidos, e a conferência sobre as mulheres nas indústrias pela Miss Mary Anderson da Republica de Mulheres do Jito Ministerio. A sra. Valeria H. Parker, secretária do Conselho Interdepartamental de Hygiene Social, dirigirá a discussão sobre os meios de evitar o trafico de mulheres e a Miss Julia Abbott, da Republica de Instrução do Governo Federal, encarár-se-á da conferência sobre ensino. Haverá tambem conferencias sobre o estatuto politico e civil das mulheres, dirigida pelas Mrs. Mabel Walker Willebrandt, procuradora geral adjunta da Republica dos Estados Unidos e pela Mrs. Carrie Chapman Catt, presidente da Aliança Internacional do Suffragio Feminino. Os delegados de todos os paizes americanos tomarão parte nestas conferencias.

No tarde de domingo, dia 27 de Abril, haverá uma assembléa geral. Os delegados pan-americanos serão convidados a fallar sobre as "Lecções dadas ás Mulheres".

Na semana seguinte haverá festas em honra dos delegados, incluindo um banquete, uma assembléa geral em Washington e visitas a lugares de interesse. O Collegio de Bryn Mawr convidou os delegados a passar ali o dia. As sessões da Convenção Annual da Liga das Mulheres que têm voto, terão lugar nos dias 25, 26 e 27 de Abril estando todas as senhoras da America Latina convidadas a assistir aos trabalhos, gozando todos os direitos com excepção do voto.

A Liga Nacional das Mulheres que têm voto, preside na Mrs. Mand Wood Park de Washington, é uma sociedade que tem por fim educar as mulheres para serem cidadãs intelligentes e usar do seu voto o melhor possivel e apoiar os melhoramentos a introduzir na legislação. E' composta da Ligas Estaduales, que se acham funcionando em cada um dos 48 estados do Unão. A Liga do estado de Maryland fará as honras da esbora durante a Conferência e a Convenção e as senhoras de Maryland estão planejando com grande prazer os festejos em honra das convidadas pan-americanas.

A Liga da Emancipação da Mulher e o voto feminino

Aos deputados que trataram da emenda sobre o voto feminino, a Liga da Emancipação da Mulher, dirigiu por intermedio da sua presidente, o seguinte officio:

"Sr. deputado. Não pode a Liga para a emancipação da mulher, que se alicha e indifferente à iniciativa tomada por v. ex., apresentando a Camara uma emenda propondo a concessão do direito de voto ás mulheres. Cabe-nos pelo contrario o grato dever de manifestar o nosso reconhecimento e a satisfação com a iniciativa de v. ex., vemos surgir novamente na Camara esta questão que julgamos de summa importancia, não só para a mulher brasileira mais para toda a Nação.

Tomando em consideração que o direito do sufrágio já foi concedido à mulher em perto de 30 paizes os mais diversos incluindo as grandes potências Grã Bretanha, Estados Unidos, Alemanha, como tambem a Finlândia, os paizes Escandinavos, Republica Tchecoslovaca, Grecia, Servia e mesmo a Palestina, não é mais possível considerar a emancipação politica da mulher como uma coisa in-

solita. Atendendo a que em todos os paizes incluído no presente, como a Italia a China e a Turquia existem organizações feministas que trabalham pacientemente, com perseverança e tenacidade, obtendo gradualmente as reformas necessarias, não tem mais cabimento a acção de que o desejo mais fervido da mulher de exercer os direitos de cidadã se representa apenas um capricho.

Nem é possível negar o acerto da medida nos paizes em que já é electora e elegivel quando se faz um estudo demorado de sua actividade politica. Fácil então é verificar que ella se caracteriza sempre pela acção constructora e pelo interesse que dedica aos problemas de importancia pratica, principalmente ás questões de ordem moral e social. Fica patente que as poucas horas gastas pelas electoras como o demonstram as estatísticas em comparecer ás urnas em proporção de 70 a 80 % em nada prejudicam os seus outros deveres e que muito tem feito para moralizar a politica para proteger a infancia e as operarias no interesse da raça, para mover a immensidade da população a garantir, solidificar e aperfeiçoar o seu lar. Enfim, não é mais possível negar o interesse que mostram as nossas avarias publicas em geral, e pela a questões de recolha e de orientação de governo nem invocar a sua falta de competences para as mulheres têm adaptação rapida: em pouco tempo em condições extraordinariamente difficeis, tomaram a si com grande éxito postos de responsabilidade durante a guerra. Nos paizes da Europa Central nos quaes o voto foi concedido de um momento para outro, após a instituição do governo republicano ocorreu semelhante facto. Na Alemanha, por exemplo, paiz em que o governo imperialista não cogitava de hypothese alguma em conceder o voto ás mulheres foi instituído confiantemente e com publico êxito em 1918. No espaço das poucas semanas que transcorreram entre esta data e as primeiras eleições, as leaders feministas procuraram as suas mulheres integralmente inexperientes para o exercicio de seus novos direitos com tanto sucesso que perto de 90 % da população feminina compareceu ás urnas, sendo electas 38 mulheres deputadas federaes, 132 estaduais e 140 membros dos Conselhos Municipaes. Actualmente tudo demonstra que ás mulheres de todos os paizes não só creem como a brasileira, tendem a participar cada vez mais de um modo mais directo no governo. Ora, a historia demonstra com eloquencia que quando a mulher tem surtido activamente para collaborar nos destinos da humanidade o tem feito não por vaidade e capricho, mas porque as circunstancias tornavam necessaria a sua intervenção. Assim o foi em certos momentos ênicos assim o foi em certos momentos decisivos, assim ultimamente durante a guerra. E' o que têm compreendido os paizes constituintes e os paizes de preconeitos e prejuizos muitas vezes seculares concederam direitos políticos ás mulheres e os paizes que não tinham tambem os paizes novos desde o inicio incluíram esta medida na sua Constituição. E os que comprehendiam na America presidente Baltasar Brum de quem, na vinda republicana brum a iniciativa de emancipação politica das mulheres, e em nosso paiz os illustres brasileiros entre os quaes v. ex., ou trabam a iniciativa de instituir o sufrágio feminino aqui.

Sentimo-nos pois no dever, não só de agradecer como mulheres mas como brasileiras de correlataras com v. ex. pela nova tentativa que ousamos esperar será coroada de successo, mas que nos obriga a fazer de um modo directo e effizaz a plena consciencia do nosso dever e de nossa responsabilidade para a grandeza do Brasil.

Confiantes na acção de v. ex., reitores com os agradecimentos da Liga das Mulheres que têm voto e de mu distincta consideração. (A.) — Bertha Lutz, presidente".



A Fonte Primitiva.

Existe sómente uma Aspirina. Surgio ella da fonte Bayer e extendeu sua fama pelo mundo inteiro. Quem se referir a ASPIRINAS, está, portanto, em erro fundamental.

Da mesma fonte sahiu a Phenacetina, e as duas associadas, formaram uma corrente poderosa (Comprimidos Bayer de Aspirina e Phenacetina), para combater catarrhos, resfriados, grippe, etc.

Um tributario de grande importancia, a Cafeina, unida em dose therapeutica á Aspirina (Comprimidos Bayer de Aspirina e Cafeina), formou outra corrente de força incomparavel para vencer, de modo seguro e rapido, as dôres de cabeça, dentes e ouvidos; as nevralgias, as enxaquecas, etc.

PREÇO DE VENDA DO TUBO ORIGINAL:

Comprimidos de Aspirina	3\$000
„ de Aspirina e Cafeina (Cafiaspirina) e Aspirina e Phenacetina	3\$500

LIVROS A' VENDA NESTA REDACÇÃO

As melhores histórias e as melhores não podem prescindir de um certo número de obras que são necessárias ao estudo de uma senhora, e das que tem a ver com a vida, nesta redacção, são úteis, interessantes, e, sobretudo, absolutamente modernas.

Nos preços, indicados em cada um dos volumes está incluído o frete pelo correio.

ENCARRA O KAINIA, lindo romance publicado nas páginas da *Revista Feminina*, e que tanto excitou a atenção. É edificante pelo seu conteúdo altamente moral, e ao mesmo tempo cheio de espírito e de graça. Cada vez mais crescente, dos seus episódios. O enredo do magnífico romance, é tão bem urdido, que o leitor se deixa levar pelos arrebatamentos das suas páginas, vivendo a vida das personagens e transportando-se para o lugar onde a acção se passa. É uma leitura que satisfaz a todos os gostos.

Um grosso volume nitidamente impresso. — Preço \$3000.

ENTRE DUAS ALMAS, é um romance sensacional que tem feito um enorme sucesso em todo o mundo. Ele conta as tradições de quatro idiomas, e que pôde bem ser evidência o seu valor. É um romance moral, e cujo enredo decorre de uma maneira empolgante. — Preço \$4000.

COLLECÇÕES ENCADENADAS DA "REVISTA FEMININA", compreendendo os annos de 1913 e 1920. As bestas que não collectionam a nossa revista ou aquelas que têm curiosidade de conhecer, devem adquirir as nossas collecções, que formam grossos e volumosos volumes encadernados em percalão a cores diversas, ou dizeiros a letras douradas. Volumes próprios para presentes de aniversário e que devem ser considerados como livros de consulta, por da sua variedade e interessantíssima leitura. — Preço \$25000 cada collecção.

FLORES DE SOMBRA, comédia de Claudio de Souza, uma das obras de maior estilo no teatro nacional. — Preço \$3000.

NOVA SEIVA, e melhor livro de contos que ha para crianças, mais instructivos, interessantes pela variedade, e excelsos em linguagem, simples, correcta, no alcance das intelligencias infantis. Grande sucesso emquanto, encadernado, com varias estatuas de ninfas e vulturas gravadas. Edição luxuosa propria para presentes ao para-reino das crianças e estudantes. — Preço \$5000.

MADRE MARIA THEODORA, elegante e maravilhosa polygraphia offerecida a Superioria Provincial do "Jornal de S. José de Champey". Precioso volume, de cerca de "duzentas paginas", cheias de lindas gravuras impressas em finissimo papel glace. — Preço \$15000.

A LUZ CRESCENTE, collecção dos famosos poemas do grande poeta indio Rabindranath Tagore, que, pelo seu alto valor, recebeu o premio Nobel, que o consagrou o maior poeta da sua época e um dos maiores poetas do mundo. É escrito em prosa portugueza, de Plácido Barbosa, é de arte, dando bem idea da belleza original dos poemas. Quem quiser conhecer a poesia oriental, tão suggestiva, tão profunda, do original, deve ler esta collecção do poeta indiano. — Preço \$4000.

O TURBILHÃO, essa peça theatral de Claudio de Souza, que é uma das mais sensacionais e mais modernas do "Jornal de S. José de Champey". Precioso volume, de cerca de "duzentas paginas", cheias de lindas gravuras impressas em finissimo papel glace. — Preço \$15000.

A DOR DE AMAR, um dos mais interessantes romances da vida actual. Narração de amor, cheia de epistolas sentimentaes e interessantes commoventes. O autor, neste romance, tem conselhos sobre a vida sentimental que impressiona pela sua justica e verdade. — Preço \$4000.

A JANGADA, lindo comedia em tres actos de Claudio de Souza. — Preço \$3000.

AS SENSATIVAS, magnifica comedia em tres actos de Claudio de Souza. Pelo correio, registrado, \$3000.

HELOISA. Este romance de Dr. Augusto Franco de Sá vem fazendo um sucesso enorme, mercedo ao seu estilo claro, da curiosidade que o seu enredo desperta e de numerosos episódios que se passam em Paris, Londres, Roma e outros capitais. Heloisa, que é uma creatura perfeita, filha má, cheia de odio e intrigas, vive a vida de uma pessoa perdendo a sua dignidade e adquirindo qualidades e virtudes que a tornam uma verdadeira santa. Não ha quem se não sente impressionado profundamente ao ler este romance.

Um grosso volume, de mais de 300 paginas, em elegante e sonora encadernação. É um livro proprio para presentear uma moça. Um volume, 4000 réis. Preço nesta redacção.

A FILHA DO DIRECTOR DO CIRCO. É este um dos romances mais interessantes da grande escriptura allmã baronesa Freda von Schlegel, e uma das obras mais vulgarizadas em todo o mundo. A sua leitura é empolgante e impressionadora. Ha poucos de quem tenham lido com tal profundidade, que nas suas memórias impressas. O enredo é curiosissimo, e todo elle tem a sua vida real.

A traducção portugueza é excellente. Um grosso volume de cerca de 800 paginas, lindamente encadernado e nitidamente impresso, proprio para presente, 6500 réis. Preço nesta redacção.

DIGESTIVO PICARD é um tónico digestivo incomparavel em todas as formas da dyspepsia. Produz bem-estar gastro-intestinal em todos os casos de má digestão, azia, prisão de ventre, acidez, má humidade e outras enfermidades do tubo digestivo. É de resultado absolutamente efficaç.

Vende-se nesta redacção. Um frasco, 6000, registrado pelo correio. Nesta redacção, 50000 o vidro, registrado pelo correio.

Preparados que se vendem nesta redacção

RECEITAS DE BELLEZA PARA COLORIR OS CABELLOS. Desde os tempos mythologicos — com a magica Medea — o homem procura resistir, por meios artificiaes, aos estragos da idade. Vendo principiaes preparativos — cabelos brancos, que são os primeiros e os mais evidentes signaes da velhice.

Entre as tinturas usadas para tal fim figuram as de saes de chumbo, de prata, de cobre, de mercúrio, de cal, de bismutho, de zinco e outras, que produzem sobre o organismo inteiro graves danos a base de sulfato de cálcio e sulfato de amoníaco. São nuncas toxicas, mas irritam o couro cabeludo e provocam a calvície. Entre as tinturas a base de nitrato de prata, são de mais de acção toxica, lenta e fatal. Ha, porém, alguns productos vegetaes inoffensivos que, infelizmente, não são conhecidos e por isso não se usam. A unica que se pôde recomendar aqui é a de nitrato de prata, que se encontra em todas as farmacias, e a de nitrato de prata, que se encontra em todas as farmacias, e a de nitrato de prata, que se encontra em todas as farmacias.

A Empresa Feminina Brasileira acaba de receber uma pequena quantidade.

Podez obter por intermediação da nossa "Revista", enviando a importância de 10000 e mais \$500 para a remessa.

POMADA RENV PARA SARDAS, MANCHAS E PANNOS. Este preparado, que se recomenda por mais de vinte annos de applicação e pela sua efficaçia sobremaneira comprovada, é o que ha de melhor para as manchas da pelle e para a torná-la clara, macia e fina. É absolutamente inoffensiva, e contém alguns dias de uso a sua efficaçia é prompta e segura.

É fabricado em tres typos: "Moderada", "Forte" e "Extra-forte". A primeira é usada na mancha dos cabelos, a segunda para as manchas que o primeiro não faz efficaçia, e a ultima para ser applicada unicamente nos braços e nas mãos.

Pedidos a esta redacção. \$4000 o frasco; pelo correio, registrado, \$5000.

VANADOL, é o mais efficaç dos tónicos reconstituintes. É aconselhado para todos os casos em que se exige um tratamento tónico. Conte: 1.º o específico da anemia, do chlorose, do fado de sangue, do tórax; 2.º o tónico das células, dos nervos, dos musculos, do cerebro, do estomago. O seu uso se faz indispensavel a todas as pessoas enfraquecidas, aos neurasthenicos, aos velhos, aos rachiticos, aos convalescentes. Pedidos a esta redacção. Preço: 10000; pelo correio, registrado, 11000.

CREME DE BEAUTE ZABELLA E LOCOS. Preparado por Madame Zabella, directora do Consultorio Technico de Belleza, de Rio de Janeiro. Este creme é usado geralmente como se usam todos os cremes. Limpa os outros, porém, só servem para branquear a pelle e fixar o pó d'arte. O Creme de Beauté Zabella, tem, além desta utilidade, em que supera os melhores, a propriedade de curar todas as enfermidades da cutis, como manchas, bolhas, epithelias, pannos, asperções e outros defeitos, que tanto aficam o rosto.

A sua efficaçia é garantida. Ler no prospecto a maneira de usar.

A venda nesta redacção. \$500, pelo correio, registrado, 10000.

PREPARADO N.º 1, loção adstringente para a cutis de transpiração poriferosa, para manchas, pontos negros e borbulhos. Depois de humedecer o rosto com este preparado, faz-se uma pequena massagem com o "Creme de Beauté Zabella". A cura é garantida das enfermidades da pelle. — Preço \$500, pelo correio, 10000.

PREPARADO N.º 2, loção emoliente para a cutis muito delicada. Esta loção, pelos seus componentes medicinas e hygienicos, deve fazer parte inseparavel das coisas uteis e indispensaveis a todas as damas que prezam a sua belleza. Sua acção é extraordinaria contra as manchas de sol, as asperções da pelle produzidas pelo frio e outras causas, tendo a propriedade de amaciar e branquear a cutis. Depois de usado, applica-se o "Creme de Beauté Zabella". Preço \$500, pelo correio, 10000.

UM TONICO MARAVILHOSO. Os brasileiros são, em geral, anemicos. A anemia, na mulher, conduz a velhice precoce, e no homem diminui a capacidade de acção, ao falar em outros males muito mais serios. A fraqueza da pelle, a sua asperção, a sua careca e a ruga desagradavel da sua tez, produzem a anemia de origem luetica, e para este caso, como para todos os que se exige uma tonificação poderosa e de resultados promptos, aconselhamos o "Tónico de Ferro". É o específico da saúde. Preço, 7500. Pelo correio, 8000.

PRODUCTOS DE BELLEZA "GABY", pela sua excellencia incomparavel, pela sua efficaçia, conquistaram as sympathias das senhoras de tratamento. O Creme Gaby, magnifico para a pelle, \$500, pelo correio \$600. O Creme Gaby, para a pelle e a saúde, \$500, pelo correio \$600. As Linhas Gaby, fixativas, para regularizar a tez, \$500, pelo correio \$600.

FLUXIONEDATINA — Medicamento de real efficaçia nas incommodos uterinos, como nas amenorrhéas, dysmenorrhéas, hemorragias, e todas as perturbações da vida critica. Em menos de duas horas cede a colica uterina. Com este medicamento, os partos effectuam-se sem dor e rapidamente e sem os perigos de outros. Preparado do chimico Silvino Pacheco de Araújo. Vende-se nesta redacção. Um frasco, \$5000, registrado pelo correio.

ELIXIR 914 — O mais activo e racional anti-syphilitico e anti-rheumatico. É uma medicação energica e segura no tratamento de todas as moléstias da pelle e do sangue. É o tónico depurativo mais poderoso que se conhece.

Livraria Francisco Alves

Caixa Postal, L

End. Telegr. FILALVES

RUA LIBERO BADARO N.º 129
S. PAULO

POESIAS, por Olavo Bilac: nova edição augmentada com os 93 sonetos do livro "Tarde", 1 vol. de 391 pag., br. 75000, enc. \$5500

CANTOS DE LUZ, versos de Luiz Guimarães Filho, musica do Dr. Carlos de Campos e desenho de Cora Dias. 1 grande vol. ricamente impresso e encadernado. 20\$000

HISTORIAS E PAIZAGENS, por Affonso Arinos, 1 vol. br. 4\$000 encadernado. \$5500

EM PERNAMBUCO, pelo Dr. A. Austregasil, 1 vol. br. 4\$000, enc. \$5500

HISTORIAS DO GUEDES, com illustrações de J. Carlos, 1 vol. cart. 3\$000

PRIMEIRAS SAUDADES, leitura para o curso medio das escolas primarias, por M. Bomfim, 1 vol. cart. 4\$000

RESERVISTA PRATICO, ensaio pratico do exercicio de infantaria, nomenclatura de fuzil Mauser mod. 1908 e nomenclatura do tiro para os Reservistas, 1 vol. br. 5\$000

GEOGRAPHIA GERAL, compendio destinado ás Escolas Normaes, Lyceus, Gymnasios, Atheneus, Collegios Militares, Cursos de Adultos e de Preparatórios, por Olavo Freire, 1 vol. de mais de 500 pag., contendo todas as modificações havidas na Europa e outras partes do mundo. 10\$000

Acaba de sahir do prelo:

A Esposa do Sol

emocionante romance historico

DE

GASTON LEROUX

Tradução autorizada do francez.

POR

Nykota Sampaio

Encadernado 5\$000

Para o porte mais 500 réis

Não será grande o numero de romances de valor que deixam o leitor ansioso, suspenso, para saber a sorte dos protagonistas, como esta nova obra de GASTON LEROUX.

As notas historicas, longe de prejudicarem o interesse, concorrem muito para maior apreciação do romance.

Pedidos á redacção da

REVISTA FEMININA

AV. S. JOÃO, 87

(Altos)

S. PAULO

Crianças Palidas, Lymphaticas, Escrophul. sas,

Rachiticas ou Anemicas



O **JUGLANDINO** de GIFFONI é um excellentissimo constituinte dos organismos enfraquecidos das crianças, *pode ser usado como tónico depurativo e anti-escrophuloso*, que nunca falha no tratamento das moléstias consumptivas acima apontadas.

É superior ao óleo de fígado de bacalhão e suas emulsões, porque contém em muito maior proporção o *todo vegetal* e intimamente combinado ao *luminoso da noqueira* (*Juglans Regia*) e o *Phosphore Physiologico* medicamento eminentemente vitalizante, sob uma forma agradável e inteiramente assimilavel.

É um xarope saboroso que não perturba o estomago e os intestinos, como frequentemente succede ao óleo e as emulsões dahi a preferencia dada ao **JUGLANDINO** pelos mais distintos clinicos, que o recebem diariamente aos seus proprios filhos. — Para os adultos preparamos o **VINHO TONICO TANNICO GLYCERO-PHOSPHATADO**.

Encontram-se ambos nas boas drogarias e pharmacias desta cidade e dos Estados e no deposito geral: **Pharmacia e Drogaria de FRANCISCO GIFFONI & C.ª** Rua Primeiro de Março, 17 — Rio de Janeiro.

NOVA SEIVA

Este é o melhor livro de contos que ha para crianças. É um grosso volume, nitidamente impresso em finissimo papel e ornado com mais de 150 illustrações onde se vem magnificos contos instructivos, moraes e interessantissimos como enredo que farão as delicias das crianças e das pessoas adultas. Edição de luxo, propria para presente de anniversario. — Vende-se nesta Redacção. Preço \$5000. Pelo correio registrado 6\$000.

A PAULICÉA OFFICINA DE GRAVURA

Aristides Castignani

Rua dos Gusmões N. 82 — Teleph. 5889 Cidade

NESTA OFFICINA EXECUTA-SE COM A MAXIMA PERFEIÇÃO. — CLICHÉS EM PHOTO-GRAPHIA E ZINCOGRAPHIA. — ESPECIALIDADE EM SERVIÇOS DE CORES E PHOTO-LITHOGRAPHIA. — ACCEITA-SE QUALQUER ENCOMENDA PARA CATALOGOS E OBRAS DE LUXO.

Marmoraria TOMAGNINI

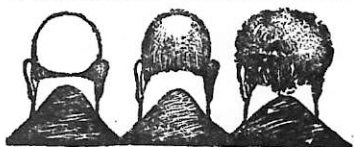
Especialidade em tumulos de marmore e granito polido

PIETRASANTA (Carrara) Italia

Rua Paula Souza, 85

S. Paulo — Telephone, 3378 — Central

"O PILOGENIO" serve-lhe em qualquer caso



Se já quasi não tem serve-lhe o PILOGENIO, porque lhe fará vir cabelo novo e abundante.
Se começa a ter pouco, serve-lhe o PILOGENIO, porque impede que o cabelo continue a cair.
Se ainda tem muito, serve-lhe o PILOGENIO, porque lhe garante a hygiene do cabelo.

Ainda para a extincção da caspa

Ainda para o tratamento da barba e loção de toilette-OPILGENIO

**Sempre "O PILOGENIO"
"PILOGENIO" SEMPRE**

A' VENDA em todas as pharmacias, drogarias e perfumarias

LYCETOL
GRANULADO
GIFFONI
DISSOLVE E EXPELLE
o ACIDO URICO

CONTRA
GRIPE URICA - COLICAS NEPHRITICAS
CALCULOS BILIARES
ARTHRITISMO - RHEUMATISMO
→ GOTA ←

EM TODAS AS PHARMACIAS E DROGARIAS DO BRASIL
DEPOSITO GERAL DROGARIA GIFFONI
DE
FRANCISCO GIFFONI & C. - RUA 1.ª DE MARÇO 17
RIO DE JANEIRO

PALACE HOTEL

Aos forasteiros elegantes, aos touristes, a todas as pessoas que têm habitos finos e de conforto, aconselhamos que, ao vir a S. Paulo, se hospedem de preferencia no PALACE HOTEL, á rua Florencio de Abreu n. 102. Esse hotel foi montado segundo os melhores modelos do genero, não temendo competições com os mais modernos. Occupa um vasto predio, especialmente construido para esse fim, e á sua montagem presidiu um alto espozito de elegancia, de bom gosto e de luxu discreto. O seu serviço é incontestavel. A sua cozinha, magnifica, recomendoando-se pela riqueza e variedade dos "menus". Tudo é executado com asseio, escriptulo e a mais rigorosa hygiene. Todos os quartos, que são amplos, elegantemente mobiliados e confortaveis, têm telephone, agua encanada e muitos outros recursos. Podemos affirmar que, mesmo nas capitais europeas mais adeantadas, poucos estabelecimentos se lhe podem comparar.

Um magnifico quarteto de professores executa, durante as refeições, um variado programma onde figuram as mais recentes composições musicas.

Os seus preços, entretanto, quer os de hospedagem, que os de restaurant e bar, são notoriamente commodos.

VINHO BIOGENICO
(Vinho que dá vida)

Para uso dos convalescentes, das puerperas, dos neurasthenicos, anemicos, dyspepticos arthriticos. Poderoso tonico e estimulante da "Vitalidade", o VINHO BIOGENICO é o restaurador naturalmente indicado sempre que se tem em vista uma melhora da nutrição, um levantamento geral das forças, da actividade psychica e da energia cardiaca.

É o fortificante preferivel nas convalescenças, nas molestias depressivas e consumptivas, (neurasthenia, anemia, lymphatismo, dyspepsias, adynamia, cachexia, arterio-sclerose), etc.

Reconstituinte indispensavel ás senhoras, durante a gravidez e após o parto, assim como ás amas de leite. É um poderoso medicamento bioplastico e lactogenico.

Receitado diariamente pelas sumidades medicas

Encontra-se nas boas pharmacias e drogarias. Depósito Geral:
PHARMACIA E DROGARIA de - FRANCISCO GIFFONI & C.
Rua 1.ª de Março, 17 Rio de Janeiro

ARTE - CUBINARIA

ADALDO - CUBINARIA

Este livro é o primeiro de uma série de três, que trata da arte da cubinaria. O primeiro livro trata da cubinaria em geral, o segundo da cubinaria de mesa e o terceiro da cubinaria de sala.



Este livro é o primeiro de uma série de três, que trata da arte da cubinaria. O primeiro livro trata da cubinaria em geral, o segundo da cubinaria de mesa e o terceiro da cubinaria de sala.

Envie, para seu endereço, a quantia de dois mil reais em dinheiro, para a Agência Adalfo, Rua São João, 87 - São Paulo, S. Paulo.

Este livro é o primeiro de uma série de três, que trata da arte da cubinaria. O primeiro livro trata da cubinaria em geral, o segundo da cubinaria de mesa e o terceiro da cubinaria de sala.

PASTILHAS AMERICANAS

do Dr. MALCOM

O MALCOM PREZADO ESTE LIVRO

A Pastilha Americana é um medicamento muito eficaz para a cura da gripe, resfriado, tosse, dor de garganta, dor de cabeça, febre, etc. É muito fácil de tomar e não causa nenhum efeito colateral.

DOSAGEM: PARA ADULTOS: 1 Pastilha 3 vezes ao dia, após as refeições. PARA CRIANÇAS: 1/2 Pastilha 3 vezes ao dia, após as refeições.

Pedidos a Revista Feminina
Avenida São João, 87 - altos

S. P. Mfg. Druggs Co.

Empresa Feminina
Brazileira

Avenida São João, 87 - altos
S. PAULO

2 ESPECIALIDADES

QUE NUNCA DEVEM FALTAR
N'UMA BEM DIRIGIDA CASA.



CERA PARA SOALHOS
Parquetine
MARCA 2 ANCORAS

PARQUETINE
É UM PREPARADO ESPECIAL, ÚNICO
DO GÊNERO, QUE LUSTRA E RENOVA
QUALQUER SOALHO, SENDO A MAIS
ANTIGA MARCA, PREFERIDA PELAS DO-
NAS DE CASA DE BOM GOSTO. —
AS "DUAS ANCORAS" SÃO A GARANTIA
DA QUALIDADE.

FABRICA **2 ANCORAS**
A. BEHMER & FILHOS
ESCRIT. LARGO DO THESSALON, S.



PASTA
DUAS
ANCORAS

PARA CONSERVAR E POLIR CALÇADOS

A PASTA "2 ANCORAS" — recomenda-se pela verdadeira conservação do calçado.
A "PARQUETINE" — torna qualquer soalho novo e brilhante.